

METROPOLIS



ANTEVISÃO 2019 30 FILMES+SÉRIES

TOY STORY 4
O REI LEÃO
HOMEM-ARANHA: LONGE DE CASA
ONCE UPON A TIME IN HOLLYWOOD
AVENGERS: ENDGAME
ROCKETMAN
ALADDIN
STAR WARS IX

GUILLERMO DEL TORO
MATRIX 20 ANOS
M. NIGHT SHYAMALAN
ENCONTROS UNIFRANCE

IRMÃOS DE SANGUE. SISTERS DE NOME.

JOHN C. REILLY JOAQUIN PHOENIX JAKE GYLLENHAAL RIZ AHMED

OS IRMÃOS SISTERS

ANAPURNA PICTURES APRESENTA UMA PRODUÇÃO DE MICHAEL DE LUCA UMA PRODUÇÃO DO TOP DRAWER ENTERTAINMENT JOHN C. REILLY JOAQUIN PHOENIX JAKE GYLLENHAAL RIZ AHMED "THE SISTERS BROTHERS" RUTGER HAUER
DIRETOR DE CENAS FRANCINE MAISLER MONTAJA ALEXANDRE DESPLAT MÚSICA MILENA CANONERO MONTAJA JULIETTE WELFLING PRODUÇÃO DE EXECUÇÃO JEAN-BAPTISTE POUILLON PRODUTORA MARTINE CASSINELLI DESIGNER DE PRODUÇÃO MICHEL BARTHELEMY A.D.C.
EDITORA BENVOIT DEBIE S.B.C. PRODUÇÃO EXECUTIVA MEGAN ELLISON CHELSEA BARNARD SAMMY SCHER PRODUÇÃO EXECUTIVA PASCAL CAUCHETEUX PRODUÇÃO EXECUTIVA GREGOIRE SORLAT MICHEL MERKT MICHAEL DE LUCA ALISON DICKEY PRODUÇÃO EXECUTIVA JOHN C. REILLY, JR.
DIRETOR DE CENAS PATRICK DE WITT MONTAJA JACQUES AUDIARD 21 FEVEREIRO NOS CINEMAS THOMAS BIEGAIN PRODUÇÃO EXECUTIVA JACQUES AUDIARD

NOS WHY NOT? P+TH A ANAPURNA 2 cinema france+3cinéma francetélévisions UGC CANAL+ OCS IMR



METROPOLIS



ANTEVISÃO 2019
30 FILMES + SÉRIES

TOY STORY 4
O REI LEÃO
HOMEM-ARANHA: LONGE DE CASA
ONCE UPON A TIME IN HOLLYWOOD
AVENGERS: ENDGAME
ROCKETMAN
ALADDIN
STAR WARS IX

GUILLERMO DEL TORO
MATRIX 20 ANOS
M. NIGHT SHYAMALAN
ENCUENTROS UNIFRANCE

ONEMETROPOLIS.COM
ANO 41 Nº66 | FEVEREIRO 2019

METROPOLIS

2019: GRANDES EXPECTATIVAS

O ano que terminou trouxe sinais negativos para a exibição de cinema em Portugal, com uma quebra de público superior a 10%, e que já foram adensados com os primeiros resultados de 2019 – em janeiro desde ano, e face ao período homólogo do ano anterior, registou-se um decréscimo de 1000.000 espectadores nas salas nacionais.

A conjuntura portuguesa parece estar dependente de uma oferta apelativa para registar resultados positivos que sejam semelhantes aos verificados noutros territórios em 2018. Assim, podemos olhar com alguma expectativa positiva para o ano que começou agora.

A antevisão preparada pela **METROPOLIS** coloca no cartaz uma série de estreias que podem mobilizar os espectadores. Desde logo vamos ter oportunidade de seguir as novas narrativas de vários autores de latitudes diferentes e com experiência diversa: Greta Gerwig, Paul Verhoeven, James Gray, Todd Phillips, Pedro Almodóvar, James Mangold ou Quentin Tarantino.

Haverá produções ambiciosas que afirmam o investimento dos estúdios em potenciais campeões de bilheteira – os habituais filmes de super heróis («Avengers: Endgame»), «Homem-Aranha: Longe de Casa» e «Captain Marvel»), um musical que passa do palco para as salas de cinema («Cats») e uma série televisiva de sucesso filmada em longa-metragem («Downton Abbey»).

As expectativas para 2019 ficam insufladas quando vemos o calendário de estreias da Disney: as versões de imagem real de «Dumbo» e «O Rei Leão», o quarto episódio da série «Toy Story», e o encerramento da terceira trilogia da saga «Star Wars» vão ser, seguramente, as grandes locomotivas do ano.

Finalmente, olhando para algumas das estreias portuguesas do ano, percebemos que iremos assistir a histórias biográficas centradas em figuras com apelo popular, como «Snu» e «Variações», e ver os dois filmes de Gabriel Abrantes e da dupla João Salaviza e Renée Nader Messora que foram premiados no Festival de Cannes em 2018.

Tudo indica que vale a pena esperar para ver!

TIAGO ALVES

DIRECTOR

Jorge Pinto

EDITOR

Tiago Alves

EDITORA TELEVISÃO

Sara Quelhas

REDACÇÃO

Catarina Maia

Nuno Antunes

Tatiana Henriques

Sérgio Alves

COLABORADORES

Aisha Rahim

Inês N. Lourenço

Luís Salvado

Marco Oliveira

Maria Henriques - Raposo

Pedro Santos Ferreira

Rui Pedro Tendinga

Rita Fonseca

Rodrigo Fonseca

Sara Afonso

Vasco Baptista Marques

DIRECÇÃO GRÁFICA

Maria João Barcelos

SITE

Cristina Brites - 7App

FEVEREIRO 2019 - NÚMERO 66

redacao@cinemametropolis.com

facebook: revistametropolisportugal

ANTEVISÃO CINEMA

Um alinhamento de sonho para fãs e cinéfilos, 2019 é um ano irresistível para o cinema, apontamos várias pistas para ninguém faltar ao apelo da sétima arte.

ANTEVISÃO TV

A televisão continua a alta velocidade, com muitas estreias e regressos à porta. Fique a conhecer a seleção da **METROPOLIS** para os próximos meses.

GUILLERMO DEL TORO

Uma conversa com um dos mais geniais autores do cinema moderno que aborda o passado, presente e futuro da sua carreira.



6 PLANOS DO MÊS

10 COLUNA ALEGRIA NA CAVERNA
OS GOONIES

72 UNIFRANCE

76 GUILLERMO DEL TORO
PINÓQUIO

82 M. NIGHT SHYAMALAN

86 LAURENCE FISHBURNE
MATRIX - 20 ANOS

90 WILLEM DAFOE

96 ASGHAR FARHADI

100 YORGOS LANTHIMOS

104 KINO

110 A ÁRVORE DA DISCÓRDIA
ENTREVISTA HAFSTEIN GUNNAR
SIGURDSSON

114 CASA DE VIDRO
ENTREVISTA FILIPE MARTINS

118 O MEU AMIGO FELA
ENTREVISTA JOEL ZITA ARAÚJO

122 NOUVELLE SHOT

126 TVCINE - OSCARS

154 VISÕES 2018 (ERRATA)
COLUNA DE OPINIÃO NUNO ANTUNES

66

METROPOLIS

ZAPPING

BONECA RUSSA 136
O JUSTICEIRO 137
THE UMBRELLA ACADEMY 138
DAS BOOT: O SUBMARINO 139
SPRINGSTEEN ON BROADWAY 140

CRÍTICAS

O GRANDE CIRCO MÍSTICO 145
GREEN BOOK
UM GUIA PARA A VIDA 143
MARIA, RAINHA
DOS ESCOCESSES 144
TODOS SABEM 145
MEKTOUB, MY LOVE:
CANTO PRIMEIRO 146
OS IRMÃOS SISTERS 148
A FAVORITA 149
CAFARNAUM 151
ESTRELAS 153

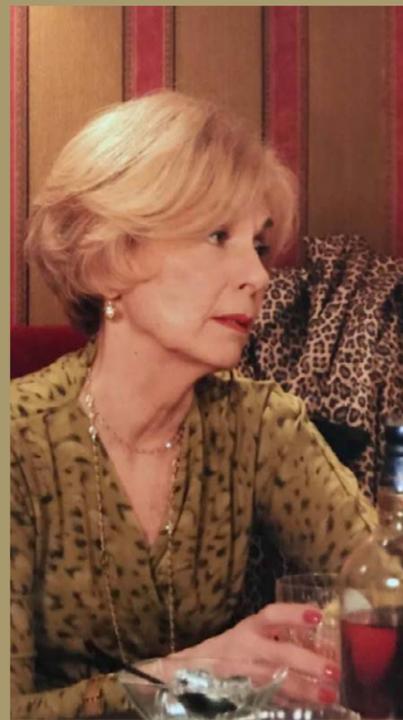
PLANOS DO MÊS

TIAGO ALVES



7 JANEIRO «GREEN BOOK» TRIUNFA NOS GLOBOS

Numa cerimónia onde a distribuição dos prémios foi pulverizada entre vários títulos, «Green Book - Um Guia Para a Vida», conquistou três Globos de Ouro (melhor comédia, argumento e ator secundário), seguido de «Bohemian Rhapsody» e «Roma» (dois cada). Glenn Close e Christian Bale ganharam entre os atores dramáticos enquanto Olivia Colman e Mahershala Ali triunfaram na categoria de musical ou comédia. Desilusões para «Vice», o filme mais nomeado (seis categorias) que saiu com uma única estatueta, atribuída a Christian Bale; e para o par Bradley Cooper e Lady Gaga, preteridos nas suas nomeações como melhores atores.



17 JANEIRO JÚLIA BUISEL: PRÉMIO BÁRBARA VIRGÍNIA

A atriz e assistente de encenação e realização Júlia Buisel venceu a quarta edição do prémio Bárbara Virgínia, por "mais de cinquenta anos de carreira ao serviço do cinema português". A escolha da Academia Portuguesa de Cinema distingue uma autora, anotadora, e supervisora de argumento, sobretudo numa longa colaboração com Manoel de Oliveira. Em 2018, Júlia Buisel estreou-se na realização com o filme «Quantas Vezes Tem Sonhado Comigo», onde utiliza fragmentos escritos de Fernando Pessoa e revisita, algumas das casas onde o poeta viveu, assim como locais que gostava de frequentar. O Prémio Bárbara Virgínia foi já atribuído a atrizes como Leonor Silveira e Laura Soveral e à colorista Teresa Ferreira.



18 JANEIRO TRÊS FILMES PORTUGUESES EM BERLIM

O filme «Past Perfect», realizado por Jorge Jácome, é a única curta-metragem portuguesa selecionada para a competição do festival numa seleção de 23 curtas. «A Portuguesa» de Rita Azevedo Gomes, inspirado no conto de Robert Musil, «Die Portugiesin», com adaptação e diálogos de Agustina Bessa-Luís, surge no Fórum (estreia comercial em Portugal dia 28 de Fevereiro). Na mesma secção paralela será estreado «Serpentário», primeira longa-metragem de Carlos Conceição, sobre um rapaz que vagueia por uma paisagem africana pós-catástrofe em busca do fantasma da sua mãe. O Fórum da Berlinale pretende testar os limites e abrir novas perspetivas sobre o cinema.

21 JANEIRO «GREEN BOOK» GANHA PRÉMIO DE PRODUTORES

A escolha da associação de produtores norte-americanos (Producers Guild of America, ou PGA) distinguiu a comédia dramática de Peter Farrelly com Viggo Mortensen e Mahershala Ali, centrada na relação entre um motorista e o pianista Don Shirley de jazz durante uma digressão ao Sul dos Estados Unidos. «Homem-Aranha: No Universo Aranha» triunfou como melhor filme de animação. Nos prémios de televisão, «The Americans» e «The Marvelous Mrs. Maisel» foram os vencedores em drama e comédia, respetivamente.



22 JANEIRO «ROMA» E «A FAVORITA» LIDERAM NOMEAÇÕES PARA OS ÓSCARES

A Netflix estreia-se nas nomeações para melhor filme e aparece em 10 categorias com a produção «Roma» do mexicano Alfonso Cuarón — incluindo melhor filme, melhor filme estrangeiro e realização. «A Favorita», do grego Yorghos Lanthimos, também somou 10 nomeações, nomeadamente para as três atrizes, Olivia Colman (atriz principal), Rachel Weisz e Emma Stone (atrizes secundárias).



23 JANEIRO CURTA PORTUGUESA NOMEADA PARA OS PRÉMIOS CÉSAR PARA OS PRÉMIOS CÉSAR

«Entre sombras», de Alice Eça Guimarães e Mónica Santos, está nomeado para o prémio César na categoria de melhor curta-metragem de animação, da academia francesa de cinema. O filme utiliza a técnica de pixelização e 'stop motion', com atores reais e interpretação de Sara Costa e Gilberto Oliveira. «Entre Sombras» ganhou o prémio de melhor animação do festival Caminhos do Cinema, de Coimbra, e o prémio do público do festival Curtas Vila do Conde. Os prémios são entregues a 22 de fevereiro.





GERARD BUTLER PETER MULLAN

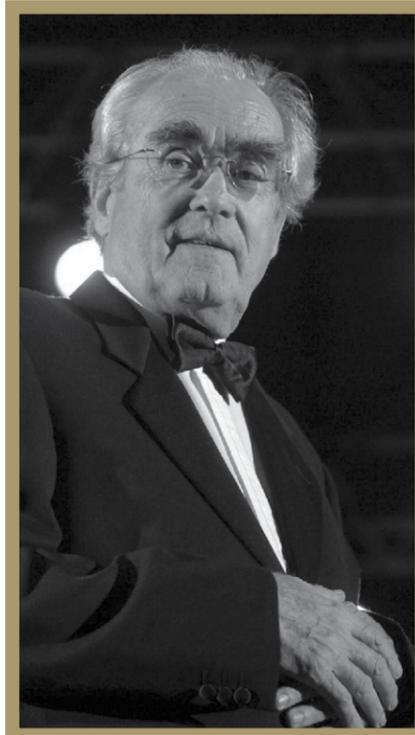
O MISTÉRIO DA ILHA FLANNAN

TRÊS HOMENS CHEGARAM À ILHA. NUNCA MAIS FORAM VISTOS.

28 FEVEREIRO NOS CINEMAS

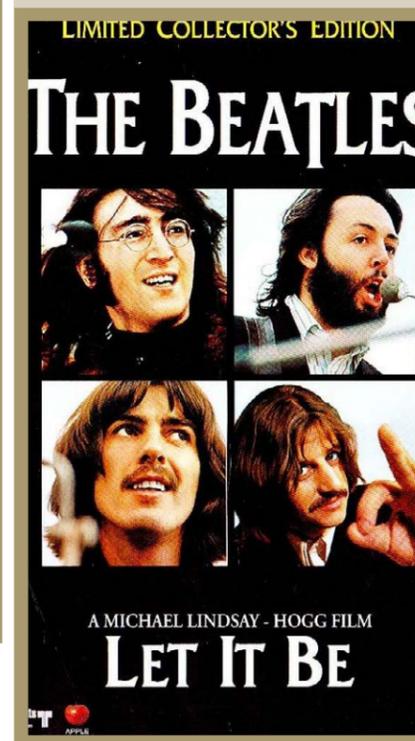
26 JANEIRO
MICHEL LEGRAND (1932 – 2019)

O pianista maestro e compositor francês ficou associado à musicalidade da 'nouvelle vague' e colaborou com grandes nomes do jazz – Miles Davis, Phil Woods, John Coltrane, Bill Evans... No plano cinematográfico, o seu nome surge associado a Jacques Demy, tendo composto várias bandas sonoras, com destaque para «Os Chapéus-de-Chuva de Cherburgo» (1964) e «As Donzelas de Rochefort» (1967). Ganhou três Óscares de melhor canção – «The Windmills of Your Mind», do filme «O Grande Mestre do Crime» (1968), de Norman Jewison, e de melhor banda sonora – «Verão42» (1971), de Robert Mulligan, e «Yentl» (1983), de e com Barbra Streisand. Michel Legrand faleceu com 86 anos de idade.



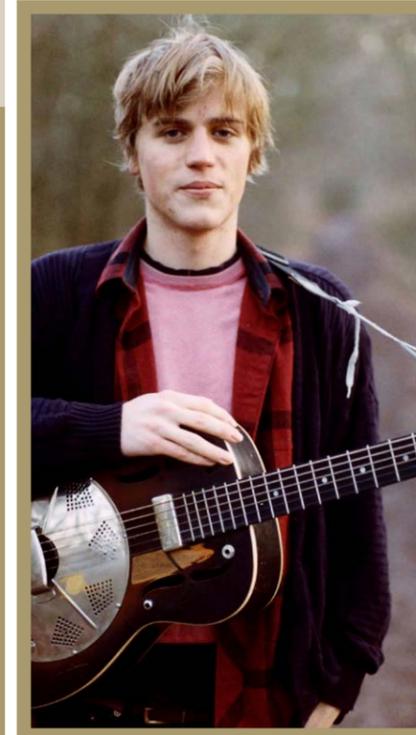
30 JANEIRO
OS BEATLES POR PETER JACKSON

Peter Jackson, realizador de «O Senhor dos Anéis» e «O Hobbit», vai realizar um documentário sobre os Beatles. O filme será construído a partir das 55 horas de imagens e 140 horas de áudio recolhidas em 1969, meros 18 meses antes da separação banda, quando os Beatles gravaram o seu último álbum, «Let it Be». Na altura, Michael Lindsay-Hogg teve acesso à intimidade dos músicos durante as sessões no estúdio, um acontecimento único durante a carreira da popular banda. Lindsay-Hogg tencionava usar as imagens recolhidas para um especial de televisão, mas o material acabou por dar origem ao documentário «Let It Be». Meio século depois, Peter Jackson irá restaurar as imagens e realizar um novo filme.

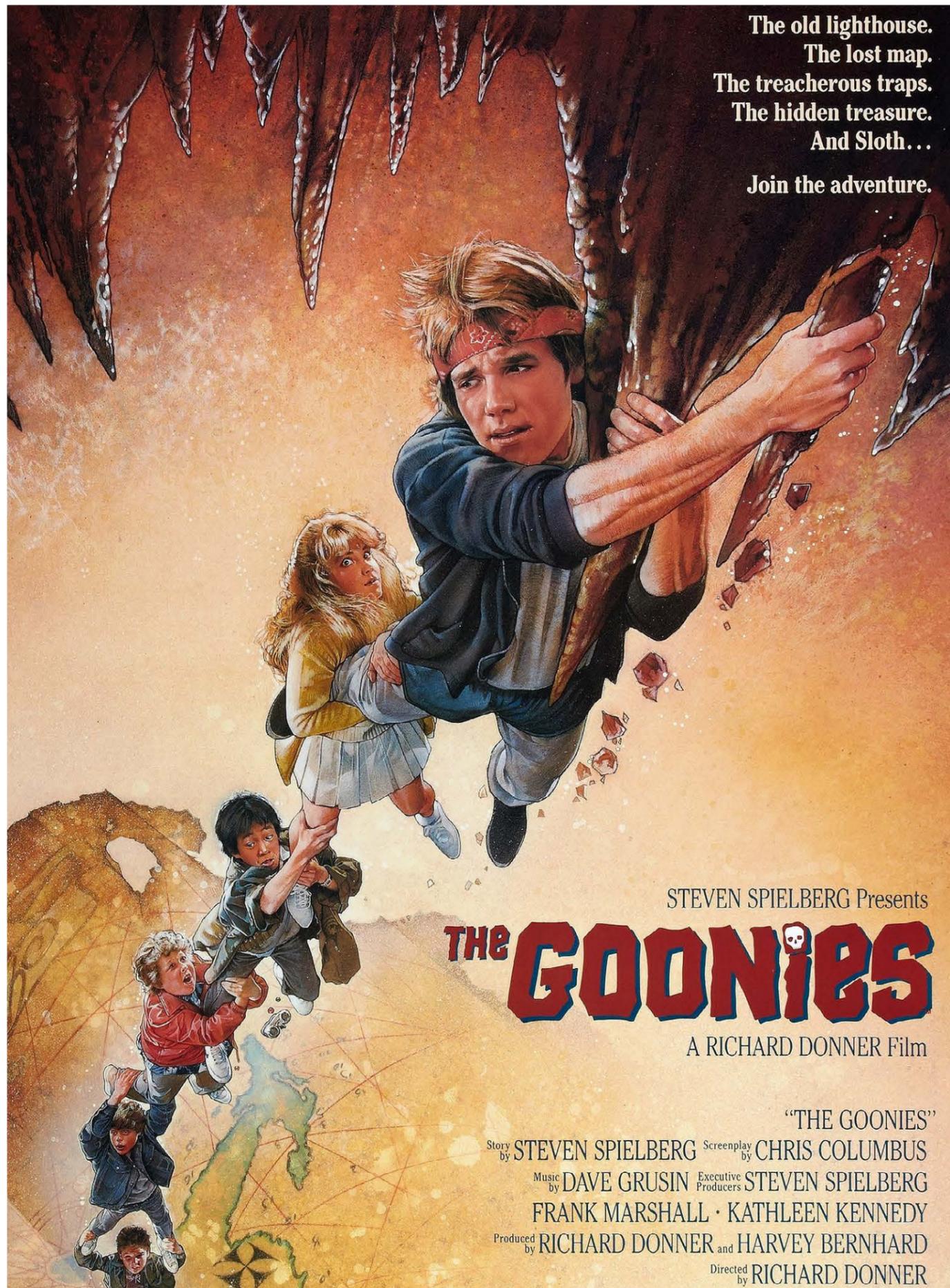


1 FEVEREIRO
YOUNG BOWIE

Está escolhido o ator que irá interpretar David Bowie. É Johnny Flynn, 35 anos, britânico originário da África do Sul, até agora mais conhecido por ter contracenado com Anne Hathaway em «A Canção de Uma Vida» (2014) e nas séries «Lovesick» e «Genius». «Stardust» será o título do primeiro filme a representar a vida de David Bowie.



The old lighthouse.
The lost map.
The treacherous traps.
The hidden treasure.
And Sloth...
Join the adventure.



STEVEN SPIELBERG Presents
THE GOONIES
A RICHARD DONNER Film

“THE GOONIES”
Story by STEVEN SPIELBERG Screenplay by CHRIS COLUMBUS
Music by DAVE GRUSIN Executive Producers STEVEN SPIELBERG
FRANK MARSHALL · KATHLEEN KENNEDY
Produced by RICHARD DONNER and HARVEY BERNHARD
Directed by RICHARD DONNER

ALEGRIA NA CAVERNA

CRÓNICA DE VASCO BAPTISTA MARQUES

PIRATAS SUBURBANOS

Como por certo acontecerá com outros filhos dos anos 80, o meu imaginário juvenil está (para o bem e para o mal) umbilicalmente ligado ao cinema de Spielberg. E, talvez porque tenha crescido num subúrbio de Lisboa – um daqueles em que era frequente encontrar na rua a vizinha septuagenária do lado (“boa noite, Dona Silvina”) a supervisionar de pijama a parada da sua trupe de caniches esganiçados (“anda Lady, agora temos de ir para casa”); talvez por isso, dizia, sempre me interessaram particularmente os trabalhos em que Spielberg procurou inscrever o fantástico no banal, transformando os subúrbios americanos em lugares passíveis de mitologia. O exemplo mais célebre dessa vocação spielberguiana é, sem dúvida, o «E.T.» (1982), mas não foi com ele que passei muitas das tardes da minha infância. Antes, com um filme cujo argumento foi “oferecido” por Spielberg a Richard Donner (o realizador do «Superman» de 1978), que dele extraiu «Os Goonies» (1985).

Já não me lembro da primeira vez que me cruzei com o filme, mas sei que – numa tarde de 1988 (e sei-o porque estávamos em vésperas da final da Taça dos Campeões que o Benfica haveria de perder para o PSV, após um desempate a penáltis que me introduziu à taquicardia) – a cassete pirata onde gravara «Os Goonies» a partir da televisão gemeu, primeiro; deu sinais de dementia praecox, a seguir (as imagens começaram a desfilarem em loop na vertical); e viria por fim a suicidar-se por exaustão, permitindo que a sua fita se emaranhasse nas cabeças do leitor de vídeo. O luto, esse, fi-lo depressa: tão depressa que, algumas horas depois, estava já no clube de vídeo do bairro para alugar outra cópia do filme – um gesto que, daí em diante, haveria de repetir amiúde, para suplício dietético das carteiras dos meus pais (“trouxeste outra vez a mesma coisa? mas tu não sabes ver mais nada?”). Tratava-se de uma acusação a todos os títulos injusta para quem, num passado então recente,

alugara o «Karate Kid» (1984) por cerca de trinta vezes, e os «Gremlins» (1984) por cerca de trinta e uma. Injusta, mas nem por isso desprovida de fundamento: vi «Os Goonies» tantas vezes que, às tantas, já nem sabia bem onde morava – se fora, ou se dentro dele.

Os motivos psicanalíticos da minha obsessão com o filme parecem-me, hoje, bastante fáceis de perceber: encontrava nele o grupo de amigos que queria ter (e que não tinha por causa de um patológico excesso de timidez) e, sobretudo, um imaginário que sublimava a golpes de fantasia o pacato território do subúrbio. A história, presumo, é bem conhecida: estamos num subúrbio da costa americana (o de Astoria, no Oregon), e seguimos os últimos dias de convivência de um grupo de cinco amigos que, a breve trecho – e se nada de miraculoso acontecer até lá –, serão desterrados do bairro onde vivem (os seus pais não conseguiram pagar os empréstimos das casas, das quais se preparam para serem expropriados por um construtor imobiliário). Numa época – não tão remota assim – em que o telemóvel e o Facebook eram objectos de ficção científica; em que o zénite da tecnologia de entretenimento era um aparelho que dava pelo nome de ZX Spectrum (um computador acoplável a um gravador de cassetes, que só servia para jogar jogos; jogos esses que poderiam ou não ser “carregados” com sucesso ao fim de cinco minutos, num processo de suspense que se deixava cadenciar pelos estridentes ruídos do gravador); nessa época, dizia, a melancolia juvenil era amortilhada com idas ao salão de jogos do bairro, com telediscos da Cindy Lauper e com reuniões de amigos onde era preciso puxar pela imaginação para arranjar qualquer coisa para fazer. Por exemplo: propor uma excursão ao sótão da casa de um dos membros do grupo, para aí dar de caras com um carcomido e poeirento mapa que, alegadamente, revela por cifras e enigmas a localização de um tesouro escondido no subsolo da cidade por um pirata do séc. XVII. Convencidos de que serão



A nostalgia é a palavra de ordem. Entre adaptações de filmes de animação em imagem real, *biopics* ou finais de sagas marcantes, há espaço para histórias do passado que estão de regresso, mas também novas e entusiasmantes narrativas vindas do cinema norte-americano e europeu. Neste especial da **METROPOLIS**, saiba mais sobre 30 dos mais aguardados filmes deste ano.

TATIANA HENRIQUES

ANTEVISÃO

CINEMA

2019

O Universo Cinematográfico Marvel tem já 20 filmes mas, pela primeira vez, terá uma protagonista feminina a liderar uma história. E não poderia ser com maior estrondo. A obra apresenta Capitão Marvel, uma nova heroína que é também uma das maiores poderosas da banda-desenhada e, potencialmente, também um dos trunfos para derrotar finalmente Thanos em «Avengers: Endgame». «Capitão Marvel» é, de resto, a última paragem antes do combate final dos Vingadores e são muitas as expectativas.

Uma grande personagem exige uma grande atriz e a escolhida para interpretar Carol Danvers foi Brie Larson, vencedora do Óscar de Melhor Atriz por «Quarto» (2015) e uma assumida feminista. Embora confesse que tenha demorado algum tempo até aceitar o desafio, a atriz considera que “o facto de a personagem ser ela própria e não poder ser contida é fantástico. Significa que ela é selvagem e isso é algo que adoro”. A heroína esbanja bravura e força, com poderes sobre-humanos e capacidade de voar, sendo mesmo considerada a mais poderosa personagem da Marvel.

Contudo, não estará sozinha. Estão também de regresso os rejuvenescidos digitalmente Nick Fury (Samuel L. Jackson) e Agente Coulson (Clark Gregg), mas também os vilões de «Guardiões da Galáxia» (2014), Ronan (Lee Pace) e Korath (Djimon Hounsou). Do elenco de luxo faz ainda parte Jude Law, que se estreia neste Universo Cinematográfico e arrisca num filme de super-heróis com um personagem de contornos misteriosos. Além da protagonista, também a equipa por detrás do filme tem assinatura feminina, começando logo na realização, com Anna Boden a dividir a tarefa com Ryan Fleck. Boden é, inclusive, a primeira realizadora a assinar um filme Marvel. Algo é certo: definitivamente, a Marvel assumiu por completo o Girl Power.

CAPITÃO MARVEL

HISTÓRIA

A narrativa passa-se em 1995, acompanhando Carol Danvers (Brie Larson), uma piloto da Força Aérea dos EUA que ganha poderes extraordinários após um acidente. Sem memórias do seu passado, Carol regressa à Terra para travar uma invasão alienígena, ao mesmo tempo que se torna numa das heroínas mais poderosas do Universo, ganhando o nome de Capitão Marvel.

REALIZADORES

ANNA BODEN E RYAN FLECK
(«Sugar», 2008; «A Febre do Mississípi», 2015)

ELENCO

BRIE LARSON, SAMUEL L. JACKSON, JUDE LAW, CLARK GREGG, LEE PACE

DATA DE ESTREIA PREVISTA

7 DE MARÇO



DOLOR Y GLORIA

RODAGEM DOLOR Y GLORIA

HISTÓRIA

Salvador Mallo (Antonio Banderas) é um realizador em declínio que prepara um filme autobiográfico, obrigando-o a refletir sobre as escolhas que fez na vida, cruzando passado e presente, enquanto lida com a sua falta de capacidade de fazer novos filmes.

REALIZADOR

PEDRO ALMODÓVAR
(«FALA COM ELA», 2002; «VOLTAR», 2006; «A PELE ONDE EU VIVO», 2011)

ELENCO

ANTONIO BANDERAS, ASIER ETXEANDÍA,
PENÉLOPE CRUZ

DATA DE ESTREIA PREVISTA
22 DE MARÇO (ESPANHA)

Pedro Almodóvar é um dos mais reconhecidos cineastas espanhóis de sempre e um nome incontornável do Cinema europeu há já várias décadas. Desta vez, o realizador abandona o recorrente mundo feminino para focar-se em algo bastante diferente, centrando-se em histórias vividas, maioritariamente, por personagens masculinos. «Dolor y Gloria» acaba, assim, por ser o oposto de «Julieta», a obra anterior do cineasta, contando com dois atores masculinos no centro da história e também dois velhos conhecidos de Almodóvar.

Falamos de Asier Etxeandía e de Antonio Banderas, que colabora pela 7.ª vez com o realizador. Mas Banderas não é o único nome de pujança

internacional a abrilhantar a obra, com Penélope Cruz a também dar um ar de sua graça. Apesar de ter um papel secundário, a intérprete espanhola, vencedora do Óscar de Melhor Atriz Secundária por «Vicky Cristina Barcelona» (2008), volta, também ela, a participar numa obra de Almodóvar, após ter protagonizado algumas das suas obras mais renomadas, como «Em Carne Viva» (1997), «Tudo Sobre a Minha Mãe» (1999) e «Voltar» (2006), que lhe valeu a nomeação para o Óscar de Melhor Atriz Principal.

Pedro Almodóvar também já conta com uma estatueta dourada no currículo, de Melhor Argumento Original por «Tudo Sobre a Minha Mãe», sendo que a obra também venceu o Óscar de Melhor

Filme em Língua Estrangeira. Prémios à parte, a casa de Almodóvar é, muitas vezes, Cannes e «Dolor y Gloria» poderá ser uma oportunidade de ouro para o regresso do cineasta a um Festival que tanto o já agraciou.

A 21.ª obra de Almodóvar foi rodada em 44 dias e conta a história de um realizador através de vários reencontros, misturando memórias dos primeiros amores ou da mãe, abordando a mortalidade e um vazio enorme perante a impossibilidade de continuar a filmar, falando “da criação, cinematográfica e teatral, e da dificuldade de separar a criação da própria vida”, refere Almodóvar.

DUMBO

HISTÓRIA

Holt Farrier (Colin Farrell) é uma antiga estrela de circo que regressa da guerra quando encontra o circo virado do avesso e a passar por sérias dificuldades. Holt fica encarregado de tomar conta de um elefante recém-nascido que tem umas orelhas gigantes que fazem com que seja motivo de piada - mas que também lhe dão a capacidade para voar. E é quando o circo arranca numa nova tournée que Dumbo e os seus amigos descobrem os segredos por debaixo da tenda brilhante.

REALIZADOR

TIM BURTON
(«Eduardo Mãos de Tesoura», 1990; «Charlie e a Fábrica de Chocolate», 2005; «Alice no País das Maravilhas», 2010; «Frankenweenie», 2012)

ELENCO

COLIN FARRELL, MICHAEL KEATON, EVA GREEN, DANNY DEVITO

DATA DE ESTREIA:

28 DE MARÇO

Um dos mais antigos filmes da Disney, há muito que «Dumbo» (1941) faz parte do imaginário de crianças de todo o mundo. Nos últimos anos, a Disney tem apostado de readaptações em imagem real de obras de grande sucesso, como «Cinderela» (2015), «O Livro da Selva» (2016) e «A Bela e o Monstro» (2017). Agora, chegou a vez de o pequeno elefante com orelhas gigantes ter direito a uma nova passagem pelo Cinema. Para assumir este desafio foi chamado para entrar em ação Tim Burton, um dos mais inventivos e criativos cineastas mundiais, que até já se aventurou nas adaptações de histórias para imagem real, tendo

realizado «Alice no País das Maravilhas», a seqüela do filme de animação de 1951.

Contudo, desta vez, Burton irá mesmo apresentar a sua própria versão da história, já que «Dumbo» é um *reboot* e espera-se, como em qualquer obra do realizador, uma visão mais sombria e séria da versão original. Logo à partida, há um elemento bastante diferente: não haverá diálogos dos animais, ao contrário do filme de animação, seguindo a mesma abordagem de «Cinderela», em que os animais eram mudos.

O cineasta, que já tem no seu currículo duas nomeações ao Óscar de Melhor de Filme de Animação por «A Noiva Cadáver» (2005) e «Frankenweenie» (2012), apostou em atores com quem já tem trabalhado várias vezes no passado. Assim, a obra conta com um elenco recheado de grandes nomes, como Michael Keaton, Danny DeVito, Eva Green, Colin Farrell e, ainda, Alan Arkin. De salientar ainda outro colaborador habitual de Burton: o compositor Danny Elfman, que trará, por certo, uma magia especial a «Dumbo».



AVENGERS ENDGAME

HISTÓRIA

Após Thanos (Josh Brolin) ter eliminado metade das criaturas vivas do Universo, os Vingadores tentam encontrar uma forma de reverter a ação de Thanos, numa aventura que os levará a alguns sacrifícios para poder salvar o mundo.

REALIZADORES

ANTHONY RUSSO E JOE RUSSO
(«Capitão América: Guerra Civil», 2016;
«Vingadores: Guerra do Infinito», 2018)

ELENCO

ROBERT DOWNEY JR., CHRIS EVANS, CHRIS
HEMSWORTH, SCARLETT JOHANSSON, JOSH
BROLIN

DATA DE ESTREIA PREVISTA

25 DE ABRIL

O estalar de dedos mais famoso da História do Cinema revolucionou o Universo Cinematográfico Marvel e agora tudo culmina em «Avengers: Endgame». Depois de Thanos ter conseguido cumprir os seus intentos e fazer com que metade dos seres do universo fossem destruídos, os Vingadores têm a missão mais difícil de sempre: reverter as ações do vilão. E não são só os heróis que têm muito em jogo - a própria Marvel também. Mais de 20 filmes depois, a obra encerra as histórias de vários personagens e marca a despedida de vários atores, além de ser a ligação com a nova fase da saga.

«Vingadores: Guerra do Infinito» foi um avassalador sucesso de bilheteiras, arrecadando mais de 2 mil milhões de dólares em todo o mundo. É, de resto, o quarto filme mais rentável de sempre e as expectativas para esta segunda toma não são menores. Para cumprir a fasquia, a equipa volta toda a reunir-se para um épico desfecho, juntando-se os realizadores irmãos Russo, já mais do que habituados a estas andanças (são eles os responsáveis pelos mais recentes filmes d'Os Vingadores), bem como um conjunto de atores que colecionam milhões de fãs em todo o mundo. Fazem parte da extensa lista Robert Downey Jr., Chris Evans, Chris Hemsworth, Scarlett Johansson, Josh Brolin, Mark Ruffalo, Tom Holland, Elizabeth Olsen, Paul Rudd ou Sebastian Stan. E, claro, a obra já contará também com Brie Larson, após a estreia de «Capitão Marvel».

Proliferam teorias sobre o filme e a estratégia de *marketing* da obra não deixa antecipar muito, mas já começa a fazer História. Ora, o primeiro trailer oficial do filme chegou aos 289 milhões de visualizações em 24 horas, quebrando o recorde previamente estabelecido por «Vingadores: Guerra do Infinito». Com expectativas elevadíssimas e milhões de fãs a rebentar de curiosidade, «Avengers: Endgame» é, garantidamente, um dos filmes mais aguardados dos últimos anos.



ALADDIN

HISTÓRIA

Aladdin (Mena Massoud) é um jovem humilde que descobre um lâmpada mágica com um gênio que lhe pode conceder desejos. Apaixonado por Jasmine (Naomi Scott), que está prestes a ficar noiva de outra pessoa, Aladdin conta com a ajuda do Génio (Will Smith) para a conquistar, fazendo-se passar por um príncipe para ter também a confiança do pai da jovem.

REALIZADOR

GUY RITCHIE («Snatch - Porcos E Diamantes», 2000; «Sherlock Holmes», 2009; «O Agente da U.N.C.L.E.», 2015)

ELENCO

WILL SMITH, MENA MASSOUD, NAOMI SCOTT, MARWAN KENZARI

DATA DE ESTREIA

3 DE MAIO

A Disney volta a apostar numa adaptação em imagem real de um dos seus mais famosos filmes de animação do passado: «Aladdin» (1992), realizado por Ron Clements e John Musker. A obra venceu dois Óscares (Melhor Banda Sonora e Melhor Música, por “A Whole New World”), num total de cinco nomeações, tornando-se também um marco para várias gerações. Agora, chegou a vez de adaptar a história com atores de carne e osso, na linha do que a Disney já tem feito nos últimos anos, com «Cinderela» (2015), «O Livro da Selva» (2016) e «A Bela e o Monstro» (2017).

O cineasta britânico assume a árdua tarefa, numa carreira muito marcada por *thrillers* e filmes de ação. O realizador confessa que o seu primeiro motivo de interesse para assinar a obra era a própria história, com a qual sente uma ligação: “as minhas histórias são muito sobre trapaceiros de rua. Isso é o que sei fazer e o Aladdin é um clássico trapaceiro que faz o bem”. Há, ainda, outro desafio neste filme: conseguir fazer jus à interpretação icónica de Robin Williams enquanto Génio. Will Smith é o ator que se segue a dar vida ao personagem e terá um tom mais “hip-hop”, recorrendo-se à experiência de trabalhos

passados como a série «O Príncipe de Bel-Air» ou a sua própria carreira musical.

O restante elenco é maioritariamente desconhecido do grande público e tem origem árabe, de forma a retratar da forma mais credível possível os personagens do filme de animação. Os animais também não serão falantes, tal como acontece com «Dumbo», outra obra da Disney que ganha nova adaptação. Ritchie refere, ainda, que o filme será “mais cómico” e que será adaptado de forma a refletir os “temas contemporâneos”.



ROCKETMAN

HISTÓRIA

A obra acompanha a história de Elton John, o britânico que começou por ser uma criança-prodígio até se tornar numa das principais estrelas da música mundial há já várias décadas.

REALIZADOR

DEXTER FLETCHER («EDDIE, A ÁGUIA», 2015)

ELENCO

TARON EGERTON, RICHARD MADDEN, JAMIE BELL, BRYCE DALLAS HOWARD

DATA DE ESTREIA PREVISTA

16 DE MAIO

Depois do arrebatador sucesso de «Bohemian Rhapsody», parece que os *biopics* musicais têm um espaço a ocupar. Tal como os Queen, Elton John é um dos grandes nomes musicais oriundos do Reino Unido e terá agora direito a um filme sobre a sua história. Curiosamente, o realizador da obra será o mesmo, já que Dexter Fletcher foi o encarregado de terminar «Bohemian Rhapsody» quando Bryan Singer foi afastado da produção. Não falta, por isso, experiência ao cineasta britânico no retrato de figuras excêntricas e cheias de carisma.

Descrito como “uma verdadeira fantasia”, a obra contará com Elton John como um dos produtores do filme. Taron Egerton foi escolhido para

interpretar o papel principal, naquele que é um dos maiores desafios da sua carreira até à data. O ator ficou sobretudo conhecido pela sua participação nas obras «Kingsman: Serviços Secretos» (2014), «Eddie, a Águia» (2015) e «Robin Hood» (2018). E, tal como no filme de animação «Cantar!» (2016), também aqui Egerton terá de mostrar os seus dotes vocais. Aliás, foi o próprio que insistiu nesta abordagem, revelando que “gravou algumas músicas” e teve lições de canto. O ator terá agora de retratar da forma mais credível possível o autor de êxitos como “Your Song”, “I’m Still Standing”, “Don’t Go Breaking My Heart”, “Nikita” e, claro, “Rocket Man”. O artista é até já um conhecido para Egerton, tendo em conta que ambos

contracenaram juntos em «Kingsman: O Círculo Dourado» (2017).

A obra terá também músicas originais escritas para o filme e vai procurar rebater as críticas apontadas a «Bohemian Rhapsody» na forma como a homossexualidade do protagonista é abordada, de modo a que não seja demasiado subtil. Egerton conta que filmou a sua “primeira cena de sexo neste filme. Sinto que esta obra é absolutamente a celebração de tudo o que o Elton John é e, parte disso, é a sua sexualidade”. O restante elenco é também composto de nomes relevantes da Hollywood atual, como Richard Madden, Jamie Bell e Bryce Dallas Howard.



Os filmes no Espaço são cada vez mais recorrentes no Cinema. Nos últimos anos, filmes como «Gravidade» (2013), «Interstellar» (2014) e «Passageiros» (2016) têm oferecido propostas muito diferentes entre si mas com o mesmo cenário. «Ad Astra» também se passa neste palco inesperado e misterioso, sendo um *thriller* de ficção científica que tem chamado a atenção. O realizador da obra é James Gray, que se notabilizou pela sua viagem na selva em «A Cidade Perdida de Z», uma obra bem recebida pela crítica, que o leva a ter agora o seu projeto com orçamento mais elevado, permitindo-o

chegar também a outros públicos. Este é também o primeiro lançamento da 20th Century Fox desde que foi adquirida pela Disney.

O cineasta revelou que as suas influências passaram por obras como «2001: Odisseia no Espaço» (1968) e «Apocalypse Now» (1979). “É a minha tentativa de abordar - espero que de uma nova forma - uma história entre pai e filho, que é tão central na cultura ocidental”, conta Gray. A narrativa centra-se nisso mesmo, com um personagem a embarcar na mesma missão espacial

que o seu pai encarou 20 anos antes e que consiste em procurar vida alienígena em Neptuno.

Brad Pitt interpreta o engenheiro que se arrisca nesta missão para encontrar o seu pai, interpretado por Tommy Lee Jones. Pitt tem estado mais afastado do grande ecrã enquanto ator, estando mais presente enquanto produtor, mas volta agora a mostrar o seu já incontestável talento para encabeçar uma história de cariz intimista e complexo. A completar o chamativo elenco figuram nomes como Donald Sutherland e Ruth Negga.

AD ASTRA

HISTÓRIA

Roy McBride (Brad Pitt) é um engenheiro especial portador de um leve grau de autismo que decide viajar para o espaço, cruzar a galáxia e tentar descobrir o que aconteceu com o seu pai (Tommy Lee Jones), um astronauta que se perdeu 20 anos antes à procura de vida alienígena em Neptuno.

REALIZADOR

JAMES GRAY («Nós Controlamos a Noite», 2007; «A Emigrante», 2013; «A Cidade Perdida de Z», 2016)

ELENCO

BRAD PITT, TOMMY LEE JONES, DONALD SUTHERLAND, RUTH NEGGA

DATA DE ESTREIA

23 DE MAIO



FORD V FERRARI

HISTÓRIA

Em 1966, o construtor de automóveis Carroll Shelby (Matt Damon) e o condutor Ken Miles (Christian Bale) são contratados pela Ford para criarem um carro que possa derrotar a Ferrari na prova 24 Horas de Le Mans.

REALIZADOR

JAMES MANGOLD («VIDA INTERROMPIDA», 1999; «WALK THE LINE», 2005; «LOGAN», 2017)

ELENCO

CHRISTIAN BALE, MATT DAMON, CAITRIONA BALFE, JON BERNTHAL

DATA DE ESTREIA PREVISTA
27 DE JUNHO

A ferocidade e adrenalina das corridas automobilísticas são um atrativo para o Cinema e já foram, por várias vezes, palco de várias histórias. Uma das mais recentes foi «Rush - Duelo de Rivais» (2013), de Ron Howard. «Ford v Ferrari» também aborda uma forte competição entre equipas, focando-se na prova 24 Horas de Le Mans. Trata-se de uma das principais corridas automobilísticas do mundo e tem a duração de 24 horas, sendo disputada anualmente desde 1923, no Circuit de la Sarthe, em França.

Mais concretamente, a obra centra-se, tal como o título indica, na disputa entre a Ford e a Ferrari, passando-se numa época em que a competição entre ambas estava ao rubro. Assim, em 1966, a Ford

constituiu uma equipa, liderada por Carroll Shelby, com o objetivo de conseguir uma vitória norte-americana sobre uma fabricante italiana (Ferrari). A missão da equipa era construir um carro veloz o suficiente para vencer a corrida 24 Horas de Le Mans. James Mangold assume o desafio de transpor esta história para o grande ecrã, a partir do livro assinado por A.J. Baime, “Como uma Bala - A Ford, a Ferrari e a Sua Batalha Pela Velocidade e Glória em Le Mans”, lançado em 2009. O cineasta norte-americano é conhecido por apostar numa abordagem profunda e complexa dos personagens das suas obras. Um dos sucessos mais recentes de Mangold é «Logan», em que o realizador mostrou uma perspetiva muito diferente de um típico filme de super-heróis, dando destaque às idiosincrasias de um dos mutantes mais

conhecidos do Cinema, Wolverine. O arrojado valeu-lhe uma nomeação para o Óscar de Melhor Argumento Adaptado.

«Ford v Ferrari» está já em desenvolvimento há vários anos e até teve como protagonistas Tom Cruise e Brad Pitt. Contudo, os atores que acabam por figurar no filme são os não menos renomados Christian Bale e Matt Damon, num verdadeiro duelo de titãs entre dois atores com já vários prémios nas prateleiras e que conquistam público e crítica um pouco por todo o mundo. Num universo tão masculino, destaca-se, ainda, a presença da atriz irlandesa Caitriona Balfe, nomeada já por quatro vezes para o Globo de Ouro para Melhor Atriz em Série Dramática pela sua icónica performance em «Outlander».



TOY STORY 4

HISTÓRIA

Woody (voz de Tom Hanks) sempre foi muito confiante. Contudo, quando Bonnie junta um novo e inesperado brinquedo chamado Forky (voz de Tony Hale), dá-se início a uma aventura em que vão reunir-se novos e antigos amigos, mostrando a Woody o quão grande pode ser o mundo para um brinquedo.

REALIZADOR

JOSH COOLEY

ELENCO (VOZES)

TOM HANKS, MICHAEL KEATON, TIM ALLEN,
TONY HALE

DATA DE ESTREIA PREVISTA

27 DE JUNHO

As histórias de Woody e do seu parceiro de aventuras Buzz Lightyear há muito que encantam as crianças de todo o mundo. «Toy Story: Os Rivais» (1995) foi a estreia dos personagens e deixou também marca no Cinema, sendo considerado o primeiro filme de animação a ser realizado totalmente através de computação gráfica. A obra foi também a primeira longa-metragem dos estúdios Pixar, iniciando um percurso de grande sucesso para os estúdios. Seguiram-se «Toy Story 2 - Em Busca de Woody» (1999) e «Toy Story 3» (2010), que voltou a fazer História, ao tornar-se no primeiro filme de animação a ultrapassar os mil milhões de dólares nas bilheteiras mundiais.

«Toy Story 4» não tem tido, contudo, um percurso fácil. Em desenvolvimento desde 2014, o lançamento foi adiado um ano após a saída de John Lasseter, realizador e fundador da Pixar, em consequência de acusações de assédio sexual. Os argumentistas originais da obra, Rashida Jones e Will McCormack, também saíram do projeto, alegando, em comunicado, que a Pixar tem uma cultura “em que mulheres e pessoas de cor não têm uma voz criativa igualitária”.

Para conseguir levar este filme a bom porto, entrou em ação Josh Cooley. «Toy Story 4» será a primeira longa-metragem que realiza, após ter assinado as curtas-metragens «George and A.J.» (2009) e «Riley's First Date?» (2015), obra que surgiu no seguimento de «Divertida-Mente» (2015), um dos mais marcantes filmes de animação dos últimos anos, pelo qual Cooley recebeu uma nomeação para o Óscar de Melhor Argumento Original.

O compositor Randy Newman está de regresso e assina, mais uma vez, a banda-sonora. Ao longo da carreira, Newman conta com 20 nomeações aos Óscares e duas estatuetas conquistadas, uma delas por Melhor Música, “We Belong Together”, de «Toy Story 2 - Em Busca de Woody». A inesquecível canção “You’ve Got a Friend in Me”, de «Toy Story: Os Rivais», é também da sua autoria.

A maior parte do elenco de vozes está também de volta, além da estreia de Tony Hale, mais conhecido pela sua participação na série televisiva «Arrested Development», e que aqui dará voz a Forky. Tom Hanks, que dá voz ao icónico Woody, considera que este novo filme “é um momento na História. O alcance emocional dos filmes tornou-se cada vez mais profundo”. Para o ator, as obras Toy Story constituem “uma coleção muito, muito especial de filmes que tocam cada um de nós de uma forma completamente individual”. Tim Allen, que interpreta Buzz Lightyear, corrobora o colega de elenco e revela que, na sua opinião, as últimas cenas de «Toy Story 4» são “muito difíceis”. Tal não será surpresa caso o filme siga a linha do muito emocional final de «Toy Story 3». E já sabemos que os filmes Toy Story são especialistas em rechear os seus espectadores com muitas emoções.



HOMEM-ARANHA LONGE DE CASA

HISTÓRIA

Enquanto viaja pela Europa com os seus colegas de escola, Peter Parker (Tom Holland) é surpreendido pela visita de Nick Fury (Samuel L. Jackson), que o convoca para mais uma missão. O Homem-Aranha vai ter de enfrentar vários vilões que aparecem em cidades como Londres, Paris e Veneza. Entre os inimigos, o herói terá de medir forças com o enigmático Mysterio (Jake Gyllenhaal).

REALIZADOR

JON WATTS
(«Carro da Polícia», 2015; «Homem-Aranha: Regresso a Casa»; 2017)

ELENCO

TOM HOLLAND, JAKE GYLLENHAAL, SAMUEL L. JACKSON, MARISA TOMEI, ZENDAYA

DATA DE ESTREIA:

4 DE JULHO

Homem-Aranha é dos heróis mais famosos da banda-desenhada e também um dos mais relevantes no Cinema. Já teve vários filmes a solo e diferentes intérpretes, com Tobey Maguire e Andrew Garfield a dar vida ao aracnídeo. Já integrado no Universo Cinematográfico Marvel, o Homem-Aranha foi renovado, com uma abordagem do personagem mais jovial e cómica e, claro, um novo ator: Tom Holland. A estreia deu-se em «Capitão América: Guerra Civil» (2016) e o sucesso foi imediato, com os fãs a adorarem a nova versão, considerando este um dos pontos altos do filme. Não demorou muito para ser lançado o primeiro filme a solo e «Homem-Aranha: Regresso a Casa» (2017) não desiludiu, chegando aos

880 milhões de dólares no box-office mundial.

«Homem-Aranha: Longe de Casa» tem, por isso, as expectativas ainda mais elevadas, inaugurando também uma nova fase do Universo Cinematográfico Marvel, já que é o primeiro filme da 4.ª Fase e também a história que se segue após «Avengers: Endgame». Jon Watts volta a realizar a obra e Tom Holland dá vida novamente ao aracnídeo, estando também de regresso Marisa Tomei, Michael Keaton, Zendaya, Jacob Batalon, Tony Revolori e Angourie Rice. Há também novidades no elenco, com Nick Fury e Maria Hill, Samuel L. Jackson e Cobie Smulders, respetivamente, a entrarem em ação e Jake

Gyllenhaal a surpreender num filme de super-heróis com o papel de um misterioso vilão.

O jovem ator Holland já mostrou, por várias vezes, que é um dono de um talento em ascensão e com muito potencial, arrecadando elogios tanto no drama como em registos mais leves. O Homem-Aranha é um dos seus personagens mais bem-conseguidos e que o ator tem conseguido representá-lo de uma forma carismática e entusiasmante, fazendo de «Homem-Aranha: Longe de Casa» um filme aguardado não só pela sua interpretação, mas também para mostrar como o Universo Cinematográfico Marvel continua após mais um épico filme d'Os Vingadores.



Na senda de retomar antigas e bem-sucedidas histórias mas atribuindo-lhes um carácter contemporâneo, a Disney apresenta uma nova versão de uma das narrativas mais marcantes de sempre: «O Rei Leão» (1994). O filme de animação, assinado por Roger Allers e Rob Minkoff, venceu dois Óscares nas categorias de Melhor Banda-Sonora e Melhor Música Original (“Can You Feel the Love Tonight”). As canções “Circle of Life” e “Hakuna Matata” também foram nomeadas a estatuetas douradas.

25 anos depois, o novo filme é feito totalmente em CGI, pelo que não é, em boa verdade, uma adaptação em imagem real como, por vezes, é referido. Não obstante, as imagens pretendem ser efetivamente

muito realistas e trazer de volta a magia de uma história que conquistou gerações. Meses após o grande sucesso «O Livro da Selva», arrancou a produção de «O Rei Leão» e voltou a apostar-se no mesmo realizador que levou novamente a história de Mowgli ao grande ecrã: Jon Favreau. Conhecido pela sua vertente cómica, seja enquanto realizador ou ator, o cineasta norte-americano provou saber dominar a arte de recontar uma história através de ferramentas mais tecnológicas, com «O Livro da Selva» a arrecadar perto de mil milhões de dólares nas bilheteiras mundiais.

Neste *remake*, «O Rei Leão» terá muitas figuras novas,

mas poderá contar com três carismáticos regressos: o ator James Earl Jones (que volta a dar voz a Mufasa), o compositor Hans Zimmer e Elton John, que vai voltar a escrever as músicas da obra, também com a colaboração de Beyoncé. A cantora empresta ainda a voz a uma das personagens, num elenco cheio de estrelas como Donald Glover, Chiwetel Ejiofor, Seth Rogen, Billy Eichner e John Oliver. Já o argumento é assinado por Jeff Nathanson, mais conhecido por ser o argumentista de «Apanha-me Se Puderes» (2002), «Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal» (2008) e «Piratas das Caraíbas: Homens Mortos Não Contam Histórias» (2017).

O REI LEÃO

HISTÓRIA

Simba (Donald Glover) é um jovem leão cujo destino é tornar-se no rei da selva. Contudo, acontece uma grande tragédia que pode mudar tudo, obrigando Simba a enfrentar o seu terrível tio Scar (Chiwetel Ejiofor).

REALIZADOR

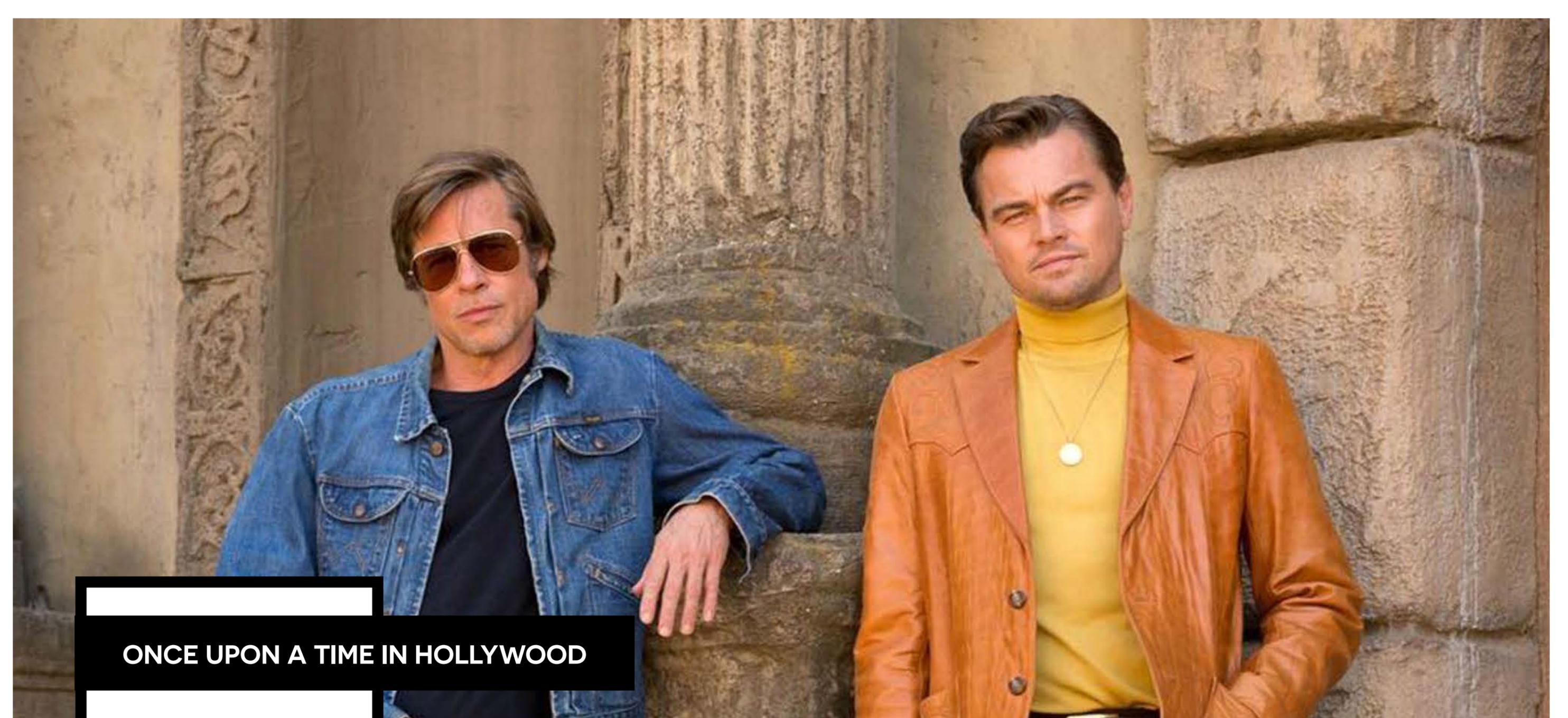
JON FAVREAU («Homem de Ferro», 2008; «O Chef», 2014; «O Livro da Selva», 2016)

ELENCO (VOZES)

DONALD GLOVER, CHIWETEL EJIOFOR, BEYONCÉ, JAMES EARL JONES, SETH ROGEN

DATA DE ESTREIA

18 DE JULHO



ONCE UPON A TIME IN HOLLYWOOD

HISTÓRIA

Rick Dalton (Leonardo DiCaprio), um ator de televisão em declínio, e Cliff Booth (Brad Pitt), o seu duplo, embarcam no desafio de singrar na indústria cinematográfica durante o período dos assassinatos de Charles Manson (Damon Herriman), em 1969, na cidade de Los Angeles.

REALIZADOR

QUENTIN TARANTINO
(«Pulp Fiction», 1994; «Sacanas Sem Lei», 2009; «Django Libertado», 2012)

ELENCO

LEONARDO DICAPRIO, BRAD PITT, MARGOT ROBBIE, AL PACINO, TIM ROTH

DATA DE ESTREIA:

8 DE AGOSTO

«Once Upon a Time in Hollywood» tem muitas atenções viradas para si, começando logo pelo realizador. Um dos mais renomados cineastas norte-americanos, Quentin Tarantino não tem muitas obras no seu portefólio, mas são poucas aquelas que não se tornaram marcantes. Muitas tornaram-se mesmo em filmes de culto. Ao longo da sua carreira, conta já com dois Óscares, de Melhor Argumento Original por «Pulp Fiction» e «Django Libertado», enaltecendo as histórias profundamente intrincadas e envolventes que cria em cada um dos seus filmes. Após ter lançado «Os Oito Odiados» (2015), que acabou por ter impacto, Quentin Tarantino volta à carga.

Contudo, desde o lançamento do seu último filme, muito mudou. Após a explosão do movimento #MeToo, esta é a

primeira obra do realizador que não conta com o apoio de Harvey e Bob Weinstein. Não obstante, «Once a Upon a Time in Hollywood» tem muitos elementos que despertam a atenção. Além de Tarantino assumir a realização e argumento - que demorou cinco anos a desenvolver -, a história é uma espécie de homenagem à era *hippie* de Los Angeles no final da década de 1960, focando-se nos assassinatos cometidos pela Família Manson que chocaram os norte-americanos e o resto do mundo. Uma das vítimas foi a atriz Sharon Tate, mulher de Roman Polanski, que estava grávida. Será esta a personagem que Margot Robbie irá interpretar, numa obra protagonizada por nomes muito sonantes. Falamos de Leonardo DiCaprio e Brad Pitt, que trabalham pela primeira vez juntos, mas não só. Num

elenco recheado de estrelas, fazem também parte do filme Al Pacino, Tim Roth, Bruce Dern, Dakota Fanning, Damian Lewis, Lena Dunham, James Marsden, entre outros.

Tarantino revelou que se sente “muito entusiasmado por contar uma história de Los Angeles e de Hollywood que já não existe”, uma realidade que ele próprio viveu quando ainda era criança. Já o Diretor de Fotografia Robert Richardson, colaborador habitual de Tarantino, descreve «Once Upon a Time in Hollywood» como sendo “muito, muito, muito Quentin”, com o tom do filme “difícil de descrever”, numa obra que irá trazer algo “muito refrescante”. As expectativas estão ao rubro.



«Variações» é um projeto já com vários anos, mas que só agora ganha alma. Antes disso, Sérgio Praia convidou Vicente Alves do Ó para escrever o monólogo “Variações, de António”, que levou a história do excêntrico e carismático artista pelos palcos portugueses. Sempre com Praia como protagonista, ele que tem muitas semelhanças físicas com o artista. Mas, sobretudo, é notória uma grande entrega do ator por retratar, da forma mais genuína possível, quem foi Variações. Tal ficou muito bem patente em palco, numa interpretação magistral de Praia, em que até se arriscou a cantar algumas das mais famosas músicas de Variações, o que também vai acontecer no filme, já que não haverá playback.

A obra vai abordar o percurso do artista que nos

apresentou músicas “Canção de Engate”, “Estou além” ou “O corpo é que paga”, focando-se no período entre 1977 e 1981, quando Variações deu o seu primeiro concerto e regressou de Amesterdão. A rodagem teve início no verão de 2018 e foi gravado em dois locais de especial significado na vida de Variações: o clube noturno Trumps, em Lisboa, e o concelho de Amares, em Braga, a terra natal do artista, que foi para Lisboa em 1957. Mais de uma década depois, em 1975, viajou até Londres, passando depois para Amesterdão, onde aprendeu a ser cabeleireiro. Quando regressou a Lisboa, em 1978, gravou uma maquete com alguns temas, conseguindo assinar um contrato com a Valentim de Carvalho. Em 1983, foi lançado o seu primeiro álbum, que se tornou num grande sucesso de

ventas. Até hoje, é considerado um dos artistas mais renomados do panorama musical português, com as músicas a serem alvo de várias versões, tendo dado, inclusive, origem ao projeto Humanos, em 2004, que reinterpretou alguns dos principais êxitos de Variações.

O filme tem produção de David & Golias e conta também no elenco com reconhecidos atores portugueses, como Victoria Guerra, Filipe Duarte, José Raposo, Teresa Madruga e Dinarte de Freitas, que recentemente participou nas séries internacionais «The Gifted» e «Stranger Things».

VARIAÇÕES

HISTÓRIA

A obra retrata a vida de António Ribeiro, barbeiro e figura icónica da movida Lisboeta no final dos anos 1970, que perseguiu o seu sonho de se tornar cantor e compositor, embora não soubesse uma nota de música. Com o tempo, viria a adotar a persona de António Variações e tornar-se num dos maiores artistas portugueses de sempre.

REALIZADOR

JOÃO MAIA

ELENCO

SÉRGIO PRAIA, FILIPE DUARTE, VICTORIA GUERRA

DATA DE ESTREIA

22 DE AGOSTO

SNU

de Patrícia Sequeira

ESTREIA A 7 DE MARÇO

Snu e Sá Carneiro conheceram-se em 1976. Ela era uma editora conceituada, na Dom Quixote, casada, com três filhos. Ele tinha sido o fundador do Partido Popular Democrático (PPD) e era deputado, casado, também com três filhos. Ambos deixaram as suas famílias para ficarem juntos. O romance durou até dezembro de 1980, a data em que Sá Carneiro morreu na queda de um avião em Camarate. São os primeiros anos da democracia portuguesa, e a relação marcou a época. O filme com Inês Castel-Branco e Pedro Almendra, centra-se na figura de Snu mas com o objeti-

vo de contar esta história de um amor considerado proibido, criticado, e que foi aceite - a prova disso é que Sá Carneiro venceu as eleições legislativas de 1979, apesar de alguns opositores terem usado a relação na campanha política. Patrícia Sequeira realiza a sua segunda longa-metragem, após a estreia com «Jogo de Damas», captando o período histórico mas valorizando o impacto da relação na esfera pública portuguesa. **TIAGO ALVES**

CHUVA É CANTORIA NA ALDEIA DOS MORTOS

de Renée Nader Messoro e João Salaviza

ESTREIA A 14 DE MARÇO

A relação da fotógrafa Renée Nader Messoro com o povo indígena Krahô começou em 2009 e é revelada, quase dez anos depois, no filme «Chuva é Cantoria na Aldeia dos Mortos», rodado em 16mm. Renée e o marido, o realizador João Salaviza, filmaram durante nove meses na aldeia Pedra Branca, localizada na Terra Indígena Krahô, no Tocantins, no Brasil. É um filme feito em comunhão e intimidade com esta comunidade, construído entre ficção e documentário, colocando em cena não-atores indígenas e brancos. O filme recebeu o prémio especial do júri na competição do Un Certain Regard no Festival de Cannes. **TA**



DIAMANTINO

Gabriel Abrantes e Daniel Schmidt

ESTREIA A 4 DE ABRIL

Gabriel Abrantes e Daniel Schmidt olham para a personagem de «Diamantino», um jogador de futebol fora de série, como um atleta perfeito e que supera os limites da humanidade. Este ícone absoluto do desporto moderno, que cultiva a perfeição e é superlativo em campo, falha na sua vida pessoal. A estrela cadente procura um significado para a vida e o caos social e vive uma odisseia muito decalcada do nosso tempo com narrativas que abordam o neofascismo, a crise dos migrantes e a genética. Após uma década onde filmou à média de duas curtas por ano, Gabriel Abrantes chega à longa-metragem com um dos filmes que causou sensação no Festival de Cannes, em 2019, tendo conquistado o primeiro prémio principal da secção paralela Semana da Crítica. **TA**

HOTEL IMPÉRIO

de Ivo M. Ferreira

ESTREIA A 18 DE ABRIL

Depois de «Cartas de Guerra» o realizador Ivo M. Ferreira voltou a realizar um filme relacionado com a história recente de Portugal, escolhendo o último território colonial para perceber algumas mutações ocorridas na paisagem económica, urbana e social. O «Hotel Império» é propriedade de uma portuguesa nascida no território - onde Ivo M. Ferreira vive desde há 22 anos - e esse edifício histórico está em vias de ser destruído para dar lugar a um edifício moderno. Um filme ambiental, sobre a solidão, memória, pertença, a passagem do tempo, que chega às salas de cinema depois da estreia mundial ter acontecido no Festival de Pingyao. **TA**

QUERO-TE TANTO

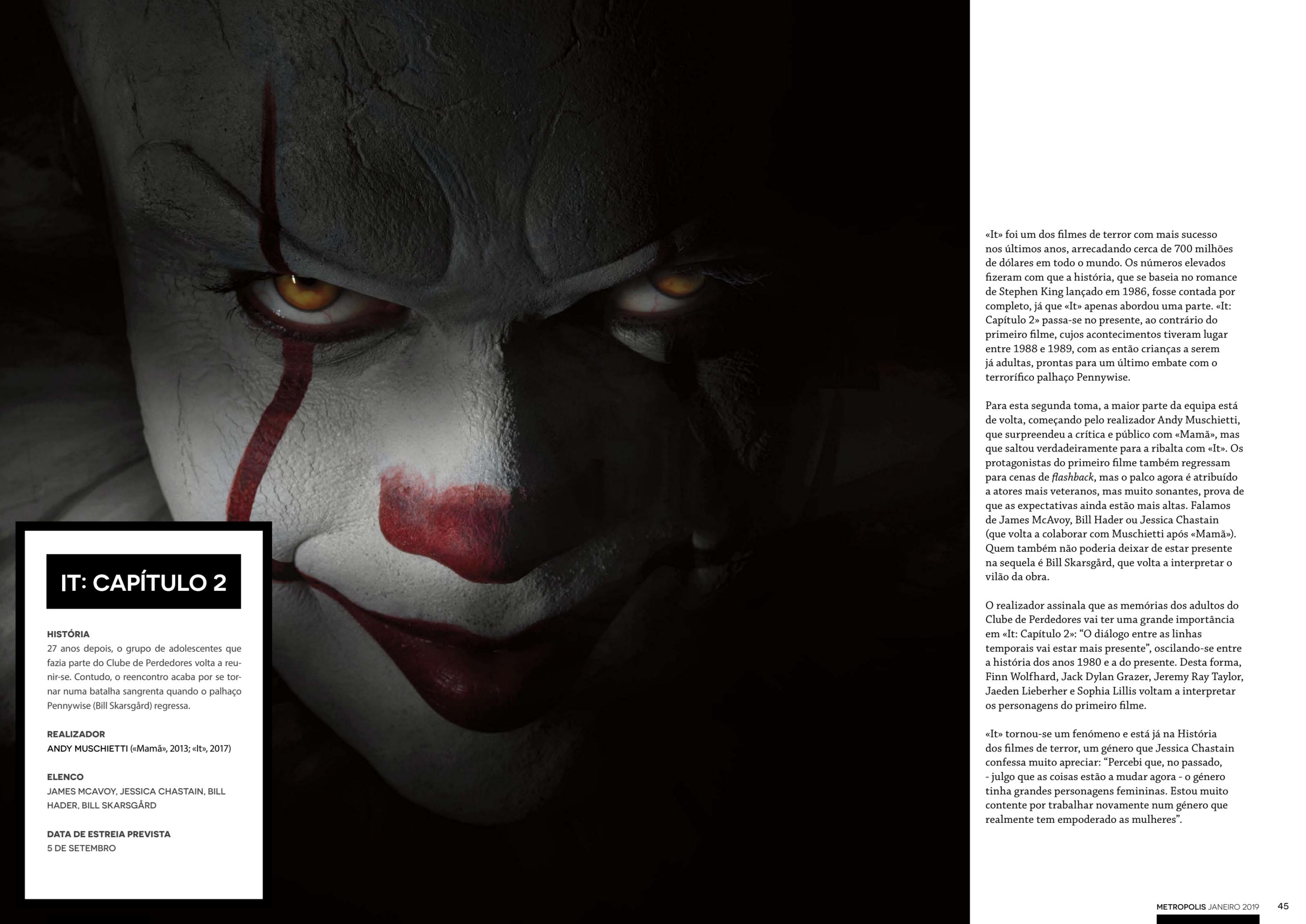
de Vicente Alves do Ó

ESTREIA A 18 DE ABRIL

Este é um dos argumentos mais antigos que Vicente Alves do Ó desenvolveu - desde 2001 que o realizador, nascido em Sines, na costa vicentina, pretendia regressar ao Alentejo para filmar esta história baseada numa pequena notícia publicada no Correio da Manhã, sobre um casal de estrangeiros que é apanhado e detido por fazer pequenos delitos no Alentejo. Na comédia romântica desenvolve a história de um casal lisboeta que está prestes a ter um filho e tenta fazer um assalto para resolver os problemas financeiros. Pedro Teixeira e Benedita Pereira são os dois protagonistas e o elenco integra Dalila Carmo, Fernanda Serrano, Paulo Pires e Alexandra Lencastre, entre outros. **TA**



FOTO HOTEL IMPÉRIO © EDUARDO MARTINS



IT: CAPÍTULO 2

HISTÓRIA

27 anos depois, o grupo de adolescentes que fazia parte do Clube de Perdedores volta a reunir-se. Contudo, o reencontro acaba por se tornar numa batalha sangrenta quando o palhaço Pennywise (Bill Skarsgård) regressa.

REALIZADOR

ANDY MUSCHIETTI («Mamã», 2013; «It», 2017)

ELENCO

JAMES MCAVOY, JESSICA CHASTAIN, BILL HADER, BILL SKARSGÅRD

DATA DE ESTREIA PREVISTA

5 DE SETEMBRO

«It» foi um dos filmes de terror com mais sucesso nos últimos anos, arrecadando cerca de 700 milhões de dólares em todo o mundo. Os números elevados fizeram com que a história, que se baseia no romance de Stephen King lançado em 1986, fosse contada por completo, já que «It» apenas abordou uma parte. «It: Capítulo 2» passa-se no presente, ao contrário do primeiro filme, cujos acontecimentos tiveram lugar entre 1988 e 1989, com as então crianças a serem já adultas, prontas para um último embate com o terrorífico palhaço Pennywise.

Para esta segunda toma, a maior parte da equipa está de volta, começando pelo realizador Andy Muschietti, que surpreendeu a crítica e público com «Mamã», mas que saltou verdadeiramente para a ribalta com «It». Os protagonistas do primeiro filme também regressam para cenas de *flashback*, mas o palco agora é atribuído a atores mais veteranos, mas muito sonantes, prova de que as expectativas ainda estão mais altas. Falamos de James McAvoy, Bill Hader ou Jessica Chastain (que volta a colaborar com Muschietti após «Mamã»). Quem também não poderia deixar de estar presente na sequência é Bill Skarsgård, que volta a interpretar o vilão da obra.

O realizador assinala que as memórias dos adultos do Clube de Perdedores vai ter uma grande importância em «It: Capítulo 2»: “O diálogo entre as linhas temporais vai estar mais presente”, oscilando-se entre a história dos anos 1980 e a do presente. Desta forma, Finn Wolfhard, Jack Dylan Grazer, Jeremy Ray Taylor, Jaeden Lieberher e Sophia Lillis voltam a interpretar os personagens do primeiro filme.

«It» tornou-se um fenómeno e está já na História dos filmes de terror, um género que Jessica Chastain confessa muito apreciar: “Percebi que, no passado, - julgo que as coisas estão a mudar agora - o género tinha grandes personagens femininas. Estou muito contente por trabalhar novamente num género que realmente tem empoderado as mulheres”.



THE DOWNTON ABBEY

HISTÓRIA

Baseado na série televisiva homônima, o filme continua a acompanhar a história da família Crawley na década 1920 do século XX.

REALIZADOR

MICHAEL ENGLER

ELENCO

MAGGIE SMITH, MICHELLE DOCKERY, ALLEN LEECH, HUGH BONNEVILLE

DATA DE ESTREIA PREVISTA

19 DE SETEMBRO

A série «Downton Abbey» foi uma das mais inesquecíveis produções televisivas dos últimos anos. A narrativa passa-se numa propriedade fictícia chamada Downton Abbey e acompanha os Crawley, uma família aristocrática inglesa, e os seus criados no início do século XX. Criada por Julian Fellowes, «Downton Abbey» foi emitida de 2010 a 2015 e tornou-se na série aclamada pela crítica na televisão, vencendo vários Emmys e Globos de Ouro.

Após o término da série, foram muitos os pedidos dos fãs por novas histórias da família Crawley e Fellowes aceitou o desafio de criar um argumento para um filme, que ganha agora forma. Já é certo que a grande maioria do elenco principal da série estará de regresso para o filme, pelo que Maggie Smith, Michelle Dockery, Allen Leech e Hugh Bonneville voltam a interpretar os seus papéis. A série original passou-se entre 1912 e 1925, sendo que o filme deverá ambientar-se também nos meados ou mesmo no final da década de 1920. Para Allen Leech, um dos protagonistas, “é uma história grande e épica”. “Fiquei muito surpreso pelo abordagem do Julian e como ele conseguiu que um elenco inteiro de 22 pessoas tivesse a sua própria história num filme de duas horas”, assinala. O produtor Gareth Neame revela, ainda, que o argumento é “charmoso, emocionante e entretém”. Com muito mistério envolvido sobre o que será a história, são muitas as dúvidas e também as expectativas para se perceber se conseguirá o filme superar o que conseguiu alcançar «Downton Abbey» na televisão.

JOKER

HISTÓRIA

Em Gotham City, nos anos 1980, um comediante falhado de stand-up, Arthur Fleck (Joaquin Phoenix), vira-se para o mundo do crime, embarcando no caminho que acabará por levá-lo a tornar-se em Joker, o arqui-inimigo de Batman.

REALIZADOR

TODD PHILLIPS («Starsky & Hutch», 2004; «A Ressaca», 2009; «Os Traficantes», 2016)

ELENCO

JOAQUIN PHOENIX, ROBERT DE NIRO, ZAZIE BEETZ

DATA DE ESTREIA

3 DE OUTUBRO

Joker é, indubitavelmente, um dos personagens mais icônicos da História da banda-desenhada e do Cinema, mas ainda não teve direito a um filme a solo. Até agora. O principal inimigo de Batman já teve várias vidas e vários intérpretes no Cinema: «Batman» (1989), «O Cavaleiro das Trevas» (2008) e «Esquadrão Suicida», com Jack Nicholson, Heath Ledger e Jared Leto apresentaram, respetivamente, as suas versões do vilão. «O Cavaleiro das Trevas», realizado por Christopher Nolan, foi especialmente marcante, sendo considerado, até hoje, como um dos melhores filmes de super-heróis de sempre, além de ter garantido oito nomeações aos Óscares. A obra venceria duas estatuetas, uma delas atribuída postumamente a Heath Ledger, na categoria de Melhor Ator Secundário. A sua interpretação foi efetivamente muito marcante, criando uma fasquia difícil de superar. Este é um dos principais desafios de «Joker»: conseguir apresentar uma versão robusta e complexa o suficiente para retratar um vilão cheio de idiossincrasias. A obra pretende abordar a origem do personagem, mostrando como é que ele se tornou no temível Joker. Curiosamente, a estratégia passa um pouco pela comédia. Ora, além de o vilão começar por ser um comediante de *stand-up*, Todd Phillips assina o argumento (juntamente com Scott Silver) e realização da obra. Phillips é sobretudo conhecido pelos seus filmes cómicos, sobretudo «A Ressaca», um dos mais reconhecidos filmes de comédia dos últimos anos. Joaquin Phoenix é o novo intérprete do personagem e tem um grande desafio em mãos. Não obstante, o ator está mais do que habituado a papéis intensos e complexos, contando já com três nomeações aos Óscares, na categoria de Melhor Ator Secundário por «Gladiador» (2000) e Melhor Ator Principal por «Walk the Line» (2005) e «The Master - O Mentor» (2012). A sua performance como Joker é um dos principais atrativos do filme, que conta ainda no elenco com nomes como o veterano Robert De Niro e Zazie Beetz.



THE WOMAN IN THE WINDOW

HISTÓRIA

Anna Fox (Amy Adams) sofre de agorafobia que vive sozinha em Nova Iorque, passando os dias a ver filmes antigos e a observar os seus vizinhos. Entretanto, a família Russell muda-se para o prédio da frente e Anna passa a espioná-los, até que testemunha um perturbador ato de violência.

REALIZADOR

JOE WRIGHT («Orgulho e Preconceito», 2005; «Expição», 2007; «Anna Karenina», 2012)

ELENCO (VOZES)

AMY ADAMS, GARY OLDMAN, JULIANNE MOORE, ANTHONY MACKIE

DATA DE ESTREIA:

17 DE OUTUBRO

O romance “The Woman in the Window”, de A.J. Finn, foi lançado em 2018 e tornou-se num *best-seller*, com publicação em 38 línguas. Desde o seu lançamento, a obra foi considerada Hitchcockiana e muito adaptada para o grande ecrã, tendo também algumas semelhanças com «A Rapariga no Comboio» (2016). Tracy Letts (argumentista de obras como «Um Quente Agosto», 2013) adapta o livro para um argumento cinematográfico, com Joe Wright a assumir a realização.

O realizador britânico tem já uma longa carreira e bastante diversificada. Entre os *biopics*, adaptações de livros e aventuras, Wright já fez um pouco de tudo, arriscando agora no género do *thriller*. Na sua carreira destacam-se sobretudo «Expição», «Anna Karenina» e, mais recentemente, «A Hora Mais Negra», que foi nomeado para seis Óscares, incluindo na categoria de Melhor Filme, vencendo dois no total. A obra veio alavancar de novo a reputação de Wright após um pequeno desaire chamado «Pan: Viagem à Terra do Nunca» (2015).

O elenco de «The Woman in the Window» é de luxo, com nomes como Gary Oldman (com quem Wright volta a colaborar), Julianne Moore e Amy Adams no papel principal. Após ter já seis nomeações aos Óscares, esta poderá ser mais uma oportunidade para Adams tentar conquistar finalmente os votos da Academia, num papel complexo e ambicioso, em que terá de interpretar uma mulher com um problema de saúde pouco abordado, a agorafobia, que se traduz pelo medo de locais de onde não se consegue sair imediatamente ou onde não existe uma ajuda imediata. A narrativa passa-se num ambiente de crime e tensão permanentes, onde se promete algum suspense.



AMY ADAMS EM SHARP OBJECTS

A BEAUTIFUL DAY IN THE NEIGHBORHOOD

HISTÓRIA

Fred Rogers (Tom Hanks) foi o criador de um programa de TV infantil muito popular na década de 1960. Em 1998, um jornalista (Matthew Rhys) aceitou escrever, com algum ceticismo, um perfil de Rogers para a revista Esquire, o que o fez mudar a sua visão em relação ao entrevistado mas também sobre a sua própria visão do Mundo.

REALIZADORA

MARIELLE HELLER («O Diário de Uma Rapariga Adolescente», 2015; «Can You Ever Forgive Me?», 2018)

ELENCO

TOM HANKS, MATTHEW RHYS, CHRIS COOPER

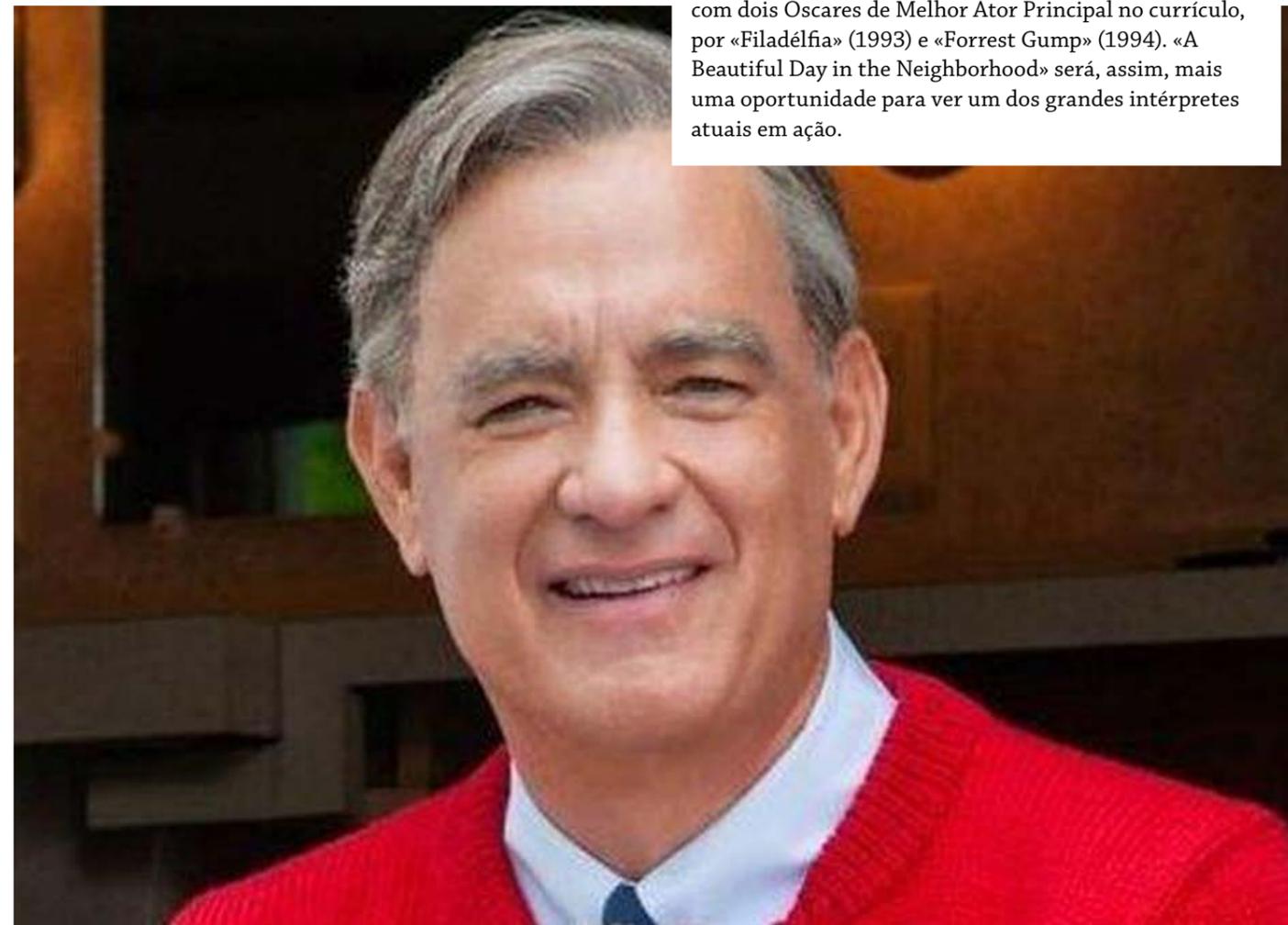
DATA DE ESTREIA:

24 DE OUTUBRO

«A Beautiful Day in the Neighborhood» apresenta-se como um dos filmes mais afetuosos e inspiradores do ano, trazendo para o grande ecrã uma história que rompe o ceticismo e traz de volta algum encanto que, por vezes, parece perdido. Embora tenha por base uma história real, não se trata propriamente de um *biopic*. O argumento vai buscar inspiração a uma famosa entrevista da revista Esquire, intitulada “Can You Say... Hero?”. A peça foi assinada por Tom Junod, que entrevistou Fred Rogers após bastante ceticismo. Rogers foi um conhecido apresentador de televisão dos anos 1960 que conquistou gerações pelo seu carisma e simpatia.

A sua história foi recentemente transformada no documentário «Won't You Be My Neighbor?» (2018), de Morgan Neville, arrecadando mais de 22 milhões de dólares nas bilheteiras norte-americanas. A realizadora Marielle Heller está a cargo de transpor para o grande ecrã este momento específico mas marcante da vida de Rogers, num fulgor de otimismo e positividade. Heller tem vindo a ganhar cada vez mais destaque no cinema independente, surpreendendo com «O Diário de Uma Rapariga Adolescente» e «Can You Ever Forgive Me?», duas comédias intrincadas elogiadas pela crítica.

Para interpretar uma figura profundamente carismática foi escolhido um ator que também esbanja magnetismo há já várias décadas no Cinema: Tom Hanks. Um dos mais conhecidos atores norte-americanos, Hanks conta com dois Óscares de Melhor Ator Principal no currículo, por «Filadélfia» (1993) e «Forrest Gump» (1994). «A Beautiful Day in the Neighborhood» será, assim, mais uma oportunidade para ver um dos grandes intérpretes atuais em ação.





GAEL GARCÍA BERNAL EM «NÃO»

Pablo Larraín é um dos realizadores chilenos mais profícuos e relevantes da atualidade e regressa para a sua oitava longa-metragem, voltando à sua terra-natal. Contudo, desta vez, deixa os filmes de época e assina a sua primeira obra passada na contemporaneidade, num drama que conta, mais uma vez, com a produção do seu irmão, Juan de Dios Larraín, e com o Diretor de Fotografia Sergio Armstrong. Com uma presença constante nos principais Festivais de Cinema mundiais, como Cannes, Veneza e Toronto, Larraín já abordou em várias das suas obras as condicionantes políticas e sociais do Chile, como em «Não», que foi nomeado para o Óscar de Melhor Filme em Língua Estrangeira, e arriscou ao retratar, pela primeira vez, uma figura feminina naquele que foi também o seu primeiro

filme em língua inglesa, «Jackie». A obra retratou Jackie Kennedy e foi nomeada para três Óscares. Em «Ema», Larraín volta a colaborar com Gael García Bernal, um dos mais renomados atores mexicanos, que divide o protagonismo com a estreante Mariana Di Girolamo, num elenco com maior predominância feminina. A dança contemporânea terá uma grande importância na obra, sendo uma forma de escape do casal protagonista para se exprimir durante um processo difícil de adoção de uma criança. Larraín descreve o filme como sendo um “melodrama, algo que nunca fiz antes, no qual as emoções das pessoas pelos outros são essenciais para a história. Há muita música e cenas onde as pessoas estão simplesmente a partilhar os seus sentimentos”.

Com um filme “muito visual”, o cineasta regressa ao seu país natal, o que lhe agrada particularmente: “Sinto-me sortudo por fazer filmes em diferentes línguas, locais e circunstâncias. Quando tens a oportunidade de trabalhar numa indústria diferente, do tamanho da americana, é bom voltar a casa para fazer um filme que pode ser mais pequeno, mas em que nunca perdes a tua integridade ou o sentimento de que não podes proteger os elementos que realmente importam”.

EMA

HISTÓRIA

Um coreógrafo (Gael García Bernal) e a sua esposa Ema (Mariana Di Girolamo), uma professora infantil, enfrentam dificuldades no seu relacionamento depois de um processo de adoção não correr da melhor forma.

REALIZADOR

PABLO LARRAÍN («Não», 2012; «O Clube», 2015; «Jackie», 2016)

ELENCO

GAEL GARCÍA BERNAL, MARIANA DI GIROLAMO, PAOLO YANINI

DATA DE ESTREIA

SEM DATA DE ESTREIA PREVISTA



FRANKIE

HISTÓRIA

Três gerações de uma família passam por uma experiência que vai mudar as suas vidas durante umas férias em Portugal.

REALIZADOR

IRA SACHS («Love Is Strange - O Amor é Uma Coisa Estranha», 2014; «Homenzinhos», 2016)

ELENCO

ISABELLE HUPPERT, MARISA TOMEI, GREG KINNEAR, BRENDAN GLEESON

DATA DE ESTREIA PREVISTA

25 DE SETEMBRO (FRANÇA)

«Frankie» é uma co-produção portuguesa - a produtora O Som e a Fúria é uma das envolvidas no projeto -, de cariz intimista, com uma das melhores atrizes francesas de sempre como protagonista: Isabelle Huppert. Dona de uma carreira recheada de personagens fortes e complexas, a atriz há muito que já conquistou mais do que o território europeu, num reconhecimento internacional que chegou na sua plenitude recentemente, com o filme «Ela», pelo qual venceu o Globo de Ouro de Melhor Atriz de Drama e a nomeação para o Óscar de Melhor Atriz Principal.

Isabelle Huppert colabora pela primeira vez com Ira Sachs, realizador norte-americano que deu nas vistas por obras como «Love Is Strange - O Amor é Uma Coisa Estranha» e «Homenzinhos». O cineasta arrisca-se na sua primeira obra fora dos EUA e reúne novamente com o colaborador habitual Mauricio Zacharias. «Frankie» acompanha três gerações de uma família europeia que se juntam na bela e misteriosa cidade de Sintra para uma última viagem que irá revelar os segredos e amarguras do passado, com a matriarca, interpretada por Huppert, a assumir um papel fundamental.

Além de Zacharias, Ira Sachs volta também a trabalhar com outros atores de renome, como Marisa Tomei (vencedora do Óscar de Melhor Atriz Secundária por «O Meu Primo Vinny», 1992), Greg Kinnear (nomeado para o Óscar de Melhor Ator Secundário por «Melhor É Impossível», 1997) e Brendan Gleeson (que conta já com três nomeações a Globos de Ouro). Com um elenco cheio de estrelas, paisagens encantadoras e um realizador e argumento promissores, «Frankie» é uma das apostas do cinema europeu.

LITTLE WOMEN

HISTÓRIA

Jo (Saoirse Ronan), Beth (Eliza Scanlen), Meg (Emma Watson) e Amy (Florence Pugh) são quatro irmãs muito diferentes entre si, mas que precisam de cooperar umas com as outras numa altura em que os Estados Unidos da América enfrentam uma Guerra Civil.

REALIZADORA

GRETA GERWIG («Lady Bird», 2017)

ELENCO

MERYL STREEP, SAIORSE RONAN, EMMA WATSON, TIMOTHÉE CHALAMET

DATA DE ESTREIA

25 DE DEZEMBRO (EUA)

O livro «As Mulherzinhas», escrito por Louisa May Alcott e lançado em 1868, foi já adaptado algumas vezes para a televisão e para o cinema. Um destes exemplos foi no filme «As Mulherzinhas» (1994), de Gillian Armstrong, que teve, no total, três nomeações aos Óscares. O filme contou com um elenco de luxo, em que os papéis principais foram interpretados por Susan Sarandon, Winona Ryder, Kirsten Dunst e Claire Danes. Mais recentemente, foi também lançada uma mini-série da BBC com três episódios.

Tal como o título indica, «As Mulherzinhas» tem muita força feminina. Além do elenco, também será uma mulher a realizar a obra, Greta Gerwig, e não se trata de uma figura qualquer. A cineasta - que também é atriz - chamou a atenção com o irreverente «Lady Bird» (2017), para o qual foi nomeada para os Óscares de Melhor Argumento Original e Melhor Realização, uma categoria na qual apenas uma mulher, Kathryn Bigelow, conseguiu vencer. Para este novo desafio, Gerwig volta a colaborar com atores que fizeram de «Lady Bird» um sucesso: Saoirse Ronan e Timothée Chalamet. Ela já conta com três nomeações aos Óscares e ele é um dos atores-sensação do momento, que dá agora vida ao papel que Christian Bale interpretou no filme de 1994.

Não obstante, o restante elenco é não menos chamativo, contando com nomes como Emma Watson, Florence Pugh, Laura Dern e a veterana Meryl Streep, com 20 nomeações aos Óscares na carreira e 3 estatuetas conquistadas. «As Mulherzinhas» vai acompanhar a história de jovens irmãs durante a Guerra Civil norte-americana, dando os primeiros passos na sociedade adulta e aprendendo a lidar com as suas diferentes personalidades, percebendo qual é o valor da verdadeira amizade.





«Frozen: O Reino do Gelo» foi um dos sucessos mais avassaladores dos últimos anos, tornando-se no filme de animação com a maior receita nas bilheteiras de sempre, chegando a quase 1,3 mil milhões de dólares. A obra inspirou uma peça na Broadway e ganhou dois Óscares, nas categorias de Melhor Filme de Animação e Melhor Música Original para “Let It Go”. Tudo isto aliado a um conjunto desconcertante de fãs em todo o mundo que fez com que a Disney arriscasse, apostando naquela que é a primeira sequência de um filme de princesas Disney a ter estreia no grande ecrã (até agora as sequelas têm sido lançadas diretamente em DVD ou noutras plataformas).

«Frozen 2» é, assim, um filme muitíssimo aguardado, pelo que se volta a apostar nos ingredientes que notabilizaram a primeira obra, com o regresso dos argumentistas e realizadores Chris Buck e Jennifer Lee, mas também do elenco de vozes, do qual fazem parte Kristen Bell, Idina Menzel, Josh Gad e Jonathan Groff, juntando-se também Evan Rachel Wood e Sterling K. Brown. Elsa e Anna voltam, desta forma, para mais uma aventura, mas sairão da sua área de conforto, numa história que se irá passar fora de Arendelle e que será “maior e mais épica” do que a primeira toma, segundo revela Jennifer Lee. “Não se trata do segundo episódio”, mas “algo que vai afetar o público”, conta Kristen Bell.

A música foi um dos principais componentes de «Frozen: O Reino do Gelo» e «Frozen 2» não será exceção. Lee revela, ainda, que estão, desde já, confirmadas novas músicas e uma em especial que será “uma evolução” do enorme hit “Let it Go”, uma canção que mudou toda a estrutura do primeiro filme. Ora, antes de a música ter sido escrita, Elsa seria uma vilã. Contudo, a canção acabou por inspirar os realizadores a tornar Elsa numa segunda protagonista, catapultando-a para uma das heroínas mais reconhecidas dos últimos anos nos filmes de animação.

FROZEN 2

HISTÓRIA

Elsa, Anna, Kristoff e Olaf aventuram-se na floresta para descobrir a verdade sobre um mistério antigo do seu reino.

REALIZADORES

CHRIS BUCK E JENNIFER LEE («Tarzan», 1999; «Frozen: O Reino do Gelo», 2013)

ELENCO (VOZES)

KRISTEN BELL, IDINA MENZEL, JOSH GAD, JONATHAN GROFF

DATA DE ESTREIA

21 DE NOVEMBRO



STAR E P I S O D E I X WARS

Star Wars é, indubitavelmente, uma das sagas mais famosas e bem-sucedidas da História do Cinema. Em 2015, com o lançamento de «Star Wars: Episódio VII - O Despertar da Força», houve um renascimento do *franchise*, iniciando-se uma nova trilogia. J.J. Abrams regressa agora para terminá-la, após «Star Wars: Episódio VIII - Os Últimos Jedi» (2017), realizado por Rian Johnson, uma obra que recebeu opiniões mistas por parte do público e crítica, mas que foi um retumbante sucesso nas bilheteiras, arrecadando mais de mil milhões de dólares em todo o mundo. Pelo meio, foram ainda lançados «Rogue One: Uma História de Star Wars» (2016) e «Han Solo: Uma História de Star Wars» (2018), prequelas da trilogia original da saga. O último acabou por ser um *flop* e

deixar muitas dúvidas quanto às possibilidades de novos filmes *spin-off*.

Abrams regressa, assim, com a tarefa de encerrar de forma épica o último capítulo de *Star Wars*, após Colin Trevorrow ter saído do projeto ainda antes do início da produção. Oscar Isaac, um dos protagonistas do filme, revela que o ambiente nos estúdios “está mais livre. As pessoas continuam a encarar o trabalho de forma séria, mas há muita diversão. Penso que a energia vai traduzir-se num filme realmente fantástico”.

«Star Wars: Episode IX» irá passar-se um ano após dos acontecimentos do filme anterior e voltará a dar

palco ao sangue novo da saga, com Rey, Rylo Ken e Finn a assumirem o protagonismo. Os personagens são interpretados, respetivamente, por Daisy Ridley, Adam Driver e John Boyega, num elenco do qual fazem também parte Anthony Daniels, Domhnall Gleeson, Lupita Nyong’o ou Kelly Marie Tran, além de serem usadas imagens de Carrie Fisher, que faleceu em 2016 e que interpretava Leia Organa, a princesa que se tinha tornado numa das líderes da Resistência. De destacar, ainda, a introdução de novos e renomados atores, como Richard E. Grant e Matt Smith, além do regresso de Billy Dee Williams no papel do icónico Lando Calrissian.

STAR WARS: EPISODE IX

HISTÓRIA

Chega ao fim a saga Skywalker, numa narrativa marcada por mais um embate entre Império e Resistência.

REALIZADOR

J.J. ABRAMS («Missão Impossível 3», 2006, «Star Trek», 2009; «Star Wars: Episódio VII - O Despertar da Força», 2015)

ELENCO

DAISY RIDLEY, ADAM DRIVER, OSCAR ISAAC, JOHN BOYEGA, DOMHNALL GLEESON

DATA DE ESTREIA

19 DE DEZEMBRO



BENEDETTA

HISTÓRIA

No século XVII, uma freira italiana, Benedetta Carlini (Virginie Efira), faz parte de um convento desde a sua infância e sofre de um distúrbio que a faz ter visões religiosas e eróticas. Carlini acabará por ficar ameaçada quando a sua relação com uma ajudante se transformar num conturbado romance amoroso.

REALIZADOR

PAUL VERHOEVEN («Robocop - O polícia do futuro», 1987; «Instinto Fatal», 1992; «Ela», 2016)

ELENCO

VIRGINIE EFIRA, CHARLOTTE RAMPLING, LAMBERT WILSON

DATA DE ESTREIA

SEM DATA DE ESTREIA PREVISTA

A premissa de «Benedetta» apresenta-se como uma proposta cinematográfica bastante arrojada e que não se alheia da polémica. O filme baseia-se no livro «Immodest Acts», da autoria de Judith C. Brown e lançado em 1986, que narra a história verídica da freira Benedetta Carlini, que viveu um romance lésbico na época do Renascimento. O cineasta holandês Paul Verhoeven é o responsável por trazer para o grande ecrã esta história, naquela que é a sua segunda obra em língua francesa.

A carreira do realizador, muito marcada por *thrillers* com uma assinalável carga erótica - entre os quais se notabiliza «Instinto Fatal» -, ganhou novo fôlego com «Ela», protagonizado por Isabelle Huppert, que venceu o Globo de Ouro e foi nomeada para o Óscar de Melhor Atriz Principal graças à sua interpretação. O filme conquistou a crítica e chamou de novo a atenção para Verhoeven, que rapidamente anunciou este novo projeto, em que vai voltar a contar com a colaboração de duas figuras de «Ela»: o argumentista David Birke e a atriz Virginie Efira, que passa agora para o papel de protagonista. A atriz belga ganha cada vez mais reconhecimento no cinema europeu e destacou-se em obras como «Na Cama Com Victoria» (2016) e «An Impossible Love» (2018). Salienta-se, ainda, a participação da veterana Charlotte Rampling, nomeada ao Óscar de Melhor Atriz Principal por «45 Anos» (2015).

CATS

HISTÓRIA

A tribo de gatos chamada Jellicles tem de tomar uma importante decisão e escolher um dos gatos para ascender para o Heaviside Layer e conseguir ter uma nova e melhor vida. Na tentativa de ser escolhido, cada um dos gatos conta a sua história à seu líder, Deuteronomy (Judi Dench).

REALIZADOR

TOM HOOPER («O Discurso do Rei», 2010; «Os Miseráveis», 2012; «A Rapariga Dinamarquesa», 2015)

ELENCO

IDRIS ELBA, IAN MCKELLEN, JUDI DENCH

DATA DE ESTREIA PREVISTA

26 DE DEZEMBRO

É um dos musicais mais famosos do mundo e terá agora uma versão em imagem real para o grande ecrã. Falamos de «Cats», a quarta peça a figurar durante mais tempo em cena na História da Broadway e a sexta no West End de Londres. Para concretizar esta arrojada e muito aguardada adaptação cinematográfica, foi chamado para se sentar na cadeira de realização Tom Hooper, um cineasta que está habituado a grandes desafios, a fazer brilhar os atores num ambiente musical e a voltar ao passado num *set*. O britânico tem já um Óscar de Melhor Realizador por «O Discurso de Rei», tendo também se notabilizado pelas obras «A Rapariga Dinamarquesa» e «Os Miseráveis», um dos musicais mais reconhecidos dos últimos anos.

«Cats» é o quarto musical de Andrew Lloyd Webber a ser adaptado para o grande ecrã após «Jesus Cristo Superstar» (1973), «Evita» (1996) e «O Fantasma da Ópera de Andrew Lloyd Webber» (2004). Entre os desafios naturais de uma adaptação cinematográfica, o filme trará também uma novidade, sendo a primeira vez que o personagem Deuteronomy será representada como sendo feminino. No caso, será Judi Dench a interpretar a líder da tribo felina - e estará acompanhada por um elenco recheado de estrelas: Idris Elba, Ian McKellen, James Corden, Jennifer Hudson e Taylor Swift são alguns dos nomes que abrilhantam a obra.

«Cats» vai basear-se na peça «Old Possum's Book of Practical Cats», escrita por T.S. Eliot, tendo sido interpretada pela primeira vez em palco em 1981. Curiosamente, a própria Judi Dench iria interpretar o papel de Grizabella na produção original de West End, mas teve de se afastar após uma lesão, tendo sido substituída por Elaine Paige.

DE BENEDETTA

SCÉNARIO DE DAVID BIRKE ET PAUL VERHOEVEN ADAPTÉ DU LIVRE "IMMODEST ACTS" DE JUDITH C. BROWN

PAUL VERHOEVEN



BLACK MONDAY

Novo ano, (muitas) novas séries para ver. Para que não se deixe deprimir pelo frio ou pela demora de séries como «A Guerra dos Tronos», «Stranger Things» ou «Veep», a **METROPOLIS** vem ajudá-lo a ocupar o seu horário televisivo. O difícil, avisamos já, vai ser escolher. Para facilitar a sua vida, deixamos as 15 séries novas a ter debaixo de olho nos próximos meses. Ready, set, go!

SARA QUELHAS

ANTEVISÃO 2019

TV

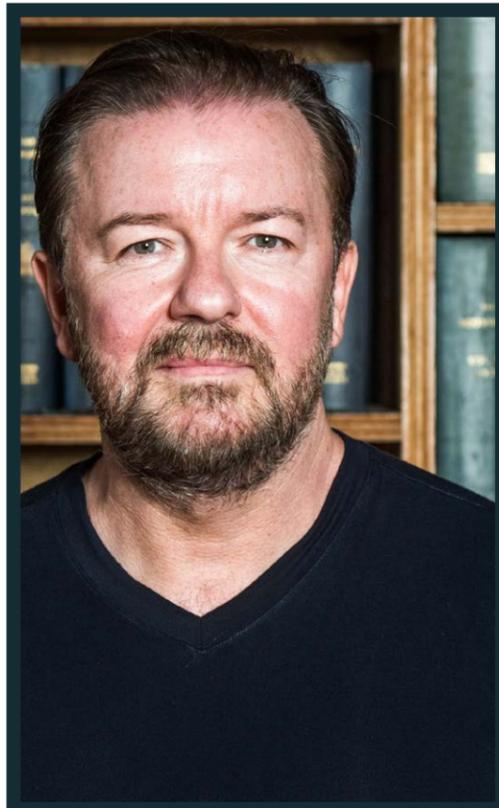
AFTER LIFE

DE: RICKY GERVAIS

COM: RICKY GERVAIS, KERRY GODLIMAN, TOM BASDEN

“É um tipo simpático a tentar ser um sociopata”, descreve Gervais em entrevista. A dor de perder alguém é recebida de maneiras diferentes, e para Tony (Gervais) é uma experiência que muda a sua vida para sempre. Na sequência da morte da sua mulher, Tony (Gervais) altera completamente a sua personalidade, cansado de ser uma pessoa correcta e, em certa medida, inútil. Muito simpático e ponderado por natureza, torna-se um homem mais impulsivo e com o objetivo de castigar o mundo... dizendo e fazendo aquilo que bem lhe apetece.

Estreia na Netflix, 8 de março



CHERNOBYL

DE: JOHAN RENCK

COM: JARED HARRIS, STELLAN SKARSGÅRD, EMILY WATSON

O melhor bar de San Diego fica no quintal da protagonista Abby (Natalie Morales, «Parks and Recreation» e «Trophy Wife»). Há muito que os bares são tradicionais portos de abrigo nas séries de comédia, mas será que já existiu algum com tanta ‘pinta’ quanto este espaço por licenciar? Não estranhem encontrar à mesa rostos bem conhecidos como Neil Flynn, de «Scrubs - Médicos e Estagiários» e «The Middle - No Meio do Nada», e Nelson Franklin, de «New Girl - Jess e os Rapazes», «Veep» e «Os Millers».

Estreia em 2019 na HBO & Sky Atlantic

BLACK MONDAY

DE: JORDAN CAHAN, DAVID CASPE

COM: DON CHEADLE, ANDREW RANNELLS, REGINA HALL

Quase ‘feriado’ nos calendários anuais dos consumidores, a ‘Black Friday’ tem a sua origem a 19 de outubro de 1987, data em que o índice Dow Jones, um dos principais indicadores da bolsa norte-americana, caiu a pique. Ação que se repetiu à volta do globo. É este o marco histórico que inspira «Black Monday», uma série sem papas na língua e com um elenco de luxo, onde se destaca um Don Cheadle de bigode. A história centra-se nos empregados de uma corretora de investimentos, imediatamente antes da sexta-feira negra...

Estreia na Showtime, 20 de janeiro



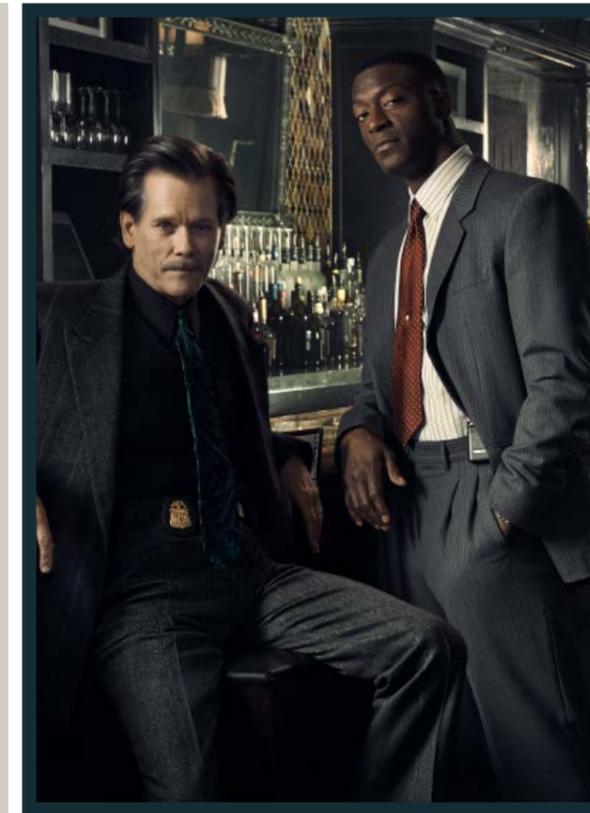
CITY ON A HILL

DE: CHUCK MACLEAN

COM: KEVIN BACON, ALDIS HODGE, JONATHAN TUCKER

Boston, 1992. Ben Affleck é produtor executivo e um dos criativos por detrás de «City on a Hill», a série que marca o regresso de Kevin Bacon ao pequeno ecrã. Ao estilo do que Affleck já fez no cinema, o drama retrata a vida de crime, corrupção e selvajaria da cidade, numa incursão ficcional que junta um procurador (Hodge) a um agente do FBI corrupto (Bacon). A dupla, bastante diferente, tem de encontrar o equilíbrio possível e, em conjunto, dar resposta à onda de crime da família Ryan. No entanto, as ramificações são imprevisíveis.

Estreia na Showtime, 16 de junho





DEVS

DE: **ALEX GARLAND**

COM: **SONOYA MIZUNO, NICK OFFERMAN, ALISON PILL**

Autor de «Ex Machina» (2014) e «Aniquilação» (2018), bem como argumentista de «28 Dias Depois» (2002) e «Missão Solar» (2007), Alex Garland tem estreia marcada este ano como criador de TV. Com 'queda' para a ficção científica e, sobretudo, para a forma como a tecnologia resulta em tragédia, Garland conta em «Devs» a história de uma engenheira informática que investiga uma divisão secreta na sua empresa, que acredita estar envolvida no desaparecimento misterioso do seu namorado.

Estreia na FX, 2019

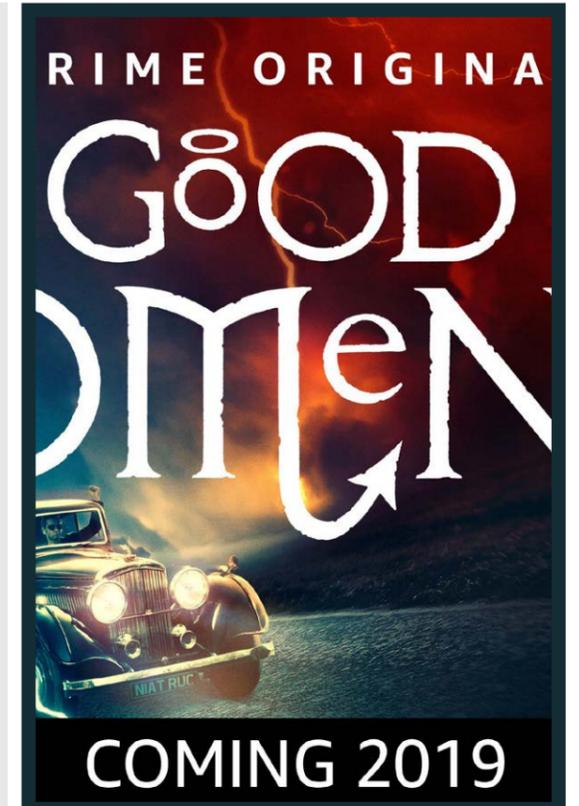
GOOD OMENS

DE: **NEIL GAIMAN**

COM: **DAVID TENNANT, MICHAEL SHEEN, JON HAMM**

Depois do sucesso de «American Gods», Neil Gaiman volta a ter uma história da sua autoria, neste caso em conjunto com Terry Pratchett, adaptada ao pequeno ecrã. Com o Apocalipse à porta, dois inimigos de longa data têm de perceber como podem trabalhar em conjunto. O demónio Crowley (Tennant) e o anjo Aziraphale (Sheen) querem prevenir a batalha final, e assim continuar a viver tranquilamente na Terra nos próximos séculos. Trata-se de uma minissérie de apenas seis episódios, mas que certamente nos deixará a chorar por mais.

Estreia na Amazon Prime & BBC Two, 2019



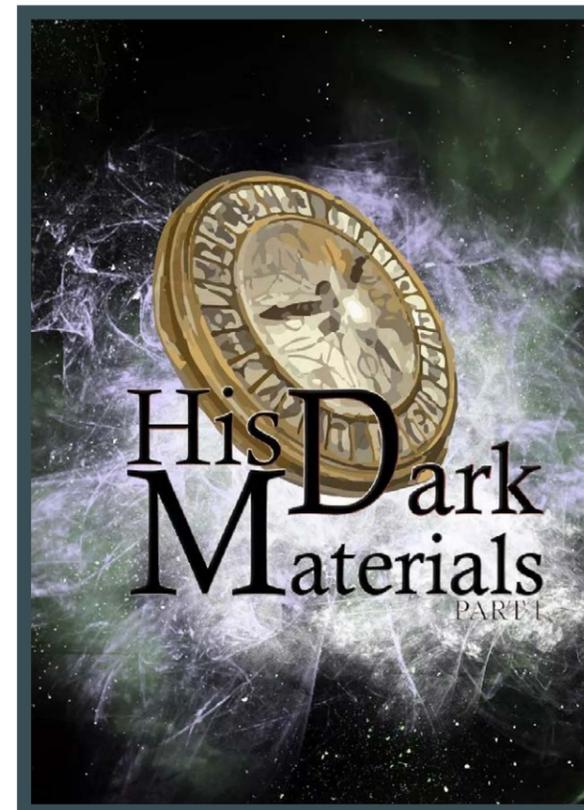
COMING 2019

FOSSE/VERDON

COM: **SAM ROCKWELL, MICHELLE WILLIAMS, MARGARET QUALLEY**

Desde os 128 episódios de «Dawson's Creek», terminada em 2003, que Michelle Williams não dava o ar da sua graça no pequeno ecrã. A atriz junta-se a Sam Rockwell para recuperar a vida romântica e criativa de Bob Fosse e Gwen Verdon. Ela é considerada uma das maiores bailarinas da história da Broadway. Ele é um cineasta e um dos coreógrafos de teatro mais relevantes do seu tempo. Em conjunto, tiveram a capacidade de mudar o entretenimento norte-americano para sempre, o que acabaria por ter um custo...

Estreia na FX, 9 de abril



HIS DARK MATERIALS

COM: **DAFNE KEEN, LIN-MANUEL MIRANDA, JAMES MCAVOY**

Ainda nem começou e já tem a segunda temporada 'encomendada'. Com Lin-Manuel Miranda, em altas depois do musical Hamilton e «O Regresso de Mary Poppins» (2018), e James McAvoy, «His Dark Materials» passou de aposta britânica ao alcance global com a HBO. Centrada na trilogia de Philip Pullman, a ação foca duas crianças, que embarcam numa aventura mágica através de universos paralelos. No entanto, não se trata de uma mera fantasia, com bruxas e ursos polares fora do comum, já que também aborda temas como a filosofia ou a física.

Estreia na BBC One & HBO, 2019

MIRACLE WORKERS

DE: SIMON RICH

COM: APRIL BOWLBY, DIANE GUERRERO, JOIVAN WADE

Steve Buscemi já foi muitas coisas, mas é Deus pela primeira vez. E conta com uma ajuda de luxo: Harry Potter, ou melhor, o ator que lhe deu vida, Daniel Radcliffe. Inspirada no livro "What in God's Name", de Simon Rich, «Miracle Workers» passa-se nos escritórios do Céu, onde um Deus desanimado e aborrecido decide destruir a Terra. No entanto, dois anjos com esperança recentemente renovada tentam levá-lo a salvar a humanidade. Para tal, convencem-no de que são capazes de realizar o milagre mais improvável de sempre...

Estreia na TBS, 12 de fevereiro



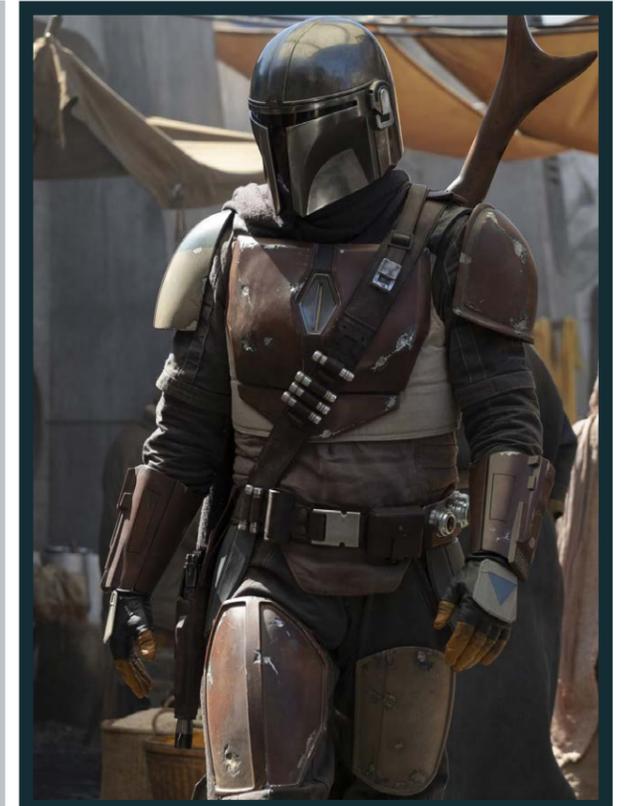
THE MANDALORIAN

DE: JON FAVREAU

COM: PEDRO PASCAL, GINA CARANO, NICK NOLTE

O serviço de *streaming* da Disney está quase aí e, como seria de esperar, o 'império' começa já a dar cartas com os seus principais trunfos estabelecidos. «A Guerra das Estrelas» continua a crescer, agora no pequeno ecrã, com «The Mandalorian» a dar o pontapé de saída daquilo que se espera ser uma longa lista de *spin-offs*. O protagonista é Pedro Pascal, mais conhecido por «A Guerra dos Tronos» e «Narcos». A ação terá lugar entre «Star Wars: Episódio VI - O Regresso de Jedi» (1983) e «Star Wars: Episódio VII - O Despertar da Força» (2015).

Estreia na Disney+, 2019



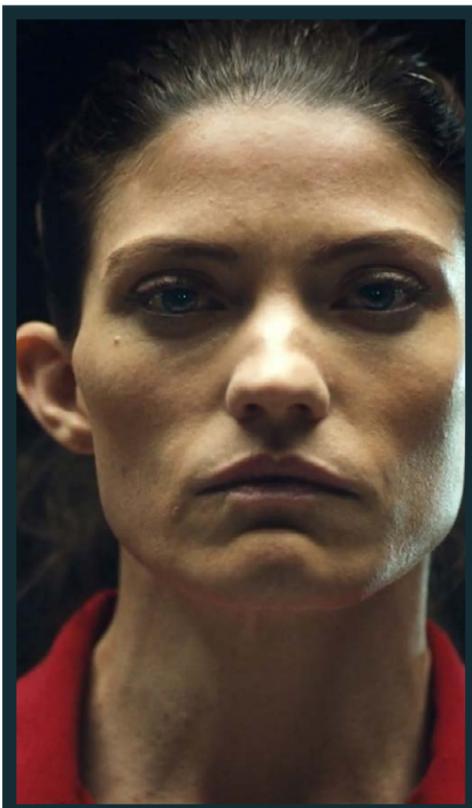
THE ENEMY WITHIN

DE: KEN WOODRUFF

COM: JENNIFER CARPENTER, MORRIS CHESTNUT, RAZA JAFFREY

Jennifer Carpenter está de regresso à TV depois de «Dexter» e «Limitless», novamente na pele de agente, desta feita da CIA. No entanto, a história começa logo na mó de baixo, com Erica (Carpenter) agora caída em ruína e presa por traição. Will Keaton («Rosewood»), do FBI, é forçado a colaborar com ela, recorrendo às suas capacidades excepcionais. Mas será que ele pode confiar nela? O que esteve na origem da tragédia que a levou para trás das grades?

Estreia na Netflix a 5 de outubro



THE TWILIGHT ZONE

COM: JORDAN PEELE

Recriar séries que marcaram gerações é uma ousadia repetida frequentemente, nem sempre com sucesso. «The Twilight Zone», que estreou em 1959 e teve cinco temporadas, é um desses casos, mas cabe a Jordan Peele – o novo narrador – dar voz a um potencial sucesso. A ideia continua a ser incrível: pegar em episódios isolados e criar universos fantasticamente improváveis, com desfechos inesperados. A fasquia está lá em cima, será que a tecnologia atual permitirá cumprir uma nova exigência?

Estreia na CBS All Access, 1 de abril



THE WITCHER

DE: LAUREN SCHMIDT HISSRICH

COM: HENRY CAVILL, FREYA ALLAN, JOEY BATEY

Esperada com grande expectativa, sobretudo desde que foi anunciado o casting do Super-Homem Henry Cavill, «The Witcher» dá forma aos livros de Andrzej Sapkowski. O protagonista é um caçador de monstros solitário, Geralt, que se esforça para encontrar o seu lugar num mundo onde as pessoas conseguem ser tão perturbadas quanto os seres míticos. No entanto, o destino acaba por unir o herói a outros 'marginais'...

Estreia na Netflix, 2019



WATCHMEN

DE: DAMON LINDELOF

COM: REGINA KING, DON JOHNSON, TIM BLAKE NELSON

Novela gráfica, filme e agora série. «Watchmen» é uma das próximas apostas da HBO, e centra-se numa história alternativa onde os super-heróis são tratados como foras da lei. Tendo em conta a popularidade da premissa, a série tem sido aguardada com grande ansiedade, ao que a HBO deu resposta com um elenco que promete ser de luxo. Assim, claro está, o argumento seja capaz de acompanhar o talento já existente na lista de atores.

Estreia na HBO, 2019

UTOPIA

DE: STEVEN LILIEN, BRYAN WYNBRANDT

COM: SASHA LANE

Depois de «Sharp Objects», Gillian Flynn volta a adaptar uma história ao pequeno ecrã. No entanto, desta vez a escritora não dá corpo a um dos seus livros, mas assume a responsabilidade de adaptar a original britânica «Utopia», de 2013. A ação desenrola-se em torno de uma novela gráfica, que se diz ter previsto algumas epidemias trágicas. Pode existir uma sequência por publicar com informações essenciais para a sobrevivência da Humanidade, pelo que há muita concorrência pela mesma.

Estreia na Amazon Video, 2019



TRUE DETECTIVE

DE: NIC PIZZOLATTO

COM: MAHERSHALA ALI, STEPHEN DORFF, CARMEN EJOGO

Recriar séries que marcaram gerações é uma ousadia repetida frequentemente, nem sempre com sucesso. «The Twilight Zone», que estreou em 1959 e teve cinco temporadas, é um desses casos, mas cabe a Jordan Peele – o novo narrador – dar voz a um potencial sucesso. A ideia continua a ser incrível: pegar em episódios isolados e criar universos fantasticamente improváveis, com desfechos inesperados. A fasquia está lá em cima, será que a tecnologia atual permitirá cumprir uma nova exigência?

Estreou na HBO Portugal, 11 de fevereiro



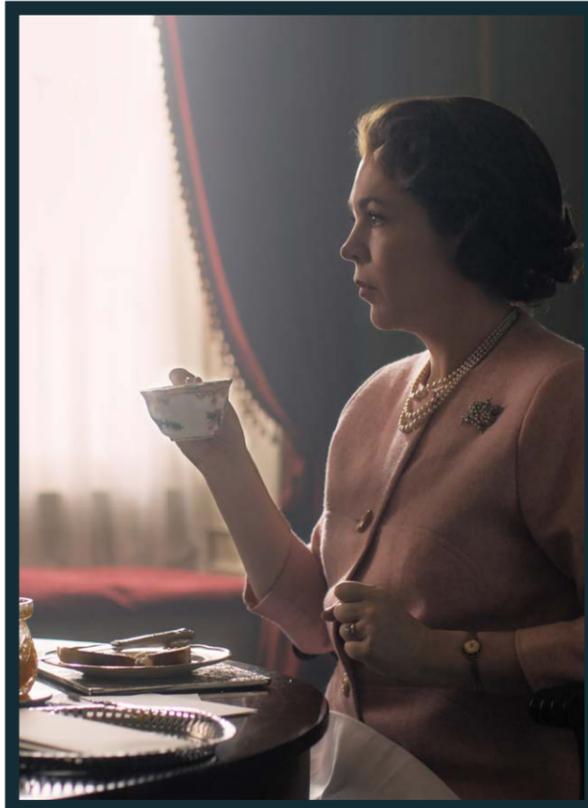
THE CROWN

DE: PETER MORGAN

COM: CLAIRE FOY, MATT SMITH, VICTORIA HAMILTON

Olivia Colman pode já ter treinado os seus dotes de rainha com «A Favorita» (2018), mas resta saber como se sai como rainha Isabel II, depois do estrondoso sucesso de Claire Foy nas duas primeiras temporadas de «The Crown». A história avança, a rainha envelhece e novos atores assumem o papel da realeza. Juntam-se a Olivia a inigualável Helena Bonham Carter, uma princesa Margaret ainda mais atormentada, e Tobias Menzies, que irá interpretar o príncipe Philip. Também Camilla Parker Bowles e Diana passam a fazer parte da trama, ainda que a segunda só ganhe o destaque esperado na quarta temporada.

A definir



ORANGE IS THE NEW BLACK

DE: JENJI KOHAN

COM: TAYLOR SCHILLING, DANIELLE BROOKS, TARYN MANNING

Depois de «House of Cards», ainda que terminada por razões alheias à ficção – as acusações em torno de Kevin Spacey –, é a vez de outro dos sucessos iniciais da Netflix se despedir da audiência. «Orange is the New Black» regressa pela última vez, provavelmente em junho ou julho, com Piper Chapman (Taylor Schilling) sem o fato laranja (e as cores que se sucederam entretanto) e num papel bem diferente daquele a que nos habituámos. É certo que a história foi desviada da Piper original ao longo das temporadas, até através de personagens totalmente ficcionadas, mas o objetivo central nunca foi descurado: alertar para as condições precárias em que as mulheres muitas vezes vivem na prisão.

Verão de 2019

A GUERRA DOS TRONOS

DE: DAVID BENIOFF, D.B. WEISS

COM: EMILIA CLARKE, PETER DINKLAGE, KIT HARINGTON

Há uma história da televisão antes de «A Guerra dos Tronos» e depois. Goste-se ou não da trama inspirada pela saga de George R. R. Martin, a verdade é que a série da HBO bateu recordes de audiência – e de *downloads* ilegais – um pouco por todo o mundo. Assim seja capaz de manter a qualidade e a HBO, que já prepara várias prequelas, terá um diamante bem lapidado para vários anos (talvez décadas). Embora a narrativa tenha escapado ao próprio autor, uma vez que a velocidade do pequeno ecrã ultrapassou a dos livros, tudo aponta para que os criadores David Benioff e D.B. Weiss preparem um final idêntico ao que terá depois a saga literária – fruto das reuniões iniciais entre os produtores e GRRM. A curiosidade é muita para o que aí vem, sendo que a última temporada confirmou uma das teorias mais antigas: o parentesco de Jon Snow (Kit Harington). Tendo em conta que ainda nem todas as personagens têm conhecimento desta informação bombástica, são esperadas muitas mudanças na ordem das coisas mal esta seja revelada. Ao mesmo tempo, o Night King e o seu exército de *deadwalkers* ultrapassaram a muralha e aproximam-se, por fim, das povoações. Quem irá, no final, sentar-se no trono? Teremos direito a um 'twist' ao jeito de «Lost»? Não falta muito para chegarem as respostas mais ansiadas dos últimos anos.

14 de abril



COMO
SOBREVIVER
AOS
ENCONTROS
DA
UNIFRANCE

RUI PEDRO TENDINHA
EM PARIS

Entrevistas, encontros, negócios, concertos e celebração do novo, novíssimo cinema português. Crónica de dias em que há pouco tempo para dormir mas em que o cinema francês acaba por fazer jus à grandeza da sua indústria.

JUSQU'ICI TOUT VA BIEN

São cinco dias de encontros, projeções, festas e entrevistas. Estamos por conta da Unifrance, a entidade que regula o rendez-vous do novo cinema francês em Paris para a imprensa e distribuidores de todo o mundo. Ali mesmo ao lado do Arco do Triunfo e da agitações amarelas, o confronto é direto: cinema de variedade extrema e uma sensação de celebração.

Os franceses sabem promover o seu cinema melhor do que mais ninguém. Têm também a indústria de cinema mais forte na Europa e ainda mantém coisas como o sistema de estrelas. Mas depois de vermos

grande parte dos filmes comprados pelos nossos distribuidores assalta-nos uma dúvida: porque raio se aposta tanto no cinema francês!? Os números são cada vez mais baixos e as comédias rotineiras quase todas são confrangedoras. Portugal é dos países que mais compra cinema francês, o comercial e o artístico, embora grande parte dos títulos sejam ignorados pela imprensa e público. Dá a ideia de que a abundância é para encher...

Ainda assim, aqui e ali é possível chocarmos com boas surpresas, como por exemplo «Jusqu'Ici Tout va Bien», de Mohamed Hamidi,

que finta a fórmula da comédia social de boa consciência. Gilles Lellouche é notável numa história verdadeira que nos conta como é que uma empresa parisiense que é obrigada a mudar-se para um bairro dos subúrbios sobrevive entre a malta do bairro. Em tempos em que em Portugal a “malta” do bairro da Jamaica provoca arrepios às autoridades, eis um filme sobre a tolerância com contenção nos clichés.

Curiosamente, Gilles Lellouche que não se dignou a aparecer nestes encontros com a imprensa internacional. Gaspar Noé não foi nessa conversa e foi dos que despendeu

mais tempo a falar com os críticos. Eu apanhei-o a elogiar o David Cronenberg, coisa que lhe fica bem. «Clímax», já mostrado em Cannes, foi também dos melhores títulos desta safra. E sim, confirma-se o mito: o homem é bem mais falador quando fala em castelhano (é preciso não esquecer que Gaspar Noé tem sangue argentino).

Nos corredores do Hotel Le Collectionneur, Pierre Niney era também alguém francamente bem disposto, mas nada que se compara à efervescência de Vincent Cassel, cada vez mais feliz por saber falar português e muito zeloso na pro-

moção do Onda Carioca, festival de música brasileira que organiza em Biarritz.

No piso de baixo, onde estão os *stands* do mercado, era também fácil esbarramos com distribuidores. Da Alambique diziam-me que o próximo da Mia Hansen-Love está caro, bastante caro. E é de novo sintomático que distribuidoras como a Outsider, a Films4You e a NOS não deixem de apostar no cinema mais comercial francês, mesmo com a atual crise da comédia popular. A imprensa não teve convite, mas nos Campos Elísios houve projecção de «Nous Finirons Ensemble», a conti-

nuação de «Pequenas Mentiras entre Amigos». O filme de Guillaume Canet, que tem o mesmo elenco do primeiro, tem tudo para ser aquele que melhor pode funcionar no nosso mercado este ano.

Da fornada de 2019 mais preferidos: «Lola et ses Frères», de Jean-Paul Rouve e «Première Année», de Thomas Lilti. O primeiro é uma comédia romântica nada piegas sobre adultos perdidos nas teias amorosas, enquanto o segundo é um olhar ligeiro mas realista sobre a vocação dos estudantes de medicina no primeiro ano da faculdade. Elogios também bem sinceros a «Rémi Sans Famille», de Antoine Blassier, um conto juvenil com um “storytelling” fresco e expedito; «Premières Vacances», de Patri-

ck Cassir, uma história de amor numas férias na Bulgária e «Place Publique», de Agnès Jaoui, onde se digere o culto das redes sociais e da celebridade na França dos nossos dias.

De fugir é «Ervas Daninhas», de e com Kheiron, mais uma achega ao flagelo das comédias idiotas comerciais, bem como «L'Empereur de Paris», de Jean-François Richet, com um Vincent Cassel a decorar uma história de ação sem charme e muitos duplos. Ainda nas desilusões está «Un Homme Pressé», de Hervé Mimran, conto de amizade improvável com uma insuportável aragem de fórmula.

Seja como for, os Encontros da Unifrance valem sempre pela vontade

de uma cinematografia e da sua indústria em abrirem-se ao mundo. É um exemplo que poderia inspirar o nosso governo a fazer algo do género em Lisboa ou Porto, mesmo que a uma escala mais reduzida. Distribuidores e jornalistas tiveram ainda um brinde do tamanho do mundo: um concerto na Radio France com a orquestra da rádio pública montado por Bertrand Tavernier. Ouvimos os grandes temas das bandas-sonoras de filmes clássicos dos anos 30 e 40...Fui ao céu e quase que me esqueci que nenhum distribuidor português teve coragem de agarrar em «Une Jeunesse Dorée», de Eva Ionesco, imenso conto sobre uma juventude sexual de trauma. Isabelle Huppert é neste filme de novo de um outro mundo...





PINÓQUIO

GUILLERMO DEL TORO CINEASTA

Acima do peso ideal a uma vida saudável, Guillermo Del Toro goza do seu próprio corpo várias vezes na sua passagem pelo Festival de Marraquexe, num terreno cheio de iguarias das Arábias, com kaftas, lentilha e doces de semolina. Não é "gordofobia": é autocrítica, algo que transformou o mexicano de 54 anos num dos diretores mais festejados da atualidade. Oscarizado em 2018 por «A Forma da Água», ele vai cair agora no ventre da baleia que engoliu Geppetto e o seu filho de pau, «Pinóquio». É o cineasta que vai devolver a vida ao boneco de madeira, personificado como menino do nariz grande, às telas,

no formato de uma animação com bonecos, em *stop-motion* (técnica na qual objetos são filmados quadro a quadro, dando sensação de movimento), ambientada na Itália fascista. O personagem, celebrado pela Disney num desenho animado dos anos 1940, nasceu da pena do escritor florentino Carlo Collodi (1826-1890) em 1883. É hora do brinquedo que sonha ser humano voltar ao seu país de origem, como um projeto da grife Netflix, feita pelas lentes de um mexicano expert em monstros que arrebatou corações, ganhou o Leão de Ouro de Veneza e conquistou dois Oscars (o de melhor direção

e o de melhor filme) pelo tritão amazónico de «A Forma da Água». O prestígio da crítica e público do filme (cuja bilheteria roçou US\$ 195 milhões) deu a Del Toro uma vaga entre os maiores realizadores da atualidade. Entre agosto e setembro, ele presidiu ao júri do Festival de Veneza (coroando seu conterrâneo Alfonso Cuarón, por «ROMA», com o Leão dourado). Agora, foi visitar um dos mais prestigiados eventos cinéfilos de África, o Festival de Marraquexe, que encerrou com a vitória da longa austríaco «Joy», da diretora

Sudabeh Mortezaei, na briga pela Estrela de Ouro. Del Toro este a ministrar uma *masterclass* sobre a sua carreira, hoje no apogeu. Nesta conversa com a revista METROPOLIS, o oscarizado realizador de cults como «O Labirinto do Fauno» (2006) e «Hellboy» (2004) revela os temperos do México na sua estética, fala sobre Pinóquio e faz uma reflexão política sobre processos de criação nesta era de canais de *streaming*.
RODRIGO FONSECA
EM MARRAQUEXE

De que maneira o monstro de «A Forma da Água» mudou a sua vida?

GDT Curiosamente, o que deveria ser a maior alegria da minha vida chegou com uma perda afetiva sem precedentes na minha história pessoal: poucos meses após o Oscar que recebi, eu perdi o meu pai, Federico Del Toro. A morte de alguém essencial à sua existência traz uma perspectiva diferente às suas vitórias. Eu saí daquela premiação cheio de amor: vi muita gente comemorando a consagração do meu filme, do meu trabalho. E aí veio a morte dele, do homem que me deu disciplina. Mas eu saí dessa experiência buscando a minha essência. Eu fiz muitas coisas no cinema, desde efeitos especiais até assistência de direção. Mas a animação sempre fez parte da minha trajetória. É hora de voltar a ela com uma história como a de Pinóquio com a qual eu tenho uma conexão desde a infância. É o menino que não pode ser ele mesmo para ganhar o amor dos outros.

O que te levou a «Pinóquio» e como você planeia reinventá-lo?

GDT Há algo de familiar nele, que evoca minha maneira de lidar com a vida, vou levar a história do boneco de madeira que precisa de humanizar-se para poder ser amado para o contexto do fascismo italiano, para a Itália de Mussolini. Bati em muitas portas para levantar esse projeto e enfim encontrei um caminho. Será uma fábula política pois precisamos mais do que nunca de metáforas. É por meio de parábolas que as religiões se edificam. E, neste momento em que a Humanidade vive numa guerra de ficções, a partir das Fake News que são inventadas nas redes sociais, produzindo uma lógica onde tudo ou é preto ou é branco, uma parábola humanista pode trazer outros tons de cor. Pinóquio



A FORMA DA ÁGUA

sempre me fascinou por encarnar a imperfeição, não apenas no ato de mentir, mas por ser uma espécie de Frankenstein de pau, um monstro típico daqueles que eu adoro.

«Pinóquio» sai pelo selo Netflix, que anda viabilizando projetos de mestres como Scorsese e que deu a um conterrâneo seu, o mexicano Alfonso Cuarón, meios de viabilizar «ROMA», ao qual você, como presidente do júri do Festival de Veneza deste ano, concedeu o Leão de Ouro. O que representa filmar para um serviço de streaming?

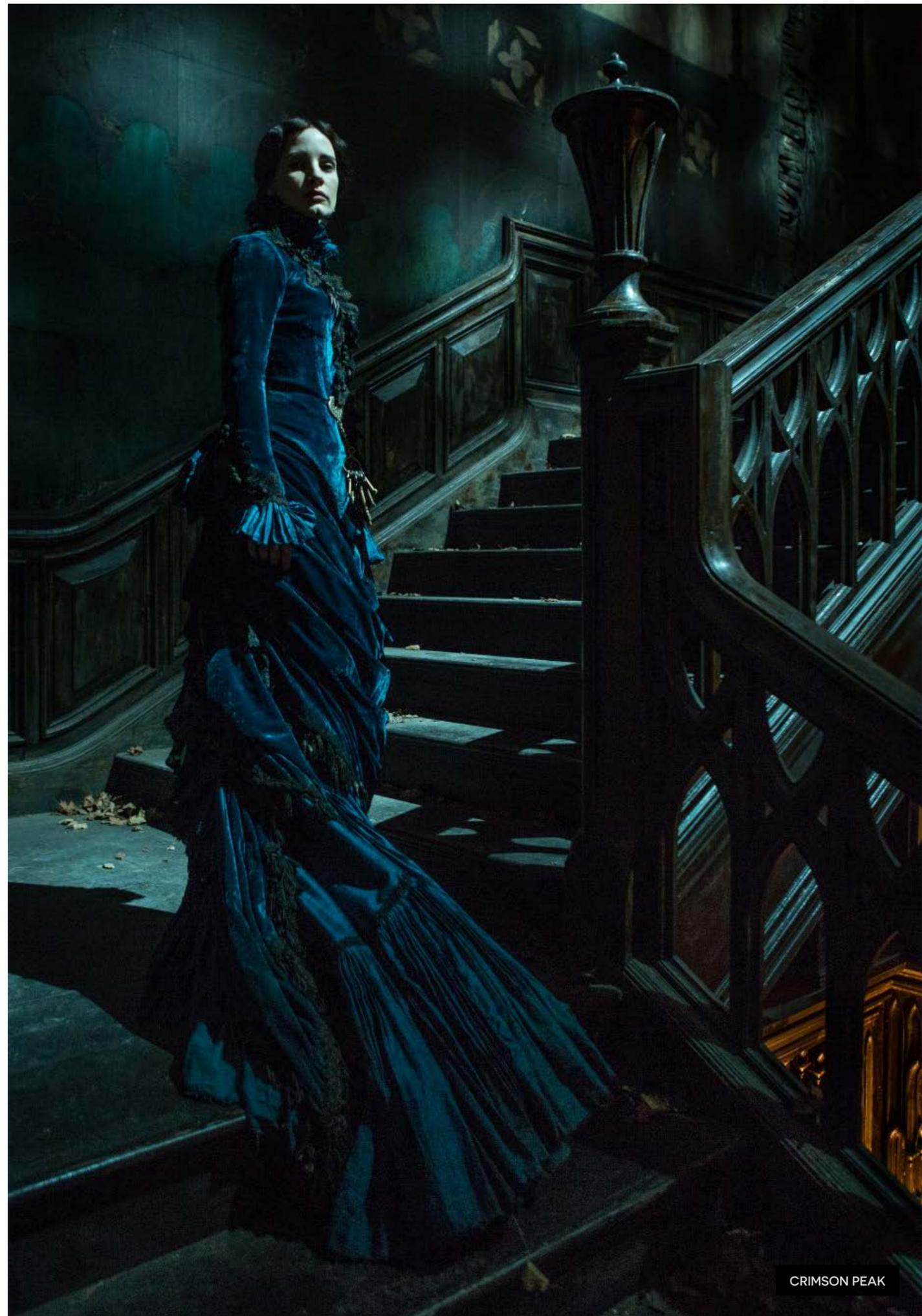
GDT Existe por aí uma luta acerca de meios de exibição que não me afeta. Todas os meios podem conviver desde que estes representem uma forma de

expressão estética. O que pode existir de mais assustador na vida de um cineasta não é ter de adaptar a sua linguagem a um novo meio é o impedimento, o impasse de não poder trabalhar por falta de meios. Eu levei esse projeto para todos os estúdios e ninguém quis. A Netflix sinalizou que queria. Logo... farei com ela. Vive-se hoje uma transformação inevitável na paisagem do meio audiovisual que passa pela ascensão dos serviços de streaming. Eles estão mudando lógicas de produção, mas não vão acabar com o cinema, ao contrário do que muitos temem. Houve esse medo quando o cinema silencioso descobriu o som... quando a cor chegou... quando a TV foi às casas das pessoas... quando os videoclubes de VHS surgiram... quando o DVD apareceu. Há um

medo contínuo e histórico, mas que nunca se materializou. Nem vai. O medo que mais conta no meio artístico é a ausência de liberdade.

Podemos esperar referências à animação clássica em «Pinóquio», seja pela linha do desenho da Disney ou das ilustrações do livro original?

GDT Vai ser um filme com bonecos. Uma fábula. Mas vou por um caminho mais próximo das animes na inspiração fabular. Gosto muito da arte japonesa de bonecos, o *bunraku*, assim como gosto da tradição das máscaras, que vem desde a cultura grega. Mas há uma influência grande da *japanimation* em mim. Cresci numa época em que o desenho “Astro Boy”, de Osamu Tezuka, passava na TV. A inocência do



CRIMSON PEAK



BATALHA DO PACÍFICO

desenho “Doraremon” também sempre me encantou entre as animações japonesas, pela presença de monstros, por um heroísmo mecanicista.

O que significa, na sua rotina estética, o trabalho de produzir?

GDT É dar caminho a talentos com coragens que são distintas da sua. Um dos meus primeiros trabalhos nos EUA, como cineasta, «Predadores de Nova York», feito em 1997 para os Weinstein deu-me problemas. Mas aí eu fui fazer «Nas Costas do Diabo», que tinha o diretor espanhol Pedro Almodóvar como produtor. Um dia, perguntei-lhe quem faria o corte final de

«Nas Costas do Diabo» e ele ri: ‘Como? Tu és o diretor, o corte final precisa de ser teu. Eu só dou ideias, mas a montagem definitiva precisa de ser sua’. Quase chorei ao ouvir aquilo, por ser algo bem diferente do que vivi nos Estados Unidos, inicialmente. O Pedro produzia-me colocando uma série de ideias na mesa, mas sem impor nada. Ele dava-me sempre o direito de escolher só aquelas sugestões que eu quisesse, por acreditar esteticamente na força delas para o bem do filme. O Pedro dizia: ‘As minhas ideias são estas, o filme é teu, você decide’. Filmar é algo que pode satisfazer a sua curiosidade. Produzir é alavancar aquilo que te dá curiosidade, mas que deve ser confiado a outro que

saiba dirigi-lo melhor do que você dirigiria. A questão é escolher bem o cineasta a quem você vai habilitar. É como escolher o elenco. Escrevi «A Forma da Água» já com a Sally Hawkins na cabeça. Só poderia ser ela. E foi... o filme é nosso.

Alguma hipótese de vermos um filme de super-herói padrão Marvel ou DC dirigido por si?

GDT Acabei de escrever algo para a DC: a Liga da Justiça Dark (uma versão sobrenatural do grupo formado por Super-Homem, Mulher-Maravilha & CIA. só com figuras atormentadas com conexões com o Além, como o bruxo John Constantine, a feiticeira Zatanna e o Monstro do Pântano). Agarrei esse

projeto porque eles são monstros, criaturas assombradas. Gente fina, do tipo bomzinho não me interessa. Eu cresci cercado de fábulas em que pessoas difíceis, de perfil torto, saem numa jornada de autodescoberta. Mais ou menos como se dá com Pinóquio, que eu vou filmar. São essas figuras que me interessam: pessoas que precisam se tornar boas para serem amadas. O super-heroísmo clássico não me interessa.

Como é que você explica o boom de diretores mexicanos em premiações como o Oscar: Alejandro González Iñárritu, você e Cuarón, que foi premiado pela Academia de Hollywood por «Gravidade» e

pode concorrer de novo com «ROMA»?

GDT Há mais de uma década, eu li um verbete sobre o Cuarón escrito pelo crítico David Denby em que ele dizia: “Alfonso é um cineasta mexicano consagrado por «E a Tua Mãe Também» que vai filmar uma longa da franquia ‘Harry Potter’. Se ele se sair bem nessa, nunca mais filmará à mexicana, pois será absorvido pela indústria”. O tempo passou, Alfonso ganhou o Oscar pela direção de «Gravidade», foi cercado por milhões de dólares por todos os lados e, apesar deles, foi ao México filmar uma trama intimista, sobre uma empregada doméstica ameríndia, baseado em sua própria história da sua baby-sitter. «ROMA» está aí, lindo.

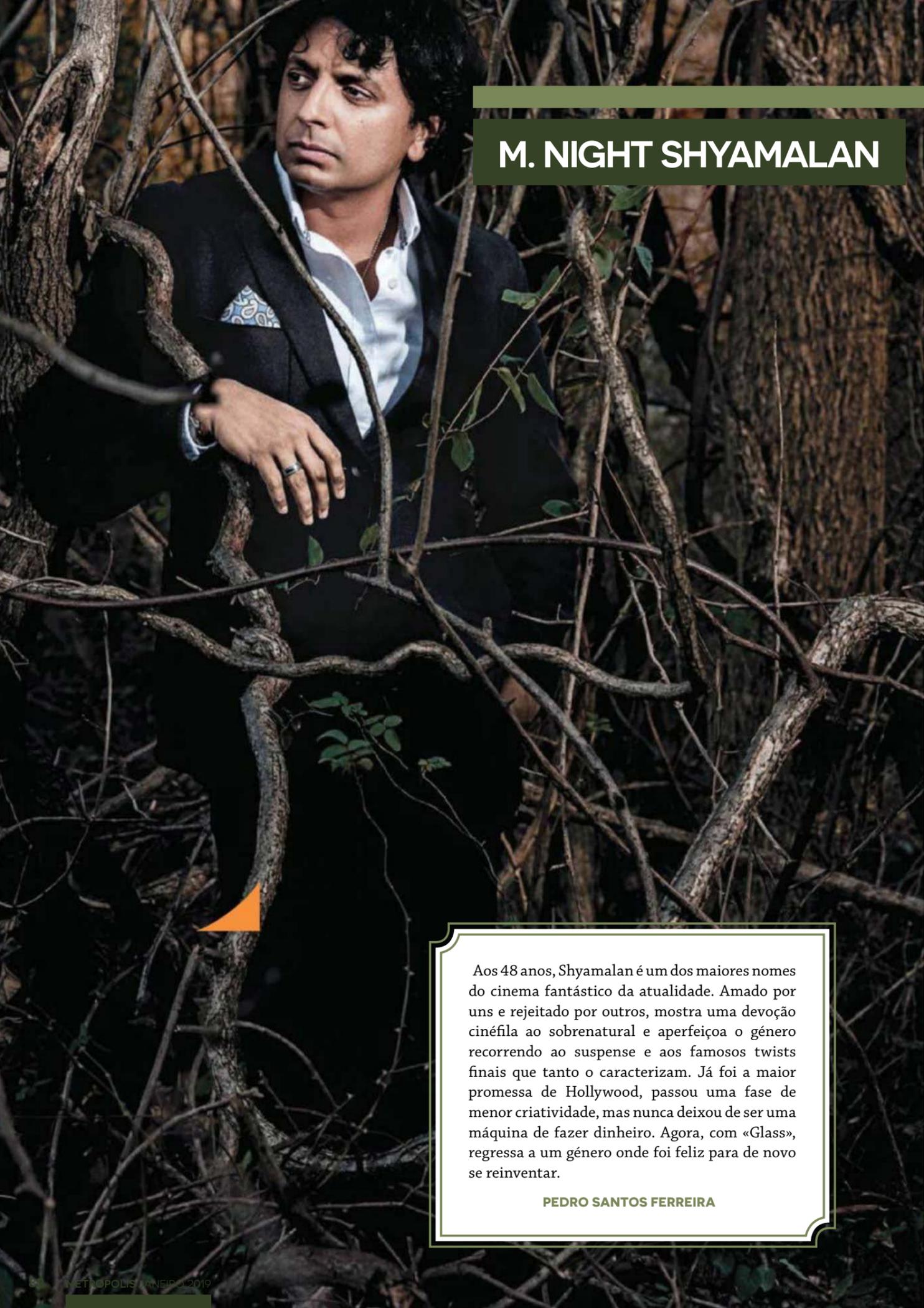
Ele, Alejandro e eu somos de uma geração de realizadores que teve de trabalhar em múltiplas funções no cinema, até fora de casa, para que pudéssemos fazer os nossos filmes. Alfonso fez projetos de encomenda para Hollywood, Alejandro dirigiu publicidade e eu fiz de tudo: maquieei, fui assistente, criei efeitos especiais. Fiz isso para que conseguisse dirigir. Cada vez que um de nós conseguia dirigir algo no México, vivíamos uma sensação de “esta será a última vez”. Mas seguimos em frente.

E sem criarem uma fórmula: cada um tem seu estilo. No seu caso, como foi preservar sua própria estética?

GDT Passa pelo fato de eu nunca ter pretendido virar um executivo. Respeito aqueles com os quais trabalho, mas mal sei os nomes de quem manda. Eu moro numa casa cheia de monstros que fica a cerca de uma hora de Los Angeles. É o meu mundo, onde eu crio. Sou um peixinho no meu aquário, trabalhando com a certeza de que sucesso e fracasso são vizinhos. A questão é que nunca saberemos atrás de que porta está cada um deles.

Como é que a atual situação política na fronteira do México com os EUA impacta a sua percepção de mundo, como mexicano residente nos EUA?

GDT O incômodo é enorme. Essa questão de ver crianças encarceradas, nessa política de repressão, é muito desumano, é algo doloroso para o mundo. O problema no jogo do Poder é que existe uma prática de se culpabilizar o estrangeiro ao tratá-lo como invasor. Essa é uma estratégia antiga e excludente contra os mexicanos.

A photograph of M. Night Shyamalan sitting in a dense thicket of trees and branches. He is wearing a dark suit jacket over a light-colored shirt. The lighting is dramatic, with strong shadows and highlights on the branches and his face.

M. NIGHT SHYAMALAN

O MESTRE DO DRAMA SOBRENATURAL

Manoj Nelliattu Shyamalan, mais conhecido por M. Night Shyamalan, nasceu em Mahé, Puducherry, na Índia, em 1970. As primeiras semanas de vida ficam intrinsecamente marcadas pela agitação vividas pelos seus pais, ambos médicos, que preparavam já uma "fuga" para os Estados Unidos da América, onde iriam em busca do american dream e de aprofundar os seus conhecimentos profissionais.

Escolheram Filadélfia, no estado da Pensilvânia, como destino e lá se fixaram com o objetivo de concluírem as suas especializações médicas.

Entretanto, criavam uma criança que crescia fascinada pelo mundo imaginário da sétima arte, com especial encanto pelo cinema fantástico e, mais concretamente, pelas obras de Steven Spielberg.

Assim, com apenas oito anos de idade, o jovem Shyamalan recebe a prenda dos seus sonhos, uma câmara de filmar Super-8, da qual viria a servir-se para produzir

e realizar 45 filmes amadores e caseiros, filmados na sua área de residência.

Por esta altura, Shyamalan já frequentava a escola católica Waldron Mercy Academy, apesar de ter crescido com uma formação hindu. A opção pela educação cristã iria ter seguimento na Academia Episcopal, ainda na Pensilvânia, e os bons resultados académicos iriam refletir-se em 1988, com a atribuição de uma bolsa de mérito escolar que lhe abriu portas na Universidade de Nova Iorque, onde viria a cursar Cinema.

Nesta decisão, que inicialmente mereceu a desconfiança do pai, foi decisiva a mãe de Shyamalan, que o incentivou a não desistir do seu sonho.

Já em Nova Iorque, Shyamalan altera o seu segundo nome do impronunciável Nelliattu para o "americanizado" Night. É também na Big Apple que aprende a desenvolver as suas histórias, vendo e revendo filmes de Alfred Hitchcock.

Aos 48 anos, Shyamalan é um dos maiores nomes do cinema fantástico da atualidade. Amado por uns e rejeitado por outros, mostra uma devoção cinéfila ao sobrenatural e aperfeiçoa o género recorrendo ao suspense e aos famosos twists finais que tanto o caracterizam. Já foi a maior promessa de Hollywood, passou uma fase de menor criatividade, mas nunca deixou de ser uma máquina de fazer dinheiro. Agora, com «Glass», regressa a um género onde foi feliz para de novo se reinventar.

PEDRO SANTOS FERREIRA





O PROTEGIDO



FRAGMENTADO

Em 1992, inicia a sua carreira como realizador, tendo como primeiras fitas «Praying with Anger» (1992) e «Wide Awake» (1998), uma estreia tímida e baseada em experiências pessoais do jovem realizador.

Um ano mais tarde, em 1999 recolhe finalmente a atenção do público e da crítica através de «O Sexto Sentido». A fita torna-se um dos maiores êxitos desse ano. O filme, marcado por uma surpreendente abordagem ao mundo sobrenatural, sem a necessidade de recorrer a efeitos demasiado elaborados, baseia-se antes na sedução e no jogo de envolvimento do espetador com as personagens centrais. Método que viria a adotar, tornando-se uma das suas marcas de autor ao longo da sua filmografia.

«O Sexto Sentido» consegue seis nomeações para os Óscares, incluindo as categorias Melhor Realizador e Melhor Argumento Original para o jovem diretor indiano, na altura com menos de 30 anos.

Em Hollywood é visto como uma promessa e cria-se grande expectativa em torno dos próximos filmes de Shyamalan, já considerado um especialista em dramas sobrenaturais e conhecido pelos twists finais. No entanto, estas marcas de autor tornam-no, também, refém desse jogo com o espetador.

Em «O Protegido» (2000), consegue manter a tônica da sua obra e volta a aproximar a fantasia a um mundo real, num estilo muito pessoal. Shyamalan conseguia, uma vez mais, contar dramas de fantasia em tons verosímeis, valorizando mais o enredo dos argumentos em detrimento dos recursos técnicos e efeitos digitais. Seguem-se, no entanto, fitas "menores" na sua carreira. Falamos de «Sinais» (2002), «A Vila» (2004), «A Senhora da Água» (2006), «O Acontecimento» (2008), «O Último Airbender» (2010), «Depois da Terra» (2013) e «A Visita» (2015).

Afastam-se os críticos, apaixonados com os primeiros passos de Shyamalan, mas mantém-se um público fiel,

bastando para isso confirmar os vários hits de bilheteira na lista supracitada.

Hoje, a análise da crítica aos seus filmes não é tão consensual. Acusam-no de repetir o conceito e a verdade é que sempre que tenta fugir ao género que conhece melhor é ainda menos aplaudido.

«Fragmentado» (2016) volta a trazer o realizador indiano para a ribalta, muito graças a uma brilhante prestação do britânico James McAvoy. O sucesso do filme permite a Shyamalan revitalizar e concluir a trilogia "Eastrail 177", que encerra com o atual «Glass» (2019), ainda em exibição nas salas nacionais.

UM REALIZADOR PRESENTE COM AS INSPIRAÇÕES CERTAS

Conhecido no meio pela aposta recorrente no suspense e nas surpreendentes revoltas finais, Shyamalan tem conseguido cativar as grandes estrelas de Hollywood para os seus filmes.

Bruce Willis, Samuel L. Jackson, Mel Gibson, Joaquin Phoenix, Sigourney Weaver, Paul Giamatti e Bryce Dallas Howard, entre outros, encaixam-se neste rol de protagonistas, que facilmente aceitaram o desafio do realizador indiano.

Atraídos pela forma muito especial e criativa de contar as suas histórias, com argumentos desenvolvidos pelo próprio, apesar de alguns altos e baixos na bilheteira, os estúdios têm-no apoiado. Por sua vez, a crítica vai acusando o realizador de abordar o suspense de forma previsível.

Na base de tudo, na inspiração cinematográfica, estão obras maiores - títulos certos, arrisco -, tais como: «Os Salteadores da Arca Perdida» (1981), «O Exorcista» (1973), «Psico» (1960) ou «Cães Danados» (1992). Shyamalan é casado com Bhavna Vaswani, que conheceu na Universidade de Nova Iorque, desde o dia 7 de março de 1993. Tem três filhos.



MATRIX 20 ANOS

LAURENCE FISHBURNE ACTOR

ENTREVISTA
RODRIGO FONSECA
EM MARRAQUEXE

A festa será intensa para os fãs de "Matrix" em 2019, na esteira dos 20 anos de um dos maiores marcos da história da ficção científica nas telas. Morpheus, um de seus mais icônicos personagens, já está pronto para celebrar: "Nós tivemos muito trabalho pois havia ali uma engenharia de filmagem que ninguém conhecia, um par de talentosos diretores ainda em início de carreira e uma equipa de pessoas que embarcou de

cabeça naquela mistura de filosofia e cultura pop", diz Laurence Fishburne, o astro por trás do guru do messiânico Neo, na luta contra as máquinas. É um ator que está na luta desde a década de 1970, quando apareceu em «Apocalypse Now», a cantar e rebolar ao som dos Rolling Stones. Um ator dono de uma voz inconfundível, que amplia o seu charme. "Coppola apresentou-me à arte, deu-me um norte", diz Fishburne. Logo após ter sido nomeado ao Oscar pelo seu desempenho como Ike Turner em «What's Love Got to Do with It» (1993),

Laurence Fishburne, hoje com 57 anos, foi protagonizar «Othello» (1995), com Irène Jacob e Kenneth Branagh: foi nessa época, de sucesso profissional, que ele declarou o seu desejo de filmar "O Alquimista", o fenómeno de vendas responsável pela fama mundial de Paulo Coelho. O escritor virou uma grife global nas livrarias mas o projeto não saiu do papel... ainda... conforme o ator declarou na bateria de entrevistas que deu no Festival de Marrakech. Ele veio ao Marrocos para uma projeção de gala de um sucesso comercial da Marvel, no qual é codjuvante de luxo: «Homem-

Formiga e a Vespa», de Peyton Reed. Mas a popularidade dele por aqui (e no planeta fora) é enorme, não apenas por sua presença em séries de sucesso como "CSI" e "Hannibal", mas por estar imortalizado no imaginário cinéfilo como Morpheus, o guru do herói neo (Keanu Reeves) na franquia "Matrix". Em 2019, a primeira longa-metragem daquela série sci-fi completa 20 anos: à época da sua estreia, ela mudou todas as convenções do género. Na entrevista a seguir, Fishburne conta à revista METROPOLIS parte da sua história nas telas, sobretudo as suas passagens ao lado de Keanu nesses clássicos

da ficção científica. E fala dos seus atuais projetos, incluindo dirigir a saga do alquimista.

Num piscar de olhos, «Matrix» somou duas décadas no imaginário cinéfilo: a saga de Neo, papel de Keanu, e de Morpheus, o seu personagem, vai completar 20 anos em 2019. O que aquele filme representou para a cultura pop?

LF Ele mudou tudo... e num gesto simples: levou a filosofia para a ficção científica. É uma história antiga. É a história do messias que salva a Terra. Mas essa velha história veio envelopada em símbolos contemporâneos, signos pop, na tecnologia. Ao adquirir "O alquimista" tive a mesma sensação quando li o livro: algo ancestral contada de uma forma contemporânea e universal. Curiosamente, pensando em «Matrix», eu não sou um sujeito tecnológico: tenho um *smartphone* mas não vivo enfiado nele, não frequento as redes sociais. Prefiro conversar com as pessoas. Eu ainda ligo para as pessoas em vez de enviar mensagens.

Você falou com carinho de Keanu Reeves. Que tipo de ator é ele, hoje, já com 54 anos?

LF É uma bênção estar com Keanu não apenas por sermos amigos e por termos passado experiências muito loucas fazendo "Matrix", mas pelo fato de ele ser uma das pessoas mais inteligentes que eu já conheci. E ele tem um perfil diferente de tudo o que você já viu no cinema, o que lhe garantiu espaço nas telas durante todos estes anos. Isso e o facto de ele ser um ator que arrisca: ele cresce como intérprete porque faz escolhas desafiadoras. Às vezes ele acerta. Às vezes erra. Mas a arte é isso. Quando eu falava

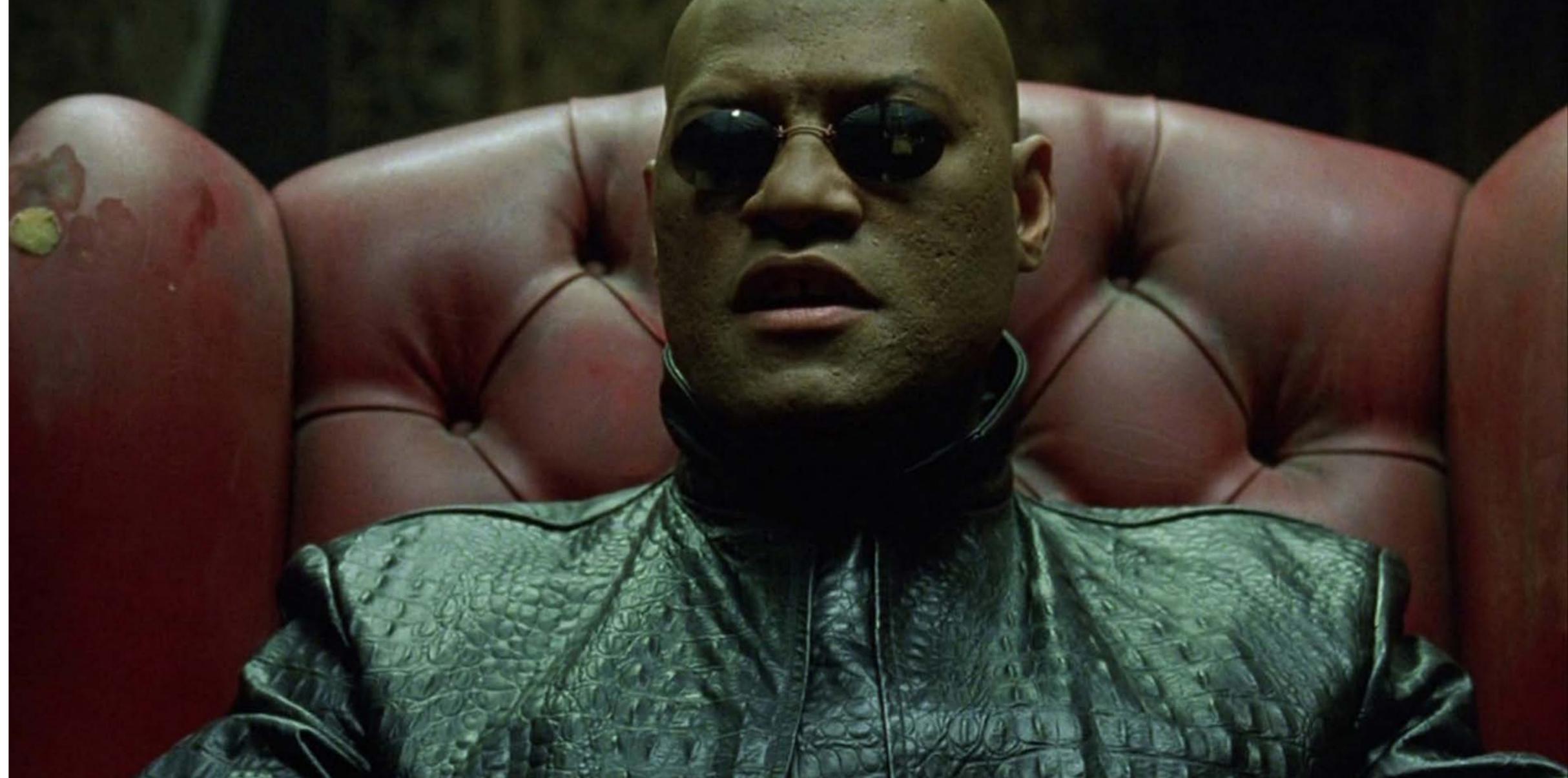
das loucuras de «Matrix»... veja... aquele olhar filosófico sobre a tradição *sci-fi*, cheia de efeitos especiais novos, era algo que ninguém conhecia no cinema. Era uma experiência. Tudo era novo, era risco. E estávamos ali, Keanu e eu, juntos.

Como ficou o projeto de filmar "O alquimista" quase 25 anos depois das primeiras notícias sobre seu interesse no livro de Paulo Coelho?

LF Eu ainda estou a correr atrás disso, porque há ali uma história que precisa de ser contada. Aliás, agora mais do que nunca, pois se trata de uma trama sobre jornadas espirituais, uma troca entre culturas distintas, na aprendizagem acerca das diferenças. Talvez por isso ele não tenha saído antes. Diante das lições que estão ali, 20 anos não significa muito. E eu continuei a trabalhar em coisas diferentes durante esse tempo, tendo até dirigido um filme («Once in the Life», de 2000).

O que mais mudou na sua vida nesse tempo em que se dedica ao projeto e que novos filmes vem por aí?

LF O que mudou? Fiquei mais velho, ganhei uma barriga, ganhei mais senso de humor... Novos filmes? Há muita coisa, mas está a chegar um projeto muito divertido que é o terceiro filme da franquia "John Wick", em que eu contracenou de novo com meu amigo Keanu Reeves, depois de tudo o que fizemos em "Matrix". É uma franquia sobre um mundo



muito louco, hiperviolento, que parece uma grande brincadeira de polícias e ladrões, daqueles que a gente fazia quando eramos crianças. E o Richard Linklater, um diretor que eu admiro muito pela leveza do seu olhar sobre a vida, criou um papel para mim no seu novo filme: «Onde Estás, Bernadette?». Fizemos «Derradeira Viagem» juntos, recentemente, e ele me chamou para essa nova empreitada de um jeito engraçado, dizendo: "Eu tenho uma cena em que você entra e escuta a Cate Blachett a falar, pode ser?". Como dizer não a Cate e a uma pessoa como ele?

Você errou ao ter recusado o convite de Quentin Tarantino

para atuar em «Pulp Fiction» (1994), no papel que foi para Samuel L. Jackson?

LF Claro que não. E vou dizer o porquê. Se eu tivesse aceitado, não teria havido aquele desempenho extraordinário do Samuel, que celebrizou o seu nome e fez dele uma das maiores estrelas de todos os tempos no cinema. Eu tive outras boas chances depois. E pude admirar Samuel.

Você passou pelo Festival de Marrakech com um filme de super-heróis que faturou cerca de 625 milhões nas bilheteiras: "Homem-Formiga e a Vespa". Ao mesmo tempo, você tem vaga cativa no

universo DC Comics, como Perry White, o editor do Daily Planet. O que esse filão dos heróis mascarados representa hoje?

LF Eu não acho que a omnipresença do filão esteja a perturbar o cinema: toda as modas têm seu tempo de acalmia, terminando na hora certa. Ainda não chegou essa hora. E, como eu cresci lendo quadrinhos, tenho muito encanto com esses filmes. «Pantera Negra», por exemplo, foi um marco para a população negra do mundo. Negros como eu encontramos ali um sonho realizado: um príncipe de origem afro virou herói. É muito significativo. A experiência de ser Perry White é outra coisa,

também prazerosa: eu tento fazer daquele personagem uma homenagem a um grande jornalista negro americano que, infelizmente, já se foi: Ed Bradley.

Um dos filmes mais esperados desta temporada é «Correio de Droga», de Clint Eastwood. Como foi trabalhar com ele... e cerca de 15 anos depois de vocês terem feito o cult «Mystic River»?

LF Estar num set sob a direção dele dá a um ator uma sensação de maturidade. O que ele faz é um cinema sincero, de extrema simplicidade, usando a mesma equipa, há anos. Uma equipa que o admira. Quando eu comecei no cinema, ainda adolescente,

fiz «Apocalypse Now», um filme importantíssimo para a História, mas que teve imensos problemas para sair do papel. Francis Ford Coppola, que me ensinou muito, levou quase dois anos para concluir aquele filme. Dois anos de uma vida, de muitas vidas. O Clint é diferente: em 25 dias... 25... ele filmou tudo. São experiências diversas. Todas contam.

WILLEM DAFOE

VERSATILIDADE E COMPLEXIDADE

Willem Dafoe cresceu numa família grande, com seis irmãos, filhos de um cirurgião e de uma enfermeira. O seu percurso artístico começou pelo teatro, tendo estudado representação na Universidade de Wisconsin, e interrompeu o curso para se juntar ao Theatre X, uma companhia experimental com a qual fez uma tournée durante quatro anos.

Em 1977, com 22 anos, mudou-se para Nova Iorque e ingressou no Performance Group, onde conheceu a atriz e diretora Elizabeth LeCompte, com quem fundou a companhia de teatro Wooster Group, dedicada à desconstrução artística.

Dafoe fez a sua estreia no cinema em «As Portas do Céu» (1980), de Michael Cimino (1980) e apareceu em inúmeros outros filmes no início dos anos 80, tendo trabalhado com Walter Hill («Estrada de Fogo», de 1980), Kathryn Bigelow («Loveless», de 1981) e Tony Scott («Fome de Viver», de 1983).

Ele ganhou destaque com o seu papel de um falsário

que tenta evitar a captura pela polícia em «Viver e Morrer em Los Angeles» (1985), de William Friedkin. Um dos seus papéis mais conhecidos surgiu cedo, o do sargento Elias Grodin em «Platoon – Os Bravos do Pelotão» (1986) de Oliver Stone, e valeu-lhe a primeira nomeação para um Óscar.

Dafoe foi elogiado pelos seus desempenhos em vários filmes polémicos lançados no final dos anos 1980. Ele interpretou Jesus Cristo em «A Última Tentação de Cristo» (1988), de Martin Scorsese, um filme baseado no romance revisionista de Níkos Kazantzákis sobre a vida de Cristo e o relacionamento com Maria Madalena, e desempenhou um agente do FBI que investiga o desaparecimento de ativistas dos direitos civis, nos anos 1960, em «Mississippi em Chamas» (1988), de Alan Parker. Voltou a filmar com Oliver Stone num filme que retoma o tema da guerra do Vietname em «Nascido a 4 de Julho» (1989).

No início da década de noventa do século passado, Dafoe integrou o elenco de um dos filmes mais popula-

Willem Dafoe integrou elencos de produções populares com «Aquaman» e a trilogia «Homem-Aranha» dirigida por Sam Raimi. Mas são os papéis em filmes de Abel Ferrara e Julian Schnabel que revelam o seu melhor. Já tinha sido Pier Paolo Pasolini e agora assume Vincent Van Gogh em «À Porta da Eternidade», estando nomeado pela quarta vez para um Óscar.

TIAGO ALVES



A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO



PLATOON

res de David Lynch, «Um Coração Selvagem» (1990), filmou com Paul Schrader em «Perigo Incerto» (1992) e com Wim Wenders em «Tão Longe, Tão Perto» (1993).

Continuou a aparecer em papéis que lhe permitiram explorar a ambiguidade moral das personagens, como o escritor T.S. (Tom) Eliot lidando com a degradação emocional da sua esposa em «Tom & Viv» (1994), de Brian Gilbert. Juntou-se a Harrison Ford no thriller «Perigo Imediato» (1994), de Phillip Noyce, desempenhou um papel secundário em «Basquiat» (1996), o filme biográfico realizado por Julian Schnabel sobre o artista Jean Michel Basquiat, e foi um dos atores principais de «O Paciente Inglês» (1996), de Anthony Minghella, adaptado do romance de Michael Ondaatje.

Apanhou a boleia do sucesso da série «Speed», entrando na sequência «Speed 2: Perigo a Bordo» (1997), de Jan de Bont, e voltou a filmar com Paul Schrader em «Con-

frontação» (1997).

As suas ligações ao meio artístico nova-iorquino levaram-no a filmar com Abel Ferrara («New Rose Hotel», de 1998) e o escritor/realizador Paul Auster («Lulu on the Bridge», de 1998). Desempenhou ainda papéis secundários em «eXistenz» (1999), de David Cronenberg, e «American Psycho» (2000), de Mary Harron.

Foi um mentor de um jovem criminoso no filme prisional «Criminosos» (2000), de Steve Buscemi, e recebeu a sua segunda nomeação ao Óscar pelo seu papel em «A Sombra do Vampiro» (2000), de E. Elias Merhige, um relato ficcional da produção do clássico filme «Nosferatu, O Vampiro» (1922). Dafoe desempenhou Max Schreck, o ator que leva o seu papel de vampiro mais longe do que é humanamente possível... – recebeu o prémio de melhor ator no Fantasporto e nos Independent Spirit Awards.



À PORTA DA ETERNIDADE

Na primeira década do século XXI, Dafoe ganhou espaço em filmes populares e de grande orçamento. Em «Homem-Aranha» (2002) e nas duas sequelas desta série, «Homem-Aranha 2» (2004) e «Homem-Aranha 3» (2007), uma trilogia dirigida por Sam Raimi, assumiu o Duende Verde/Norman Osborn. Também integrou o elenco de vozes do filme de animação «À Procura de Nemo» (2003) e na sequência «À Procura de Dory» (2016).

Dafoe rodou «Era Uma Vez no México» (2003), de Robert Rodriguez, «Um Peixe Fora de Água» (2004), de Wes Anderson, reencontrou-se com Martin Scorsese em «O Aviador» (2004), enriqueceu o elenco luxuoso de «Infiltrado» (2006), de Spike Lee, e voltou a filmar com Abel Ferrara em «Histórias de Cabaret» (2007), e com Paul Schrader em «Adam Renascido» (2008).

Neste período juntou-se ao dinamarquês Lars von Trier em «Manderlay» (2005) e assumiu o papel princi-

pal no controverso «Anticristo» (2009), contracenando com Charlotte Gainsbourg num drama sobre um casal que lida com a morte do filho.

Voltou ao cinema de animação com Wes Anderson em «O Fantástico Sr. Raposo» (2009) a adaptação cinematográfica do livro infantil de Roald Dahl, apareceu como um caçador de vampiros no filme de terror «Daybreakers – O Último Vampiro» (2009), dos irmãos Michael e Peter Spierig, e foi um dos atores de «Meu Filho, Olha o que Fizeste!» (2009) de Werner Herzog.

Dafoe filmou pela terceira vez quer com Julian Schnabel em «Miral» (2010), um drama centrado numa órfã palestina, quer com Abel Ferrara em «4:44 Último Dia na Terra» (2011), uma ficção futurista sobre a forma como um ator vive as derradeiras horas que antecedem o fim do mundo.

Nos seus papéis seguintes vimos Dafoe a interpretar



A SOMBRA DO VAMPIRO

um mercenário em busca de um tigre da Tasmânia no thriller australiano «O Caçador: Último Tigre da Tasmânia» (2011), de Daniel Nettheim, e um guerreiro marciano, animado através da técnica de captura de movimento, na aventura de ficção científica «John Carter» (2012), de Andrew Stanton, uma produção da Disney.

Voltou a desempenhar papéis secundários em filmes de Lars von Trier («Ninfomaniaca – Vol. 2», 2013), e de Wes Anderson («Grand Budapest Hotel», 2014). Filmou novamente com Abel Ferrara em «Pasolini» (2014), um filme caleidoscópico sobre as últimas horas de vida do cineasta italiano. Esteve no elenco de «O Homem Mais Procurado» (2014), o thriller sobre terrorismo realizado por Anton Corbijn, interpretou um assassino em «John Wick» (2014) de Chad Sahelski, um detetive policial em «Cúmplice» (2014), de Chris Brinker, e um

realizador em estado terminal em «Meu Amigo Hindu» (2015), de Hector Babenco.

Os mais recentes créditos de Dafoe incluem um papel no policial violento de Paul Schrader, «Como Cães Selvagens» (2016), as presenças nos elencos da produção chinesa «A Grande Muralha» (2016), de Zhang Yimou, e no remake de «Um Crime no Expresso do Oriente» (2017), de Kenneth Branagh.

Tivemos oportunidade de ouvi-lo no narrador de «Vox Lux» (2017), de Brady Corbet, e vê-lo a interpretar a personagem de Vulko em «Aquaman» (2018), de James Wan. Em anos consecutivos conseguiu mais duas nomeações para Óscares. Esteve nomeado na categoria de melhor ator secundário pelo desempenho de um zelador de um motel em «Florida Project» (2017), de Sean Baker, e surge entre os candidatos ao Óscar de melhor



PASOLINI

ator pelo desempenho de Vicent Van Gogh em «À Porta da Eternidade» (2018), o terceiro filme em que colabora com o artista plástico e realizador Julian Schnabel. Esse papel foi premiado com a Taça Volpi de melhor ator no Festival de Veneza. Está a viver um momento muito positivo e que coincide com a distinção que o Festival Internacional de Berlim concedeu ao atribuir-lhe um Leão de Ouro honorário na edição de 2018.



THE FLORIDA PROJECT

ASGHAR FARHADI

O CINEMA DA CONVULSÃO FAMILIAR

Asghar Farhadi começou a fazer curtas-metragens em 8 mm e 16 mm enquanto era adolescente e estudava na Youth Cinema Society de Esfahan. Ele também estudou teatro na Escola de Artes Dramáticas da Universidade de Teerão onde obteve um mestrado, em 1998. Enquanto completava os seus estudos, escreveu várias peças de rádio para o serviço de radiodifusão nacional do Irão, realizou seis curtas-metragens e dirigiu dois programas de televisão.

Em 2001, Farhadi iniciou o seu percurso profissional no cinema, escrevendo o argumento para uma sátira política pós 11 de setembro. A sua primeira longa-metragem, «Raghdar Ghobar» (2003) – tradução livre: “Dançando na Poeira”, é sobre um jovem que é pressionado socialmente a divorciar-se por causa de rumores sobre comportamentos imorais da sua sogra.

Em seguida, filmou «Shahr-e zibā» (2004) – tradução

livre: “Cidade Bonita”, uma história judicial sobre um rapaz de 18 anos que é condenado à pena de morte pelo assassinato da sua namorada enquanto a irmã procura obter clemência do pai da vítima. «Chahārshanbe Sūrī» (2006) – tradução livre: “Fogo-de-Artifício na Quarta-feira”, examina o casamento forçado de um casal de classe média durante as festividades que assinalam o ano novo persa.

Em «Darbāreye Elī» (2009) – tradução livre: “Sobre Elly”, os conflitos e as revelações emocionais surgem quando uma jovem professora desaparece durante as férias de um grupo de amigos. Com este drama, Farhadi ganhou o Urso de Prata para melhor realizador no Festival Internacional de Cinema de Berlim.

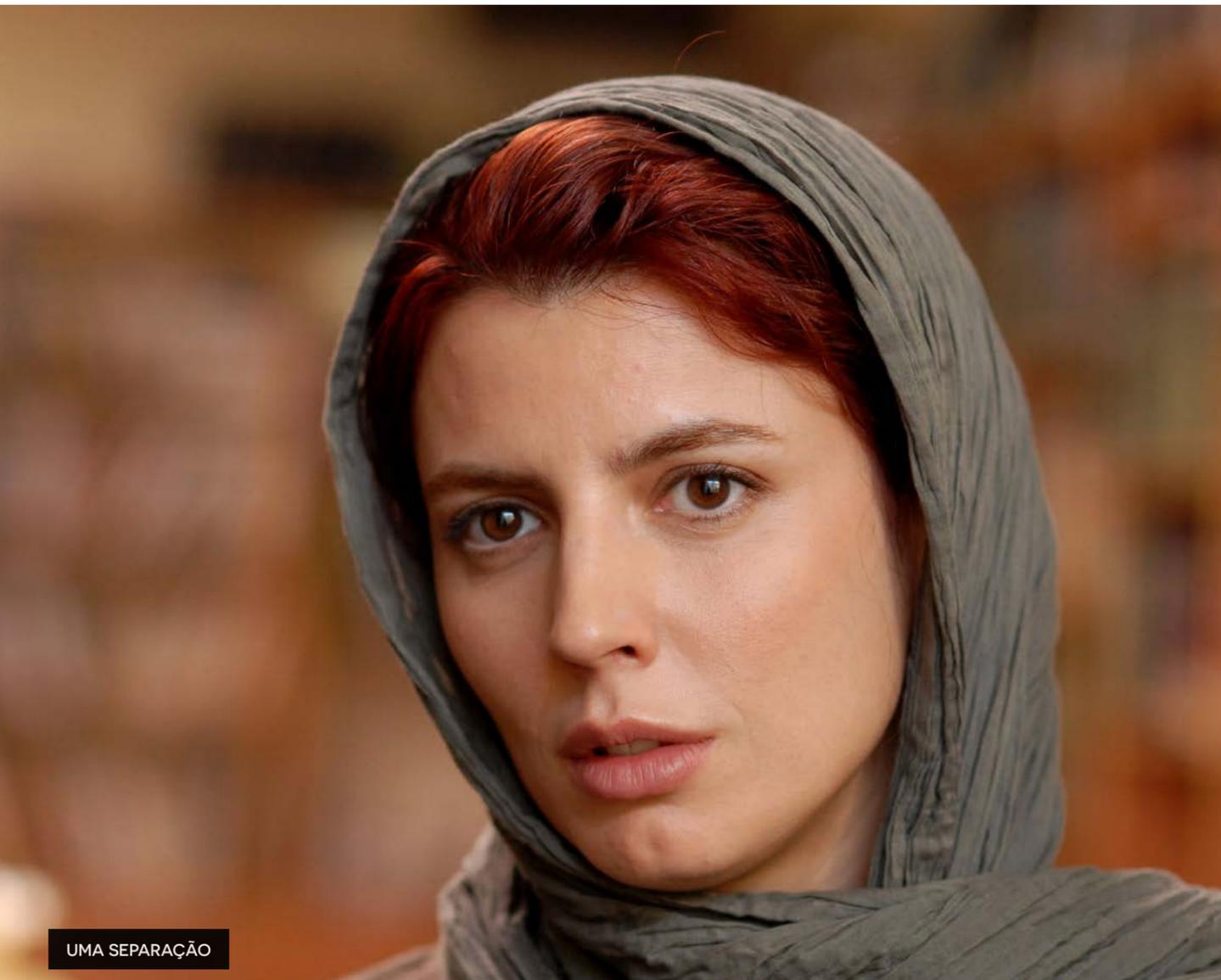
Os filmes de Farhadi raramente abordam, de uma forma frontal, temáticas políticas, e assim ele evitou conflitos sérios com o governo iraniano. As autoridades culturais do Irão baniram-no brevemente do cine-

Os filmes do cineasta iraniano mais consagrado internacionalmente observam problemas éticos, morais, e contradições decorrentes do estatuto social, género e religião no Irão moderno. Já ganhou dois Óscares de melhor filme estrangeiro e no seu mais recente filme, «Todos Sabem», dirige o casal Javier Bardem / Penélope Cruz.

TIAGO ALVES



O VENDEDOR



UMA SEPARAÇÃO

ma, em setembro de 2010, após um discurso no qual fez comentários de apoio a Jafar Panahi e Mohsen Makhmalbaf, dois proeminentes cineastas que assumem posições críticas em relação ao governo iraniano. Um mês depois, as autoridades anunciaram que Farhadi tinha pedido desculpas e permitiram que ele concluísse «Uma Separação» (2011). O filme conta o processo de divórcio de um casal iraniano de classe média dividido entre a possibilidade de emigrar para outro país com o objetivo de melhorar as condições do filho, ou de ficar para cuidar de um parente que sofre de Alzheimer.

«Uma Separação» colocou o realizador no radar da crítica ocidental que elogiou a estrutura narrativa sofisticada do filme, bem como as representações empáticas de personagens com diferentes origens enfrentando dilemas morais complexos. Recebeu diversas consagrações, incluindo o Urso de Ouro no Festival de Berlim,

e Farhadi tornou-se no primeiro iraniano a ganhar um Óscar, na categoria de melhor filme estrangeiro. Foi o primeiro filme do cineasta a obter uma ampla distribuição internacional.

A sua visibilidade mudou mas Farhadi continuou a explorar as convulsões domésticas em «O Passado» (2013), que se concentra num homem iraniano que viaja de Teerão até Paris para tratar do seu divórcio, permitindo assim que a sua esposa francesa possa casar-se novamente. Esta é a primeira produção francesa do realizador e abriu-lhe as portas do Festival de Cannes onde ganhou o prémio ecuménico do júri e de melhor atriz para Bérénice Bejo.

Em «O Vendedor» (2016) temos novamente um casal de atores que protagoniza uma adaptação teatral da peça «A Morte de um Caixeiro Viajante», escrita por Arthur Miller, em 1949. A sua vida íntima é pertur-



O PASSADO

bada quando se mudam para uma casa que terá pertencido a uma prostituta. Com este drama voltou a ser premiado no Festival de Cannes (prémios de argumento e ator para Shahab Hosseini) e ganhou o segundo Óscar de melhor filme estrangeiro.

Escreveu e dirigiu o filme «Todos Sabem» (2018), falado em castelhano, com o casal Penélope Cruz e Javier Bardem interpretando Laura e Paco, ex-amantes que se aproximam quando a filha de Laura é sequestrada. A presença dos atores no elenco garantiu-lhe a honra de abrir o festival de Cannes mas desta vez não obteve qualquer reconhecimento no palmarés. Ainda assim «Todos Sabem» está nomeado para oito Goya, os prémios do cinema espanhol.

YORGOS LANTHIMOS

«A Favorita» tornou-se no filme mais popular de um autor reconhecido nos festivais de Cannes e Veneza e que afirmou o seu estatuto de realizador na produção anglo-saxônica ao dirigir Rachel Weisz, Colin Farrell, Emma Stone, Olivia Colman e Nicole Kidman.

TIAGO ALVES

PROVOCADOR GREGO

Há treze anos, Yorgos Lanthimos fez um filme de baixo orçamento chamado «Kinetta» (2005). Foi rodado com um estilo rudimentar, quase sem diálogos, mostrando três atores em cenas coreografadas de uma forma vanguardista. Era um filme exigente para todos, sem exceção, destinado a uma minoria de cinéfilos. Na altura ninguém arriscaria que Lanthimos viria a ser o realizador de uma produção de época da 20th Century Fox e que está nomeada para dez Óscares, com Olivia Colman, Emma Stone e Rachel Weisz nos principais papéis

O que se passou desde então foi uma consagração impressionante nos mais relevantes festivais de cinema (Veneza e Cannes), algo ainda mais surpreendente quando percebemos que Lanthimos nunca pretendeu tornar-se cineasta. Quando se matriculou no curso de realização de cinema e televisão na Escola do Filme

Stavrakos, em Atenas, a cidade onde nasceu, ele esperava realizar filmes comerciais, algo que permitisse ter um trabalho regular e que fosse financeiramente estável.

«Kinetta» mudou totalmente a sua perspetiva do que se poderia passar ao ser selecionado para os Festivais de Berlim e Toronto. O seu segundo filme, «Canino» (2009), confirmou a imaginação selvagem e agressividade absurda do realizador – esta é a história brutal e estranhamente cómica de um pai despótico que mantém os três filhos adultos aprisionados em casa e desinformados sobre o que sucede no mundo exterior. «Canino» valeu-lhe a primeira nomeação para um Óscar na categoria de melhor filme estrangeiro e ganhou o prémio principal da competição do *Un Certain Regard* no Festival de Cannes.



A FAVORITA [RODAGEM]



A LAGOSTA

Em «Alps» (2011) prolongou a sua visão peculiar e alienada do real lidando com o tema da morte e do luto, através de quatro personagens que gerem um negócio onde assumem falsas identidades para apaziguar as almas doridas das pessoas que perderam um ente querido. O filme manteve Yorgos Lanthimos sob o foco da crítica internacional ao ser selecionado para o Festival de Veneza onde ganhou o prémio de melhor argumento.

O primeiro filme em língua inglesa de Lanthimos, «A Lagosta» (2015), reuniu um elenco internacional com Colin Farrell e Rachel Weisz. É uma obra distópica sobre um futuro onde as pessoas solteiras são alojadas num hotel para encontrar um parceiro romântico em 45 dias, e se isso não suceder são transformadas em

animais. O filme esteve entre os nomeados ao Óscar na categoria de melhor argumento e recebeu o prémio do júri no Festival de Cannes.

As peças clássicas gregas inspiraram a quinta longa-metragem do realizador. «O Sacrifício de um Cervo Sagrado» (2017) conta a história sombria de um cirurgião cardiovascular que se torna mentor de um adolescente, um órfão de pai que começa a insinuar-se e a perturbar a vivência da sua família aparentemente perfeita. É um drama minimal sobre a culpa e o sacrifício onde Colin Farrell contracena com Nicole Kidman e Alicia Silverstone. Lanthimos recebeu mais um prémio de argumento, desta vez no Festival de Cannes.

O realizador grego, atualmente com 45 anos, reside em



O SACRIFÍCIO DE UM CERVO SAGRADO

Londres, mas esse contexto pessoal não influenciou a decisão de realizar «A Favorita» (2018), um filme de época que acontece na corte da rainha Ana, no início do século XVIII. Interessou-lhe a perspetiva obscena sobre o desejo e a ambição feminina, a forma como esta narrativa subverte todos os códigos masculinos que estão associados às relações de poder.

A consagração em festivais internacionais aconteceu com o prémio de melhor atriz atribuído em Veneza e Toronto a Olivia Colman, que divide as cenas principais com Rachel Weisz e Emma Stone. O filme está nomeado para dez Óscares, incluindo melhor filme, realizador, atriz principal (Colman) e secundárias (Stone e Weisz). Não é habitual uma comédia estar nomeada para tantos prémios da Academia norte-americana de

cinema – parece uma subversão, mas Lanthimos prefere estar no papel do provocador, mesmo que seja com o seu primeiro filme de época, o mais cómico, definitivamente mais acessível do que os anteriores.

KINO MOSTRA DE CINEMA DE EXPRESSÃO ALEMÃ

SARA AFONSO

A 16ª edição da KINO – Mostra de Cinema de Expressão Alemã decorreu entre o dia 24 e 30 de janeiro, mas seguirá o seu caminho no Teatro Académico Gil Vicente, em Coimbra, nos dias 2, 26 e 27 de fevereiro. Como que inaugurando o ano cinematográfico de Lisboa, a mostra de cinema organizada pelo Goethe-Institut incluiu uma programação de 20 longas-metragens, sendo que 18 filmes provenientes da Alemanha, Áustria, Luxemburgo e Suíça fizeram a sua estreia no nosso país através deste evento.

A programação foi, pela primeira vez, elaborada por uma dupla de curadores luso-alemã – o crítico e curador Carlos Nogueira e a responsável pela programação de cinema do Goethe-Institut em Lisboa, Corinna Lawrenz. Mas as transformações da edição deste ano não se ficam por aqui. “Mantivemos a organização por secções (nos últimos anos, “Mostra principal”, “Kinodoc” e “Mostra para Escolas”), mas com uma nova estrutura: pareceu-nos que faria mais sentido não colocar os documentários numa categoria à parte, até porque a fronteira entre ficção e não ficção é cada vez mais porosa, estabelecendo a deli-

mitação entre filmes onde prima o glamour e a relevância dos temas (“Visões”) e filmes cujas propostas abrem novas perspetivas estéticas ou utilizam formas mais experimentais na abordagem das suas temáticas (“Perspetivas”). Por outro lado, a “Mostra para Escolas” mantém-se, com o intuito de oferecer uma abordagem a um cinema diferente daquele que se vê no circuito comercial ao público mais jovem, sendo este um dos objetivos do Goethe-Institut. A secção o “Foco”, por sua vez, passa a ser dedicada a um tema em particular ou a um autor”, refere a dupla de programadores.

Integrados nestas novas categorias, os filmes mais notáveis da produção recente dos países de língua alemã ficaram, na opinião dos curadores, arrumados de uma “forma mais próxima da conceção que temos do cinema contemporâneo. E esperamos que as novas secções também facultem ao público uma nova forma de se orientarem na programação, de criarem as suas próprias ligações entre os filmes”, afirmam.

Diversidade na programação

Marcada pela diversidade e com uma profunda aposta no cinema jo-

vem, a programação da 16.ª edição da KINO refletiu a preocupação com o mundo, sem deixar de prevalecer o gosto pela sétima arte em todas as suas vertentes. Nesse sentido, e para a abertura da KINO 2019, «3 Tage in Quiberon» foi o filme selecionado. Realizado por Emily Atef, a longa sobre uma profunda crise existencial de Romy Schneider, uma das atrizes mais célebres do cinema alemão, estreou-se na Competição da Berlinale 2018 e traz à luz do dia o resultado de uma entrevista aquando da sua passagem pela estância balnear de Quiberon, na Bretanha, quando se encontrava

em tratamento, em 1981. Já para o encerramento, a dupla de selecionadores escolheu «Angelo», a segunda longa-metragem do austríaco Markus Schleinzer sobre o colonialismo europeu e a longevidade dos seus regimes de visibilidade.

Apostando nas gerações mais jovens, a programação incluiu onze primeiras e segundas longas-metragens, das quais fez parte, e pela primeira vez, o trabalho de um jovem realizador português, Dídio Pestana. Baseado em Berlim, Dídio Pestana partilha com alguns dos seus pares germanófonos um



ZENTRALFLUGHAFEN THF

desejo de recuperar memórias à medida que elas se vão desvanecendo. No seu filme, «Sobre Tudo Sobre Nada», o realizador que se estreia no documentário depois de diversas colaborações com Gonçalo Tocha, mostra o resultado de um filme-diário construído durante oito anos em Super 8, com momentos íntimos, com namoradas e amigos, mas também sobre os diferentes locais por onde viajou e viveu.

De acordo com a dupla de programadores, «Sobre Tudo Sobre Nada» “estava no radar desde que o vimos em Locarno (onde fez parte da competição “Signs of Life”). Trata-se de uma primeira obra, um filme-diário cuja sensibilidade, poesia e humor não esconde feridas mal cicatrizadas e algum mal de viver. O processo de maturação do filme

levou quase dez anos, e durante esse período o realizador vivia em Berlim (onde continua a residir), cidade que assume um relevo particular no filme. Pareceu-nos que o cinema de expressão alemã é também isto, cinema feito por quem escolheu viver num país de língua alemã”.

Privilegiando obras exibidas em festivais e mostras internacionais no último ano, o processo de seleção dos filmes foi unânime para Corinna Lawrenz e Carlos Nogueira. “Quer participando diretamente nesses eventos quer solicitando aos distribuidores a visualização online, sempre que algum filme nos parecia interessante passávamos a informação ao outro. Pouco a pouco, através de discussões muito abertas e sempre frutíferas, fomos desenhando um programa que,

apesar de refletir necessariamente um gosto pessoal, nos parece dar uma ideia muito aproximada do cinema atual do mundo germanófono.”

Nesse sentido e não conseguindo selecionar uns em detrimento de outros, a verdade é que filmes como o do encerramento, «Angelo», sobre um africano nascido no século XVIII e transportado para a corte vienense com 10 anos, ou «A Medida de Construção», de Nikolaus Geyrhalter, com foco na emergência de delimitar o espaço para receber refugiados, são obras cujos autores falam por si. Já «3 Dias em Quiberon» recebeu sete prémios do cinema alemão, melhor banda sonora nos European Film Awards e nomeação para o Urso de ouro no Festival de Berlim; sobre a pianista que fica cega durante a época de



1000 ARTEN REGEN ZU BESCHREIBEN

© MEDIA LUNA NEW FILMS



CASANOVAGEN

© HELENA WITTMANN

Mozart, «Luz» é outro dos grandes vencedores do festival de cinema austríaco, e «Vácuo» deu o prémio de Melhor Atriz a Barbara Auer no Festival de Tallin pelo seu papel de uma mulher que descobre que é seropositiva depois de 35 anos de casada. A homossexualidade no mundo de futebol é retratada em «Mario» e o acolhimento de refugiados é igualmente focado em «Aeroporto Central THF». Cinco promissoras estreias na longa-metragem acontecem, ainda, com o romance atribulado de «Adam & Evelyn», «Drift», da diretora de fotografia e artista Helena Wittmann, «O Gene de Casanova», com John Malkovich, "Gutland" um thriller primeira obra de Govinda van Maele com a atriz de «Linha

Fantasma» num dos papéis principais, e, finalmente "Mil Maneiras de Descrever a Chuva", a primeira longa de Isa Prahl sobre um jovem que se fecha no seu quarto, afastando-se da sua família e do mundo.

Mas selecionar significa fazer escolhas, significa incluir mas também excluir e nem sempre é uma tarefa fácil para quem programa: “Como quase sempre acontece, por razões de espaço, tivemos que deixar de fora alguns filmes de que gostamos muito e que facilmente seriam incluídos se pudéssemos dispor de mais dias e de um orçamento mais folgado.” Paralelamente, a Secção Foco da edição deste ano apresenta duas obras resultantes da cola-

boração entre o cineasta e crítico alemão Wolf-Eckart Bühler e o ator americano Sterling Hayden. Desse encontro surge um documentário e uma livre adaptação da autobiografia de Hayden, ambos recentemente restaurados pelo Museu do Cinema de Munique. De forma a apoiar ainda mais o cinema jovem, a Mostra Kino atribuiu este ano, pela primeira vez e através do Goethe-Institut Portugal, um Prémio do Público a um jovem realizador no valor de 800€. E foi precisamente o filme «Sobre Tudo Sobre Nada», de Dídio Pestana o escolhido para este primeiro prémio do público. «Autocrítica de um Cão Burguês», de Julian Radlmaier, e a obra de Govinda van Maele, «Gutland» ficaram em segundo e terceiro lugar,

respetivamente, nas preferências do público.

Extensão a Coimbra e rumo ao futuro

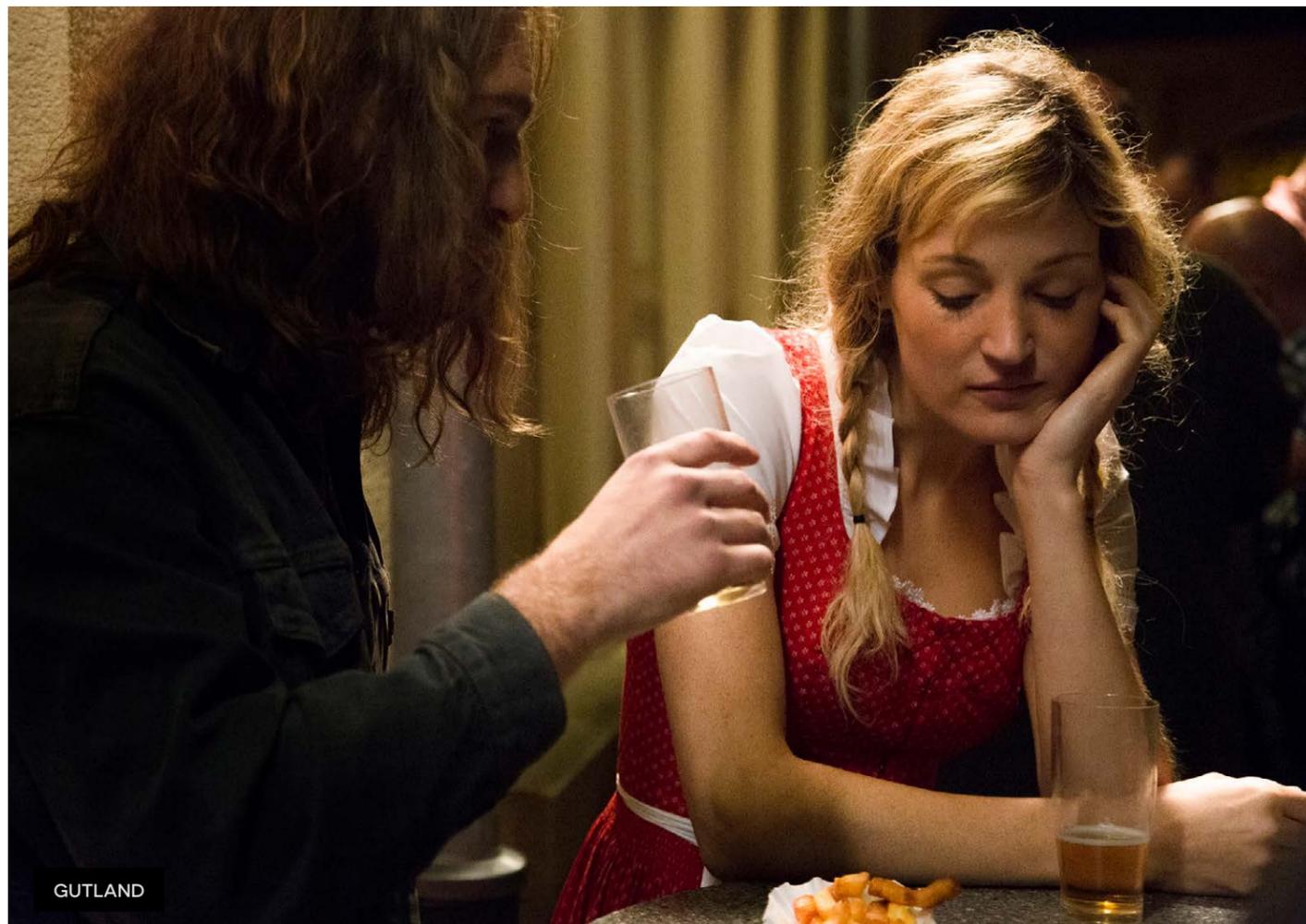
Em Coimbra, e em parceria com o Teatro Académico Gil Vicente, a Mostra abre igualmente com «3 dias em Quiberon», seguindo-se os contornos emotivos de «O Caminho Sonhado» da realizadora alemã Angela Schanelec. «Entre Corredores», de Thomas Stuber, e «Casa de Verão», da realizadora de Munique, Sonja Maria Kröner, completam o cartaz nos dois dias de KINO em Coimbra.

No final, e apesar das características específicas de cada país, o cinema de expressão alemã parece ter encontrado temas e propostas que atravessam todas as cinematografias: “questões como a crise dos

refugiados ou o crescente receio das sociedades perante o ‘outro’, e mais especificamente o desejo de retrabalhar os géneros clássicos, contaminam vários filmes que fizeram parte da seleção deste ano. Embora não sejam exclusivos do cinema germanófono, parecem aqui ganhar um relevo especial. Há também uma enorme vontade de repensar as relações entre o cinema e o mundo, de desenvolver novas abordagens cinematográficas”, explicam os curadores.

Depois de 16 anos de edições, o que pensar do presente e o que sonhar para o futuro? “A KINO começou como uma pequena mostra apenas de cinema alemão – chamando-se na altura “Festival de Cinema Alemão”. Em 2008, as Embaixadas dos outros países de língua alemã juntaram-se ao Goethe-Institut

e nasceu a Mostra de Cinema de Expressão Alemã, refletindo a diversidade e as interligações entre as cinematografias dos países participantes, sem nunca abdicar do seu principal objetivo: exibir as produções recentes mais notáveis que não entram habitualmente no mercado de distribuição portugueses. A Mostra tem aprofundado este objetivo cada vez mais, dando a conhecer um panorama muito diverso, marcado principalmente pelo cinema de autor e, sobretudo nos últimos anos, pelo cinema jovem e emergente”, rematam.



GUTLAND

© LAURENT THURIN NAL

© NOVOTNY FILM



ANGELO



A ÁRVORE DA DISCÓRDIA

HAFSTEIN GUNNAR
SIGURÐSSON
REALIZADOR

Novas do Atlântico norte: um drama social com pinceladas de humor negro revela o pior das relações de vizinhança (ou será de todas?) sob a abundante folhagem de um inocente carvalho cuja sombra frondosa serve de mote para um conflito aparentemente insignificante. A natureza impotente assiste à espiral de violência humana, psicológica, depois física, com um desfecho fatal para ambas. Pelo meio desenrola-se outra tragédia (que nos é) familiar ao som de música celestial que acentua a tensão sob o céu cinzento de verão, onde o sol rasga por vezes as sombras da cortina verdejante e do

comportamento humano, onde o risível e o absurdo desenham a ineptidão dos homens para a convivência. A terceira longa metragem do realizador e co-argumentista islandês Hafstein Gunnar Sigurðsson surpreende e interroga-nos: seremos capazes de viver lado a lado? O realizador conta à METROPOLIS onde se inspirou, a poucos dias da estreia da película em Portugal.

MARIA HENRIQUES-RAPOSO

Este é um filme sobre as origens da violência ou simplesmente sobre as emoções que envolvem as relações humanas?

HGS Ambas. Em última análise é um filme sobre a guerra se observarmos a guerra concluímos que normalmente se trata de um conflito entre vizinhos a uma escala maior, então criei este microcosmos para explorar as relações humanas que existem numa comunidade, o que é sempre um compromisso até certo ponto. E isto é o que acontece quando não se está disposto a assumir compromissos.

Como uma fábula?

HGS Sim, pode dizer-se isso.

Quem é a personagem principal? Inga (a mãe), Atli (o filho), ou a árvore?

HGS É um filme *multicharacter* –existem dois *layers* da mesma história que estão ligados à árvore. É um drama de família e a árvore pode ser considerada como um símbolo da família.

Mas a árvore assiste silenciosa ao drama, é uma espectadora... E acaba por ser vítima da acção destruidora do Homem. Foi uma abordagem ecologista?

HGS Sim, se quiser. Mas não o fiz de forma consciente.

Onde se inspirou para escrever o guião?

HGS A inspiração original surgiu a partir de duas histórias verdadeiras

sobre conflitos ocorridos em Reykjavik, e ao escrever comecei a perceber que existia aqui um tema mais vasto do que os de vizinhos, que tem a ver com a guerra.

E porque escolheu uma árvore como o pomo da discórdia?

HGS Nós não temos muitas árvores aqui, então é natural que as pessoas fiquem relutantes em cortá-las!

O cenário é o de um bairro suburbano. Onde decorreu a rotação?

HGS Num velho subúrbio de Reykjavik, dos anos '60

É então um retrato da



sociedade local?

HGS Bom, eu quis fazer um filme que se pudesse passar em qualquer lugar, na América, na Europa. Mas lida com alguns problemas da sociedade Islandesa.

A personagem mais hostil é uma mulher (Inga) que se encontra em sofrimento. Que relação quis estabelecer entre as duas emoções?

HGS Ela passou por um trauma com o qual ainda não consegue lidar, então torna-se agressiva. Mas existe outra história que tem a ver com as sagas islandesas, há

mil anos atrás, quando existiam imensos conflitos entre famílias e as mulheres maquinavam na sombra, enquanto os homens actuavam. Há imensa gente que conhece estas histórias.

Isso é interessante, pois muitas vezes olhamos para a Islândia como uma sociedade matriarcal...

HGS Bom, não é verdade, estamos próximo disso, talvez mais do que outras partes do mundo, mas ainda não estamos lá!

Já afirmou que lhe interessa sobretudo analisar as pessoas, falar sobre as suas histórias; é por isso que escolhe, tal como em Either Way (Á annan veg, 2011, vencedor do Festival de Turim), relações de proximidade inescapável?

HGS Exacto. Nas nossas vidas estamos amarrados a pessoas, para o bem e para o mal, portanto, precisamos de confrontar-nos.

Desde 2011 que não filmava uma longa metragem, é difícil

fazer cinema na Islândia? Como funciona o processo?

HGS Sim, como em todo o lado, não é fácil, mas cooperamos com outros países europeus, e de alguma forma continuamos a fazer cinema. Existe um Fundo de cinema nórdico [Nordisk Film & TV Fond], ao qual todos os países nórdicos podem concorrer, o Icelandic Film Fund, e podemos financiarmo-nos noutros países, como na Alemanha ou Polónia, no caso deste filme, que é uma co-produção europeia.

Pode falar-me um pouco sobre o cinema islandês actual, uma

vez que pertence à segunda geração de realizadores?

HGS O cinema islandês é novo, o Fundo de que falei foi fundado em 1978, por isso é da minha idade, sim sou da geração que cresceu já com o cinema islandês, que tem vindo nos últimos anos a obter reconhecimento internacional. Mas falta fazer muito.

Quer partilhar connosco um pouco do seu próximo projecto?

HGS Estou a trabalhar numa série para televisão a exibir

aqui, e que será rodada no final de 2019, e também num filme com um elenco internacional, que será o meu primeiro filme falado em inglês.



CASA DE VIDRO

**FILIFE
MARTINS**
REALIZADOR

«Casa de Vidro» é uma das curtas-metragem que vai integrar o programa do 48.º Festival Internacional de Cinema de Roterdão, seguindo, depois, para a Competição Internacional do 41.º Festival Internacional de Curta-Metragem de Clermont-Ferrand. Antes de viajar para estes dois festivais, a Metropolis falou com o realizador Filipe Martins.

SARA AFONSO

Quando e por que sentiu que tinha de contar a história de Carlos?

FILIFE MARTINS O Carlos estava a viver há algum tempo num expositor de carros abandonado, na marginal do Douro, no Porto, muito perto de onde eu vivo. Éramos praticamente vizinhos. Também o via às vezes à porta de um supermercado próximo a pedir moedas, onde comecei a reparar na sua invulgar simpatia e delicadeza. Aos poucos, eu e a Né Barros (produtora do filme) fomos desenvolvendo uma curiosidade especial pelo Carlos. Mas foi só ao conversar diretamente com ele que percebi que o filme poderia ser uma possibilidade real. Na nossa

primeira conversa (e o encontro aconteceu por acaso, à porta do tal expositor de carros abandonado onde ele vivia), propus-lhe logo fazermos um pequeno filme sobre o seu quotidiano. Percebi imediatamente que era uma pessoa sensível e que seria capaz de se expor perante a câmara sem inibição. Além do próprio perfil e carisma do Carlos, havia também outras circunstâncias reais que convidavam a fazer o filme, em particular o facto de ele viver naquela “casa de vidro” transparente onde ele acabava inevitavelmente por permanecer exposto. Senti nessa exposição ou falta de privacidade uma carga poética natural.

Acompanharam-no durante 5 dias e ele não parece ter colocado qualquer entrave à câmara. Conhecemos o seu dia a dia, percebemos a sua educação, mas não sabemos nada sobre ele. O Filipe teve oportunidade de conhecer um pouco mais da sua história?

FM Eu próprio não sei muito mais sobre o Carlos para além do que é revelado no filme. Sei que era natural do Concelho de Paredes, que tinha perdido há muito o contacto com a família, que trabalhou no estrangeiro por um período, que a toxic dependência já o acompanhava há cerca de duas décadas. Apenas pequenos retalhos de informação. Durante

as filmagens, concentrámo-nos sobretudo na sua condição de vida atual, nos hábitos diários do presente. O seu passado raramente se tornou tópico de conversa.

Qual foi o maior desafio deste projeto?

FM O maior desafio foi, sem dúvida, conseguir conciliar as necessidades logísticas do filme com as necessidades do Carlos enquanto toxicodependente. Embora ele tenha mostrado sempre um genuíno interesse em fazer o filme, a verdade é que era uma pessoa profundamente condicionada pela sua adição. Não tinha horários, rotinas, contacto telefónico... por vezes desaparecia durante vários dias. As drogas falavam mais alto. Por exemplo, nunca tive a oportunidade de fazer um único ensaio prévio ou reunião de trabalho com ele. Um dia antes do início das filmagens, eu estava literalmente convencido que o filme já não ia acontecer, depois do Carlos ter faltado consecutivamente a todos os encontros que eu agendara com ele. O Carlos queria muito fazer o filme, mas a sua condição de toxicodependente tornava-o pouco fiável (mesmo contra a sua própria vontade).

Existiu algum momento mais marcante ou um algum pormenor que tenha mudado, de alguma forma, a sua forma de encarar a vida?

FM Fazer um filme sobre alguém cuja vida ficou reduzida a tão pouco dá-nos inevitavelmente uma perspetiva extrema sobre a condição humana. Leva-nos a vários tipos de reflexão: sobre a dignidade, sobre a resistência



física e mental, sobre a fragilidade. Um aspeto que me tocou particularmente, e que tentei captar no filme, era a simpatia e hospitalidade que o Carlos colhia da vizinhança e mesmo dos funcionários do supermercado onde ele pedia esmolas. Uma lição de tolerância social. Em termos formais, esse aspeto também me permitiu contornar algo que eu pretendia evitar no filme a todo o custo: a abordagem miserabilista ou condescendente.

O Carlos “partiu” na pós-produção, mas a memória dele vai percorrer o mundo em festivais. Como sente esta “missão”

FM O Carlos nunca chegou a ver

o filme finalizado. É algo que lamento profundamente. Mas, desde o início, mesmo antes do filme existir, foi sempre evidente a importância que esta experiência cinematográfica tinha para o Carlos. Fê-lo sentir-se de novo integrado, deu-lhe um sentido. No final, o filme acabou por tornar-se também uma homenagem póstuma, uma forma de imortalização.

Até agora, o filme está selecionado para o Festival Internacional de Cinema de Roterdão, seguindo, depois, para o Festival Internacional de Curta-Metragem de Clermont-Ferrand. Qual o “caminho” que se segue?

Fiquei muito contente com a seleção nestes dois festivais de relevo. Não sei qual será o percurso futuro do filme a partir daqui. Neste momento estamos a estudar várias possibilidades para aumentar a visibilidade do filme, inclusive em Portugal, onde ainda não estreou.

Que outros projetos estão previstos?

FM Além do “Casa de Vidro”, finalizei em 2018 um outro filme que também segue a mesma abordagem híbrida entre a ficção e o documentário: “Marias da Sé”, uma longa-metragem centrada num grupo de mulheres da comunidade da Sé do Porto. Neste momento, estou mais

concentrado na promoção destes dois filmes. Quanto a projetos futuros, há sempre algumas ideias na gaveta, mas tem faltado tempo. Não é fácil conciliar o trabalho independente como realizador com as restantes ocupações e compromissos profissionais, em particular o trabalho académico na ESMAD/IPP (onde dirijo o mestrado em Comunicação Audiovisual), a programação do Family Film Project – Festival Internacional de Cinema de Arquivo, Memória e Etnografia – e o trabalho de investigação no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.

CRÍTICA



Carlos é toxicodependente e sem-abrigo e vive numa casa de vidro, com divisões de papelão. Chama-lhe “estufa” e é nesse ambiente que crescem as ervas daninhas ao lado dos papelões que lhe servem de cama, cabeceira, arrumação e de “muro” para quando consome substâncias que lhe permitem habitar o mundo num estado de presença alterado, mas que já se tornou comum ao fim de tantos anos.

Filipe Martins acompanha a história de Carlos sem interferir no seu dia a dia passado na entrada de um supermercado, onde ajuda a estacionar carros ou presta auxílio a quem não o pede, para poder ganhar o suficiente e sustentar a vida simplista que leva. Com uma frágil figura e um corpo já muito maltratado pelos efeitos da droga, Carlos anda o que tiver de andar para comprar as suas doses de crack e heroína, toma banho num tanque público e alimenta-se de pouco ou dos mimos deixados pela D. Isabel e outras almas caridosas.

De manhã, aproveita a boleia do elétrico para ir “trabalhar” e muito do seu tempo é passado entre estações, a procurar beatas, a contar moedas, a interagir com os transeuntes, a arrumar carrinhos de compras ou simplesmente a cantar e a falar com o gato Salazar.

O realizador segue o registo da vida de Carlos, sem grandes entraves ou ambições, numa mistura entre documentário e ficção. Através da edição, somos espectadores da vida de um alguém que só se tem a si, mas que mesmo assim é “cuidado” por quem o vê ali todos os dias, apesar de passar despercebido a muitos outros. Não deseja muito mais do que viver cada dia, com as poucas coisas que parece necessitar. Não ficamos a saber quem foi, nem o que fez, mas sabemos que existe e que a sua casa de vidro é mais resistente que o papel, mas mesmo assim demasiado frágil para Carlos e o seu simples modo de vida. **SARA AFONSO**



MEU AMIGO FELA

Filme sobre o músico nigeriano Fela Kuti consagra a maturidade de Joel Zito Araújo em meio a um programa multigeracional de filmes que repensam o legado de África no Brasil

ENTREVISTA
RODRIGO FONSECA

É crescente a presença de cineastas negros, sobretudo mulheres diretoras, entre os festivais de cinema brasileiro, apontando um crescimento do contingente afrodescendente por trás das câmaras das longas-metragens latino-americanas. É o caso da realizadora Sabrina Fidalgo e seu carioquíssimo (mas universal) «Rainha», que já gravitou por 150 vitrines em diferentes países. Um volume amplo de eventos também se nota na carreira de filmes como «Kbela», de Yasmin Thayná, e «Peripatético», de Jéssica Queiroz. Destaca-se ainda o mineiro André Novais Oliveira, dono de uma estética naturalista transgressora, lapidada em cults como «Quintal» (2015). A sua nova longa-metragem, «Temporada», arrancou aplausos em Locarno, Turim

e Brasília, onde ganhou o troféu Candango de melhor filme, vitaminado pelo desempenho da atriz Grace Passô no papel de uma agente de saúde. Mas há um veterano nessa turma, que vem ganhando uma notoriedade global, agora, aos 64 anos de vida e 31 de carreira, que repagina sua importância nas fronteiras geopolíticas do Brasil: Joel Zito Araújo. Conhecido por reflexões morais sobre identidade (de cor, de raça e de sociedade), ele vem atraindo elogios europeus com sua nova empreitada documental, «Meu amigo Fela», no qual música e militância se aliam no afrobeat. Caldeirão multicultural, fervido no calor das ideias de Malcolm X, da urgência de compreensão da identidade africana e da vontade de expressar as raízes de seu continente natal sem o jugo dos

colonizadores brancos europeus, a cabeça do músico nigeriano Fela Kuti (1938-1997) é dissecada na narrativa investigativa de Joel Zito, que escolheu como seu berço o Festival de Roterdão, na Holanda, num canteiro muito especial, por onde os já citados Sabrina, Yasmin, Jéssica e Novais passaram com sua visão crítica da arte e de seu país. “Criador de uma sonoridade poderosa, Fela fazia músicas políticas. Dizia que não fazia canções de amor mas, sim, canções revolucionárias, o que faz dele um artista atualíssimo aqui pra nós deste Brasil militarizado que acaba de começar”, diz Joel Zito à Metrópolis. Empenhado desde a sua criação, em 1972, em servir como vitrine para narrativas de verve autoral mais preocupadas em explorar novas formas

de se representar as nossas angústias de cada dia do que com as bilheteiras, Roterdão reservou espaço na sua 48ª edição, encerrada a 3 de fevereiro, para os exercícios de poesia e de resistência das novíssimas gerações de cineastas negros no Brasil. Lá esteve o trabalho da diretora Glenda Nicácio, que trouxe da Bahia o doce «Café com Canela», há dois anos, e que leva a terras holandesas um trabalho novo, «Ilha», codirigido por Ary Rosa. Além dele, entraram no pacote selecionado por Janaina filmes como «ASSIM», de Keia Serruya; «BR3», de Bruno Ribeiro; «Dia de Jerusa», de Viviane Ferreira; «Eu, Minha Mãe e Wallace», da dupla Eduardo e Marcos Carvalho; e «Nada», de Gabriel Martins. Joel Zito vinha junto da garotada. Para afirmar o presente, Roterdão – que

compõe com Berlim, Cannes, Locarno, Veneza e São Sebastián a seleção de ouro das mostras competitivas da Europa – reverenciou o passado: a seção dedicada aos realizadores brasileiros afrodescendentes se chama Soul In The Eye, ou em português, Alma no Olho, mesmo nome de um curta de 1973 que transformou o ator Zózimo Bulbul (1937-2013) em um dos maiores realizadores do mundo quando o assunto é a diáspora africana. A sua curta de culto esteve lá, além de produções como «Aniceto do Império em dia de alforria», de 1981, e «Abolição», de 1988. Zózimo foi um dos artistas que fizeram a cabeça de Joel Zito. “Desenvolvemos essa mostra para falar do Zózimo a partir da dimensão política de seu legado no contexto do



MEU AMIGO FELA

JOEL ZITO ARAÚJO
REALIZADOR

cinema negro brasileiro”, diz a doutora em História Janaína Oliveira, professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora responsável pela curadoria da mostra para Roterdão. “O ‘Alma no olho’ já havia sido exibido no festival antes e, no fórum do Pan-African Cinema Today, ficou um interesse de se saber mais sobre Zózimo e sobre o que estava acontecendo no Brasil em termos das produções negras”.

Em suas pesquisas, Janaína chegou ao contundente trabalho de Joel Zito. «Meu amigo Fela» é, de longe, o filme mais vigoroso do realizador, que começou em 1988 uma trajetória audiovisual com os olhos bem abertos para os exercícios de exclusão do mundo, mas com os pés fincados na realidade de intolerâncias do Brasil. Realidade que ele transforma

ora em denúncia explícita (caso da longa «Cinderelas, lobos e um príncipe encantado»), ora em aulas de lirismo (como «São Paulo abraça Mandela»).

Quando se deu a descoberta do Fela Kuti na sua vida e o que essa figura incutiu ética e estética em suas reflexões?

JOEL ZITO ARAÚJO: Fela entrou na minha vida quando Carlos Moore, seu biógrafo oficial, viu o meu filme «A Negação do Brasil» e me procurou sugerindo que eu era o cara que poderia fazer o filme do “verdadeiro” ponto de vista dele, sobre esse genial músico nigeriano. Seria o Fela Kuti tratado como um grande ativista político que foi, e grande “panafricanista”. Isto aconteceu

há cerca de dez anos. Ele me alertou que depois de «My music is a weapon», um excelente .doc realizado no início dos anos oitenta, ninguém tinha feito mais nenhum filme sobre Fela. Mas que o nome ressurgia forte pelo musical sobre ele na Broadway, que fazia um imenso sucesso. Foi então que li a biografia «Fela: esta puta vida», escrita por Carlos. Na época, ele passava uma temporada no Brasil, vivendo em Salvador. E o que vi ali, literalmente, acendeu uma fogueira de desejos dentro de mim.

Que Fela você descobriu nessa leitura?

JZA O que eu vi foi um herói trágico que traduzia muitas de

minhas impressões e críticas sobre a África contemporânea, ainda com tanta submissão colonial, e tantos governantes que só se preocupam com eles mesmos e com suas famílias. E há os militares que, em nome da pátria, só defendem os interesses estrangeiros. Há uma classe média colonizada que considera seus países verdadeiras merdas, só tendo olhos submissos para os europeus e norte-americanos. Fela em sua música e em sua vida refletiu sobre isto. Aí eu encontrei o meu jeito de comentar uma parte da África que merece muita crítica. Digamos que peguei uma carona no Fela para expressar também o meu ponto de vista. Mas para a minha surpresa, surgiu um outro filme, exatamente quando consegui dinheiro para fazer “Meu Amigo Fela”. Felizmente o filme tinha interesse somente no Fela como ícone pop.

O que o Fela trouxe para o pensamento da identidade racial negra? O que é o africanismo que ele espelha?

JZA Fela, simbolicamente, viveu o mesmo processo identitário que todos nós afro-descendentes vivemos aqui no Brasil. Ele foi criado para achar os europeus lindos e maravilhosos, e para achar o seu país uma merda. Quando ele foi para Londres, essa fantasia começou a cair por terra. E quando ele encontrou seu grande amor norte-americano, Sandra Izsadore, ela explodiu essa mentalidade colonial dentro dele. Carlos alisava o cabelo quando jovem, e tentava clarear a pele. A grande poeta Maya Angelou exerceu em Carlos o mesmo papel que Sandra exerceu em Fela. Eu não tive uma musa assim no início da vida adulta, mas a dura vida de minha mãe como empregada doméstica negra me ajudou a optar pela minha negritude, simbolicamente optar por ela,

e como jovem miscigenado, “mulato”, a medida que passei ter orgulho de minha origem negra, eu me libertei da submissão colonial mental assim como Carlos e Fela. Então, eu acho que o africanismo de Fela é isto. É voltar para suas origens negras, ter orgulho delas, ter fraternidade e sororidade. E, ao mesmo tempo, ser crítico com os governos corruptos, egoístas, voltados para seus interesses e das elites (especialmente estrangeiras). Essa é contemporaneidade de Fela. Quando revejo o filme, parece que ele está comentando o Brasil.

Há 15 anos, você encantou o cinema com um drama seminal para o debate da representação das populações negras no país... e sobre o amor familiar: «Filhas do Vento», ficção que te deu o Kikito de melhor diretor em Gramado, em 2004. Mas, desde então, o documentário se tornou seu ambiente de expressão mais recorrente. O que essa imersão no real trouxe para o seu olhar cinematográfico?

JZA Como profissional de cinema, eu nasci fazendo documentários. Como amante de cinema, eu nasci amando as ficções. Confesso que, apesar da crescente tendência moderna de produção de gêneros híbridos, onde não se sabe onde começa um e termina o outro... coisa que eu gosto muito de ver..., eu ainda sou clássico nos meus projetos. Faço os dois meio como gêneros separados. Mas sempre inspirado no real. Agora, viverei uma fase ficcional. A minha próxima longa se chama «O pai da Rita», que é meio comédia, meio drama. E há uma série em que estou envolvido como coprodutor e diretor, que é também um projeto ficcional, baseado em um personagem histórico forte, que ainda não posso divulgar.



NOUVELLE SHOT

PATRICIA DEBRITO E CUNHA
VANESSA LIMA
DIRECTORAS

Cada vez mais as grandes produções cinematográficas começam a olhar para o nosso país como um território pleno de potencialidade para as suas necessidades. A Nouvelle Shot não é uma produtora, mas sim uma agência de lugares, que pretende mostrar o potencial do nosso país, das nossas gentes e dos nossos espaços a essas mesmas produções. A METROPOLIS falou com Vanessa Lima e Patrícia de Brito e Cunha para conhecer melhor esta agência e o seu trabalho.

SARA AFONSO

Portugal tem sido eleito como um dos melhores destinos turísticos do mundo e a produção cinematográfica em terras lusitanas pode ser um dos fortes contributos para a manutenção desse mesmo estatuto. Criado pelo Governo, e em vigor deste junho, o Fundo de Apoio ao Turismo e Cinema foi fixado em 30 milhões de euros, dos quais dez milhões de euros se destinam a financiar formas de incentivo à produção cinematográfica e audiovisual e captação de filmagens internacionais para Portugal. Tudo isto com um propósito de valorização e promoção da imagem do território e do país, e em harmonia com os objetivos

de política cinematográfica e audiovisual enquanto atividade cultural, assim como ações de promoção do incentivo e de visitas de prospeção a Portugal.

Assumidas, precisamente, em promover a imagem de Portugal como “destino único para filmagens”, Vanessa Lima e Patrícia de Brito e Cunha criaram aquela que consideram ser a primeira agência de lugares em solo nacional, a Nouvelle Shot. Vanessa Lima trabalhou muitos anos como publicitária em agências Internacionais e há uns anos decidiu mudar de vida, uma transformação que a levou a fundar uma empresa de Turismo

Náutico. Já Patrícia de Brito e Cunha, trazia experiência na área de implementação de eventos e alguns anos de trabalho com turismo de luxo. A junção destas duas empreendedoras parecia inevitável quando efetivamente a vida as surpreendeu com um pedido específico. No ano passado, Vanessa foi contactada pela Plural para facilitar barcos para uma telenovela, solicitação à qual se seguiu outro pedido para casas de luxo. Foi nesse momento que Vanessa decidiu contactar Patrícia e fecharam também uma *house location*, para filmagens da mesma telenovela.

No final dessa colaboração e

após uma pesquisa nacional e internacional, as duas profissionais perceberam que existia uma oportunidade de mercado, ou seja, “uma categoria de mercado ainda não profissionalizada: uma agência de *Scouting de Lugares*, como é conhecido o segmento. Tendo em conta a quantidade de profissionais *freelancers* que trabalham na área e produtoras que têm esta área de trabalho dentro da sua estrutura, mas não independente, nasceu, então, a missão da Nouvelle Shot. “A agência nasce da importância de podermos colaborar com quem já trabalha na área, mas com um *core business* específico e especializado”, acrescentam as responsáveis.

Especialização no sul, mas com o coração em todo o lado

Pretendendo que a Nouvelle Shot seja uma das grandes responsáveis por transformarem Portugal num destino único para filmagens, Patrícia de Brito e Cunha e Vanessa Lima ressaltam que o foco da sua ação será maioritariamente a sul de Lisboa e em todo Alentejo e Costa SW, mas o resto do país não foi esquecido. “Consideramos ser especializadas em agenciar lugares. Teremos grande foco na zona de Lisboa para sul mas, claro está, que neste momento temos espaços, casas, carros, barcos, outros, em todas as zonas do país.” Como empresa especializada em agenciar lugares, “temos que os ter em todo o país. Diariamente oferecemos-nos espaços nas zonas de Sintra, Cascais, Estoril, Douro, enfim, por Portugal inteiro”, refletem. E relativamente ao tipo de espaços, todos estão incluídos, “desde palácios a casas bem amorosas e bem ao estilo português”, acrescentam.



VANESSA LIMA

Especialização

Apostando no nosso país como um todo, a Nouvelle Shot enaltece a riqueza paisagística, histórica e cultural de Portugal, com locations e decors únicos, não só a nível estrutural como natural. Acreditando que têm um “produto e serviço especializado e diferenciador” e empenhadas em fazer a diferença, as duas responsáveis por esta agência de lugares, dividem a Nouvelle Shot em 4 áreas distintas: “Locations & Décors”, com casas, villas de luxo, estúdios, armazéns/fábricas, barcos, pontes, mosteiros, lugares históricos, praças, castelos/fortes, ferry boats, etc.; “Hidden Spots”, com enfoque no contexto natural, como spots no mar, rio, lagoas, praias, campos, ruas, montanhas, cascatas; “Facilities Management”, para facilitar licenças, taxas adequadas, curtos períodos de implementação, desde o briefing à

produção ou evento; “Alternative Services”, que trata de acomodação local para clientes e equipas de produção (“tratamos de tudo”), *transfers* marítimos e terrestres. Para estas profissionais é, por isso, muito importante a referência como uma agência de lugares e não uma produtora. “Fazemos bem o nosso trabalho de agenciar lugares e é nele que nos queremos especializar e ser a cada dia melhores”, concluem.

Internacionalização

Como levar, então, a mensagem e os serviços desta agência a produtores e agências de cinema internacionais? Como esperam poder mostrar ao mercado internacional que Portugal é, de facto, um excelente destino para grandes produções? Vanessa Lima e Patrícia de Brito e Cunha defendem que Portugal é como um diamante em bruto: “um destino

único, com uma luz maravilhosa para filmar, sendo que, como é um país pequeno, num curto espaço de tempo chegamos a lugares espetaculares e totalmente diferentes uns dos outros. Facilmente podemos filmar em Portugal como se estivéssemos em qualquer outra parte do mundo. Por exemplo, no Alentejo, pode filmar-se “África”. O filme «A Casa dos Espíritos», por exemplo, apesar de a história se passar na América do Sul, alguns trechos foram filmados em Lisboa e no Cercal do Alentejo, tal como no Cabo Espichel. Noutros locais de Portugal pode-se filmar como estando nas “Caraíbas”, enfim, Portugal é, de facto, um diamante em bruto.” Além de paisagens idílicas e versáteis, Portugal tem outro trunfo a seu favor. “O nosso povo é extremamente simpático e educado. Um estrangeiro pode

perder-se no meio da serra que a senhora que trabalha no campo vai sempre ajudá-lo a encontrar o seu caminho de volta para casa e ainda lhe oferece uma sopa maravilhosa feita com produtos da sua horta, para que possa ir aconchegado na sua viagem. Isto é Portugal, um país de pessoas de bom coração e onde se pode viver com muito amor”, refletem as fundadoras da Nouvelle Shot.

Como se sabe, já foram filmados em Portugal filmes como «O Círculo Invisível», que trouxe ao nosso país atores como Cameron Diaz e Christopher Eccleston; «A Casa dos Espíritos», filmado no Cabo Espichel, com atores como Glenn Close, Meryl Streep e Jeremy Irons. A série «Hornblower», foi realizado na Arrábida, costa de Sesimbra e no Cabo Espichel; «O Convento», com Catherine Deneuve e John

Malkovich, «007 - Ao Serviço de Sua Majestade» ou «As Viagens de Gulliver». “Queremos acreditar que, com os nossos serviços, vamos aumentar a lista de nomes que virão no futuro filmar a Portugal”, mencionam as mesmas.

Futuro

Até ao momento, e num ano de existência, já foram contratados vários dos nossos locais para filmagens de telenovelas, assim como para produções de moda e media. Temos tido vários pedidos nesse sentido. Quanto à procura por parte de produtoras estrangeiras, a Nouvelle Shot já tem planos: “Estamos neste momento em negociações, esperamos no primeiro trimestre do próximo ano ter novidades a esse nível.” Já estabeleceram, inclusivamente, contactos com o Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) e está previsto

um trabalho de cooperação entre o organismo público, sobretudo numa fase em que governo português está a apostar nos incentivos fiscais, através do programa internacional “Portugal PIC”, que visa trazer mais produções internacionais para Portugal.

Daqui a cinco anos e perante a incógnita de onde estará esta agência de lugares, as responsáveis desejam que a Nouvelle Shot seja uma referência tanto para o mercado nacional como para o mercado internacional e que Portugal também se afirme como uma referência para o mundo, como um país maravilhoso para se trabalhar na área do cinema, TV e *Shooting*, assim como para eventos diferenciadores, exclusivos e em lugares inóspitos.





FEVEREIRO É O MÊS DOS ÓSCARES NOS CANAIS TVCINE

O dia 24 de fevereiro aproxima-se e já se fazem apostas para a grande noite dos Óscares da Academia de Hollywood. Ainda com muitos dos filmes nomeados em exibição ou à espera de estreia, a homenagem dos canais TVCine à noite da premiação mais aguardada faz-se durante todo o mês de fevereiro, nos quatro fins de semana do mês, com dois especiais: o Ciclo Óscares: Atores Premiados e o Especial Óscares: Grandes Vencedores 2018. O primeiro exhibe, até ao fim-de-semana da cerimónia, os filmes com os atores e atrizes que foram premiados com as estatuetas de Melhores Ator e Atriz ou Melhores Ator e Atriz Secundários. Já o Especial Óscares: Grandes Vencedores 2018 reserva, para o dia da 91ª edição dos Óscares, os filmes vencedores nas categorias mais relevantes da última edição.

SARA AFONSO

DESTAQUES TV CINE

DESTAQUES TV CINE



CICLO ÓSCARES: ATORES PREMIADOS

Nos dias 2 e 3, 9 e 10, 16 e 17 e 23 de fevereiro, o canal TVCine 2 exibirá diversos filmes. Logo no dia 2, às 14h45, o ciclo é inaugurado por «A Última Ordem», de Josef von Sternberg, sobre um antigo general do Império Russo, que acaba em Hollywood como figurante num filme realizado por um antigo revolucionário. Emil Jannings venceu o Óscar para Melhor Ator no papel do General Dolgorucki, na companhia de Evelyn Brent, William Powell, Jack Raymond e Nicholas Soussanin. No mesmo dia, mas pelas 16h20, é a vez de «Uma Noite Aconteceu», o filme de Frank Capra que recebeu cinco estatuetas, entre elas a de Melhor Filme, Melhor Ator para Clark Gable, e Melhor Atriz Secundária para Claudette Colbert. Claudette é Ellen, uma herdeira mimada que foge para Nova Iorque onde conhece um

jornalista que transforma o seu futuro. Mais tarde, outro dos destaques deste dia é o filme de John Huston, «O Tesouro de Sierra Madre», que venceu em três categorias: Melhor Realizador, Melhor Argumento e Melhor Ator Secundário (Walter Huston). O filme passa às 19h50 e conta também com a participação de Humphrey Bogart e Bruce Bennett, na história de dois homens que ouvem falar do tesouro de Sierra Madre, no México, e se juntam a um prospector para procurarem o tesouro. A noite termina às 22h com «A Corrupção do Poder», vencedor das categorias de Melhor Ator Secundário para Broderick Crawford, Melhor Atriz Secundária para Mercedes McCambridge e Melhor Filme, sobre a ascensão e queda de um político corrupto que utiliza táticas astutas para conquistar o público e, assim,



conquistar o poder e favorecer os seus amigos.

No domingo, dia 3, os destaques incluem «Para Sempre», às 20h10, no qual Elgin (Bing Crosby) é um ator e cantor perdido no alcoolismo. Bernie (William Holden) convida-o para entrar na sua nova peça, mas a relação com a esposa deste, Georgie (Grace Kelly), vai transformar toda a situação. A “princesa” Grace venceu com este filme o seu único Óscar, na categoria de Melhor Atriz Secundária, e George Seaton, realizador e argumentista, venceu o prémio de Melhor Argumento. Às 22 horas, «A Rosa Tatuada» assume o palco, com a história de Serafina (Anna Magnani), uma viúva que cai numa profunda depressão enquanto tenta desvendar as traições do marido, até encontrar de novo o amor quando

conhece Álvaro (Burt Lancaster), um simpático motorista italiano. Anna Magnani foi considerada a melhor atriz, tendo o filme ganhado mais dois Óscares: Melhor Fotografia e Melhor Direção de Arte.

No sábado seguinte, dia 9, do mesmo realizador de «Lawrence da Arábia», David Lean, «A Ponte do Rio Kwai» (Versão Restaurada), pode ser revisto às 15h40. Vencedor de sete estatuetas, entre elas a de Melhor Realizador, Melhor Filme e Melhor Ator (Alec Guinness), «A Ponte do Rio Kwai» conta a história de uma divisão inglesa prisioneira dos japoneses que é usada para construir uma ponte chave para os objetivos das tropas nipónicas, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

DESTAQUES TV CINE



Apresentado, na época como um filme de histórias modernas, «Adivinha quem Vem Jantar» passa às 20h10 e traz-nos a história de uma família tradicional de S. Francisco de raça branca que entra em choque quando a filha Joey (Katherine Houghton) lhes apresenta o futuro marido, um médico de raça negra (Sidney Poitier). Katharine Hepburn vence, no papel de mãe de Joey, o seu segundo Óscar de Melhor Atriz Secundária e o filme ganha ainda o de Melhor Argumento. No domingo, dia 10, «O Padrinho», estreia-se às 13h50, com Marlon Brando, Al Pacino, James Caan, Robert Duvall e Diane Keaton. No papel de Don Corleone, Marlon Brando vence o seu único Óscar de Melhor Ator e o filme de Francis Ford Coppola arrecada ainda o prémio de Melhor Filme e Melhor Argumento Adaptado. Logo a seguir, às 18h40, é a vez de o superpremiado «O Padrinho - Parte II» fazer as delícias dos fãs. Nesta

segunda parte, Francis Ford Coppola vence também a estatueta de Melhor Filme, além do prémio de Melhor Ator para Robert De Niro e Melhor Realização, entre outros. «Os Acusados» fecha o dia, às 22h00, relatando a luta de uma mulher violada por três indivíduos e da assistente do Procurador do Distrito para que os culpados sejam punidos. Com Kelly McGillis e Jodie Foster, este é o primeiro dos dois Óscares que Jodie Foster recebeu na categoria de Melhor Atriz.

Na semana seguinte, no dia 16, às 16h45, é a vez de «Gandhi» celebrar a vitória de oito Óscares. A biografia de Mahatma K. Gandhi, apologista da não violência e pai da nação indiana, começa no início da sua carreira como advogado até ao seu assassinato, em 1948. Além de Melhor Filme, Melhor Realizador e Melhor Edição, Ben Kingsley vence o seu primeiro,



e único até à data, Óscar de Melhor Ator. «Filhos de Um Deus Menor» passa, depois, às 19h55, tendo proporcionado o Óscar de Melhor Atriz Secundária a Marlee Matlin pelo papel de Sarah, uma bela jovem surda-muda, com problemas emocionais muito fortes. No final do dia, às 22h, o filme de Brian de Palma, «Os Intocáveis» tem lugar no princípio dos anos 30, quando Elliott Ness (Kevin Costner) e a sua equipa têm por missão pôr atrás das grades o rei do crime organizado, Al Capone (Robert De Niro). Sean Connery vence neste filme o Óscar de Melhor Ator Secundário. No dia 17, «Filadélfia», vencedor de dois Óscares passa no mesmo canal, às 18h00. O filme, sobre um advogado infetado com o vírus da SIDA que põe a firma onde trabalhava em tribunal acusando-a de o ter despedido apenas por discriminação, dá a Tom Hanks o seu primeiro Óscar de Melhor Ator e a Bruce Springsteen o de Melhor Música.

A seguir, pelas 22h, é a vez de «Vida Interrompida» invadir o ecrã com Winona Ryder no papel de uma rapariga perturbada que é internada num hospital privado para doentes mentais, onde conhece outra inadaptada, Lisa, interpretada por Angelina Jolie, vencedora do seu único Óscar num papel secundário. O último sábado do mês, dia 23, dá primazia aos papéis principais, com «Ray» a galardoar Jamie Foxx, às 12h50, pela história verídica do músico Ray Charles; «O Último Rei da Escócia», às 19h55, sobre o jovem médico escocês que se torna médico pessoal, confidente e principal conselheiro do ditador Idi Amin Dada, interpretado por Forest Whitaker, que vence o Óscar de Melhor Ator; e «Lincoln», às 22h, com o retrato dos últimos quatro meses da vida de Abraham Lincoln, personificado pelo imaculado Daniel Day-Lewis, vencedor do mesmo prémio.

DESTAQUES TV CINE



GRANDES VENCEDORES 2018

No dia 24 de fevereiro, e antes da grande cerimônia no Dolby Theatre, o TVCine 2 emite uma seleção dos filmes vencedores da edição passada, a começar com «Coco», vencedor do Óscar de Melhor Animação e Melhor Música Original, às 07h00. Às 08h50, sobe à primeira fila «Linha Fantasma», de Paul Thomas Anderson, sobre o peculiar costureiro Reynolds Woodcock (Daniel Day-Lewis) e a sua obsessiva musa e amante, Alma. «Chama-me Pelo Teu Nome» vem logo a seguir, pelas 11h05, com o romance de verão de Elio, um jovem de 17 anos de férias em casa da família, e Oliver, o assistente do pai. Outro dos grandes nomeados de 2018, «Blade Runner 2049», vencedor de dois Óscares para Melhor

Fotografia e Efeitos Visuais, passa às 13h20. Realizado por Christopher Nolan, «Dunkirk» venceu três das oito categorias para as quais estava nomeado: Melhor Edição, Melhor Mistura de Som e Melhor Edição Sonora. Inspirado na Batalha de Dunquerque, durante a 2ª Guerra Mundial, em que centenas de milhares de soldados aliados são cercados pelo inimigo, «Dunkirk» chega às 16h05. A decisão do Primeiro Ministro britânico Winston Churchill durante a Segunda Guerra Mundial perante Hitler, está em destaque a partir das 17h55. «A Hora Mais Negra» deu a Gary Oldman a estatueta de Melhor Ator e ainda levou para casa a de Melhor Caracterização.

A história de como Tonya Harding, uma patinadora artística americana, viu o seu futuro desportivo em risco, quando se viu envolvida num violento ataque à sua rival, Nancy Kerrigan, surge na grelha de programação às 20h e apesar da nomeação de Margot Robbie para Melhor Atriz pelo seu desempenho na pele de Tonya, foi Allison Janney que viu o seu papel de mãe da atleta ser reconhecido pela academia na categoria de Melhor Atriz Secundária. Quase a finalizar o dia, «Três Cartazes à Beira da Estrada» chega às 22h, com a história emocionante de uma mãe que desafia pessoalmente as autoridades locais a resolverem o caso da morte da sua filha. O filme, realizado por Martin McDonagh, ofereceu a Frances

McDormand a estatueta de Melhor Atriz e a Sam Rockwell o galardão de Melhor Ator Secundário. Por fim, o vencedor do Melhor Filme e Melhor Realizador, «A Forma Da Água», passa a partir das meia-noite, trazendo-nos a vida da solitária Elisa (Sally Hawkins), que muda radicalmente quando ela e a colega descobrem um ser especial no laboratório governamental onde trabalham e com o qual Elisa vai desenvolver uma relação única e especial.



*Terminadas as festividades, já não há desculpas para não regressar às séries, sobretudo perante um cardápio com tanta qualidade. A Netflix traz estreias inéditas e regressos muito aguardados, como «O Justiceiro», mas também os canais portugueses estão atentos ao melhor que se faz lá fora. A **METROPOLIS** reuniu as estreias que não pode perder nas próximas semanas, mas não prometemos que a escolha do que ver primeiro seja fácil...SARA QUELHAS*



BONECA RUSSA NETFLIX

Ainda não se despediu de «Orange is the New Black» e já está envolvida noutra sucessão da Netflix: Nathasha Lyonne é protagonista e criadora – juntamente com Leslye Headland e Amy Poehler – de «Boneca Russa». A ação desenvolve-se em torno de Nadia, em dia de 36º aniversário, e desconstrói-se a partir daí. A personagem de Nathasha morre consecutivamente, regressando sempre à sua festa... apenas para morrer novamente. A trama acaba por ser uma homenagem a «Groundhog Day» (1993), um clássico incontornável quando se fala em viagens no tempo.



O JUSTICEIRO NETFLIX

Numa altura em que o futuro dos conteúdos Marvel na Netflix é incerto, perante a chegada iminente do streaming Disney+ e o cancelamento de várias séries, «O Justiceiro» foi recebido com grande entusiasmo. A série protagonizada por Jon Bernthal mantém o carimbo de muita violência, com o versátil ator a desferir porrada a torto e a direito. Além disso, o argumento continua a acompanhar a velocidade impulsiva de Frank Castle (Bernthal), incapaz de se contentar com uma vida banal. Há qualidade para continuar, é certo, mas dificilmente veremos a série ser renovada, atendendo ao passado recente.

FOTO@NETFLIX



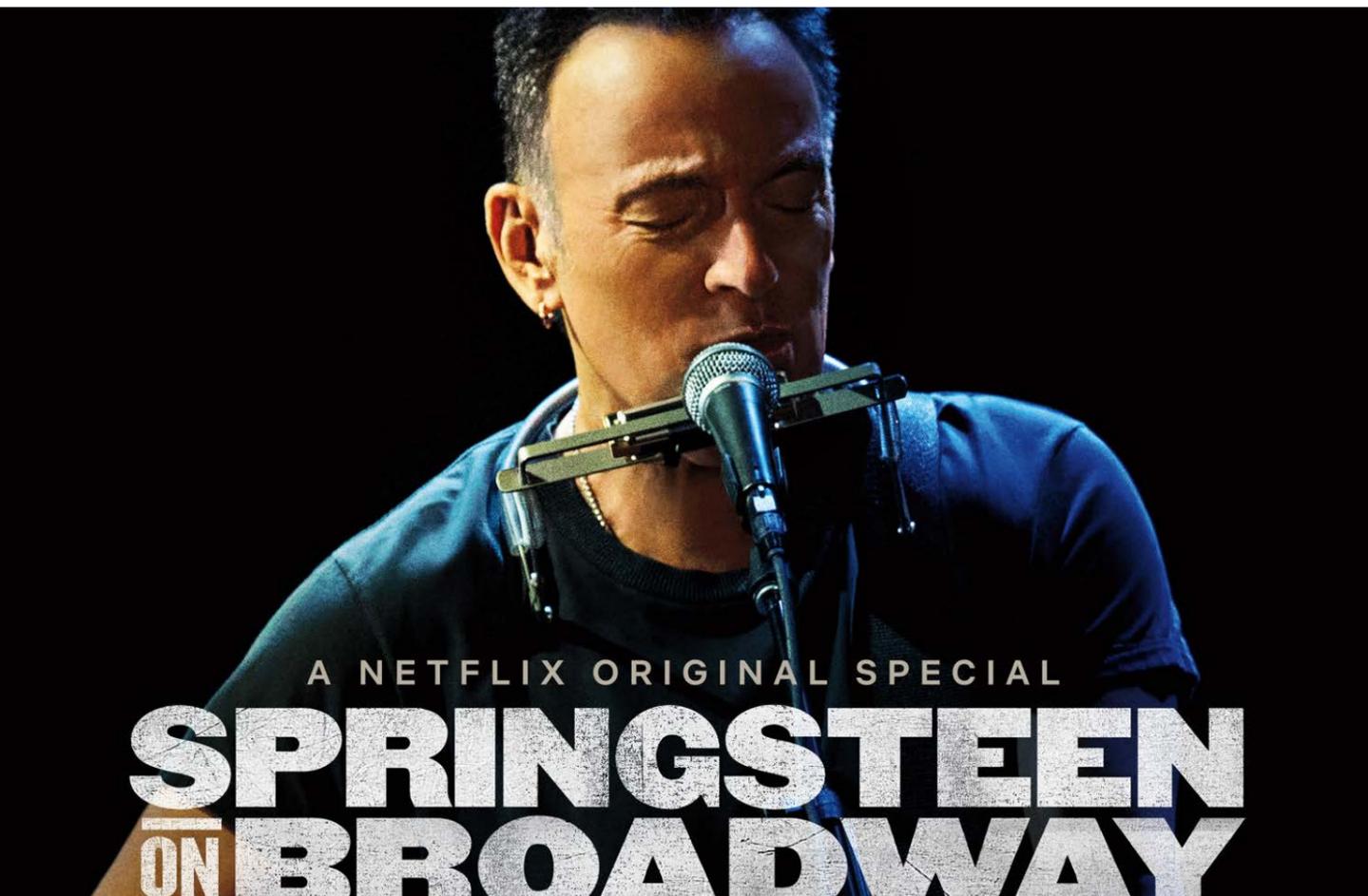
THE UMBRELLA ACADEMY NETFLIX

Enquanto uns heróis se afastam, outros chegam para lhes tomar o lugar. «The Umbrella Academy» traz mais uma adaptação das comics ao pequeno ecrã, com um elenco juvenil de luxo onde se destacam Tom Hopper («Velas Negras» e «A Guerra dos Tronos») e Ellen Page («Juno»). O grupo central da história, composto por jovens com poderes especiais, tem pela frente o árduo desafio de salvar o mundo do Apocalipse. Deixados pela primeira vez sem o apoio do 'pai' adotivo, os membros da "Umbrella Academy" têm de enfrentar obstáculos inesperados e missões exigentes, que vão testar a sua união e lealdade.



DAS BOOT: O SUBMARINO AMC

O canal AMC volta a apostar numa série fora do mainstream, mas com provas dadas. É o caso de «Das Boot: O Submarino», uma espécie de sequela do filme de 1981. De origem alemã, a ficção volta a viajar pelos horrores da Segunda Guerra Mundial. Em terra e no mar, a trama revisita a devastação causada pela guerra, tendo como epicentro da narrativa o submarino nazi U-612. Envolta em suspense, mistério e ação iminente, a série alemã é baseada na obra de sucesso de Lothar-Günther Buchheim.



SPRINGSTEEN ON BROADWAY NETFLIX

O espectáculo «Springsteen On Broadway» estreou no Netflix no próprio dia em que saiu de cena no Walter Kerr Theatre. Diz quem teve o privilégio de ver o caríssimo espectáculo ao vivo que a experiência foi inesquecível. E a julgar pelo especial agora disponível a todos os espectadores (e não apenas aos engravatados com os bolsos cheios que esgotaram noite após noite o teatro para ver e ouvir o herói da classe trabalhadora americana), este sobressairá, de facto, como uma espécie de glorioso apogeu de Springsteen como artista completo: escritor, cantor, actor... contador de histórias por excelência.

O espectáculo não tem propriamente uma introdução, mas tem o que Springsteen denomina como o setup para o seu truque de magia. Truque esse que permitiu que um homem que nunca viu o interior de uma fábrica, que nunca trabalhou das nove-às-cinco, que não participou na guerra do Vietnam e que escreveu “Racing In The Street” antes de aprender a

conduzir, se viesse a revelar como a voz de uma classe social desfavorecida e de uma geração irrequieta. Mas a arte é isso mesmo. A arte é sempre a representação de uma coisa e não a coisa em si. Mas criar arte não está ao alcance de todos e é por isso que Springsteen só há um.

E é assim que com um meticuloso alinhamento de canções do Springsteen cantor e uma sublime interpretação do Springsteen actor de um texto profundamente emocional do Springsteen escritor, a “fraude” se vai revelando e desdobrando em autobiografia. A realização, a cargo de Thom Zimny, um velho conhecido do cantor, esconde-se por detrás de uma simplicidade de movimentos e de planos, consciente de quem é o dono e senhor do palco. E ao tornar-se imperceptível, a realização liberta aquela primeira fila de lugares para quem quiser fazer parte de um dos mais mágicos espectáculos de tempos recentes. **MARCO OLIVEIRA**

NIGHTFLYERS
NETFLIX 1 DE FEVEREIRO

SEMPRE BRUXA
NETFLIX 1 DE FEVEREIRO

DEATH IN PARADISE
FOX CRIME 4 DE FEVEREIRO 7ª TEMPORADA

UM DIA DE CADA VEZ
NETFLIX 8 DE FEVEREIRO 3ª TEMPORADA

DIRTY JOHN
NETFLIX 14 DE FEVEREIRO

TIMELESS – FILME ESPECIAL FINAL
AXN 14 DE FEVEREIRO

REBELLION
NETFLIX 22 DE FEVEREIRO 2ª TEMPORADA

SUBURRA
NETFLIX 22 DE FEVEREIRO 2ª TEMPORADA

SIREN
SYFY 31 DE JANEIRO 2ª TEMPORADA

BROOKLYN NINE-NINE
TV SÉRIES 17 DE JANEIRO 6ª TEMPORADA

PROVEN INNOCENT
FOX LIFE 25 DE FEVEREIRO

THE FIRST
AMC 5 DE MARÇO

THE ENEMY WITHIN
FOX 13 DE MARÇO

MUNCH
FOX CRIME 25 DE MARÇO

BILLIONS
TVSÉRIES 26 DE MARÇO 4ª TEMPORADA

KNIGHTFALL
TV SÉRIES 31 DE MARÇO 2ª TEMPORADA



GREEN BOOK – UM GUIA PARA A VIDA

TÍTULO ORIGINAL

Green Book

REALIZADOR

Peter Farrelly

ACTORES

Mahershala Ali,
Viggo Mortensen,
Linda Cardellini

ORIGEM

Estados Unidos

DURAÇÃO

130'

ANO

2018

Com o brilharete que tem feito nesta temporada de prêmios dir-se-ia que «Green Book – Um Guia Para a Vida» se apresenta como algo de extraordinário no panorama. Esclareça-se já que, na verdade, não é assim. No entanto, vivem-se tempos, sobretudo na indústria cinematográfica americana, em que os filmes, mais do que o cinema que têm dentro, funcionam como “serviço de entrega” de mensagens e temáticas aos espectadores. E quanto a isso não temos nada contra, desde que no processo criativo não se anule completamente o fator “cinema”... Neste contexto, a boa notícia é que «Green Book», apesar de não se revelar uma obra maior ou sequer um objeto de fibra autoral (Peter Farrelly, cujo currículo se faz de comédias realizadas com irmão, como «Doidos Por Marry», só agora atingiu algum pedigree), tem mérito suficiente no ofício narrativo e sobretudo na conjugação dos seus atores. A saber, Mahershala Ali e Viggo Mortensen são a genuína atração deste filme – que nos fala do racismo entranhado na cultura americana –, conseguindo projetar nas suas personagens a humanidade estrutural de um bom conto, como se tem usado dizer, à maneira de Frank Capra.

Esta é a história verídica de Don Shirley (Ali) e Tony Vallelonga (Mortensen), o primeiro um pianista clássico

negro, o segundo um segurança italo-americano convertido, nos anos 1960, em motorista deste músico numa digressão pelo *Deep South* – região conotada com uma acentuada postura racista. É então essa viagem de mau augúrio que vai expor as diferenças epidérmicas e de classe entre um e outro, mas também (e acima de tudo) favorecer o crescimento de uma verdadeira amizade, entre os tons moderados do drama e da comédia. Estamos assim perante um quadro suficientemente específico da realidade americana e sobejamente universal na criação de bons sentimentos que, apesar de arriscar pouco na dureza do retrato dos Estados Unidos – temos apenas um momento que fica na memória, quando o carro pára em frente a um campo com trabalhadores negros que olham fixamente o seu “semelhante” –, consegue ser muito competente na construção dramática.

«Green Book» chega assim à nomeação para o Óscar de melhor filme (que soma com as da dupla de atores), envolvido pelo calor humano que faz falta aos nossos dias. Se quisermos elaborar um pouco a teoria de um filme “à Capra”: tal como foi a vontade de transmitir esperança às pessoas no pós-guerra que esteve por trás de «Do Céu Caiu Uma Estrela» (1946), também é uma adequação ao momento que faz o filme de Farrelly aquecer o coração do espectador. Resta saber se o tempo será generoso com ele, para ter garantida alguma da eternidade do clássico de Frank Capra. **INÉS N. LOURENÇO**



MARIA, RAINHA DOS ESCOCESSES

TÍTULO ORIGINAL
Mary Queen of Scots
REALIZADORA
Josie Rourke
ACTORES
Saoirse Ronan
Margot Robbie
Jack Lowden
ORIGEM
Reino Unido
DURAÇÃO
124'
ANO
2018



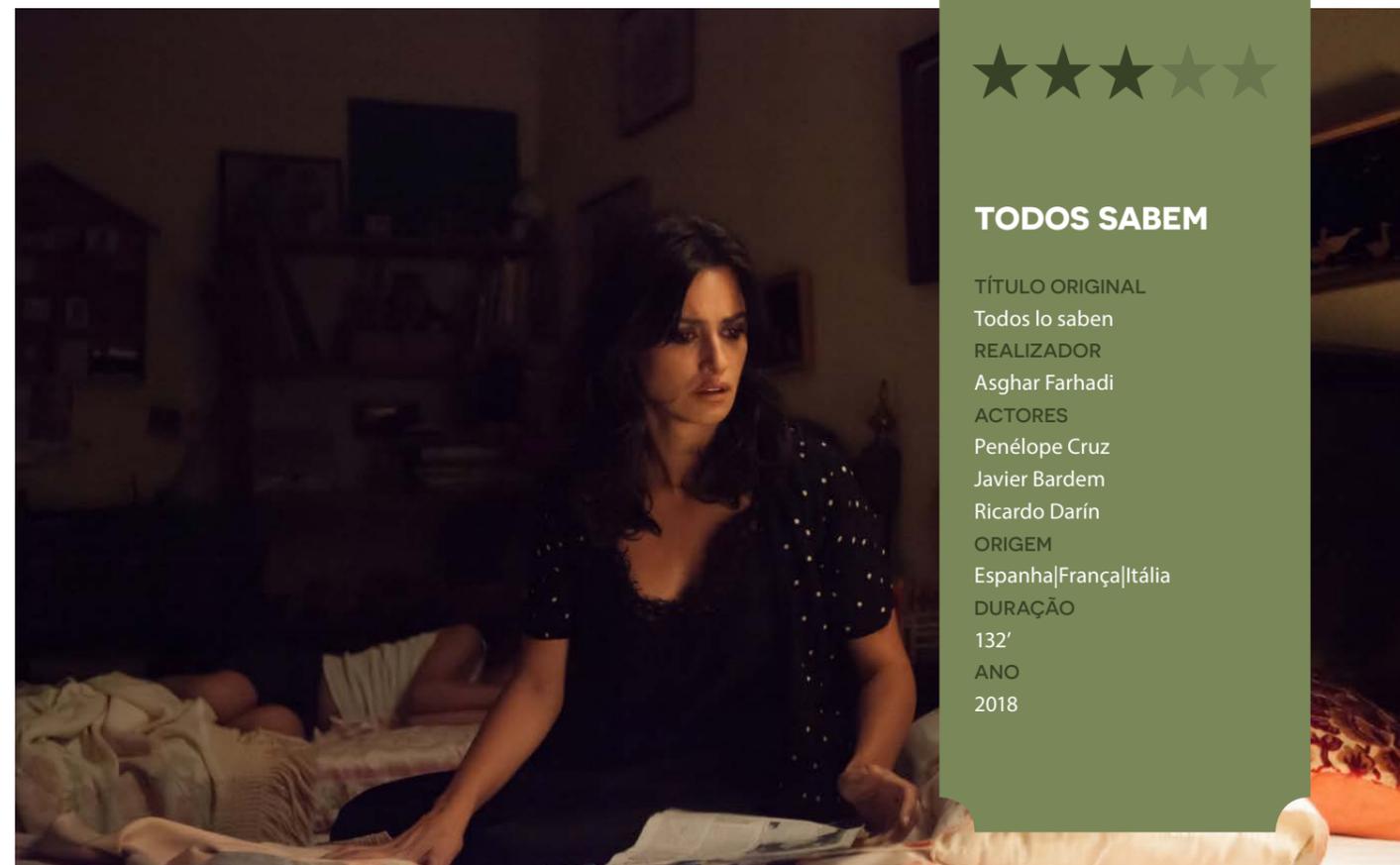
Muito potencial, mas pouco brilhantismo. «Maria, Rainha dos Escoceses» foca-se na história de Mary Stewart, que, com apenas 16 anos de idade, se tornou Rainha de França, tendo ficado viúva aos 18. Como se recusou a casar novamente, foi obrigada a abdicar e regressar à sua terra natal, a Escócia, para recuperar o seu direito ao trono. Nessa altura, tanto Escócia e Inglaterra estavam sob o domínio da rainha Elizabeth I. Recendo-se e admirando-se mutuamente, as duas primas, regentes num mundo de homens, iniciam um jogo político de revolta e conspirações que abala cada uma das cortes, causando consequências na própria História. A cineasta Josie Rourke, com uma carreira mais ligada ao teatro, estreia-se na realização e o filme acaba por denotar alguma falta de arrojo, não fugindo da superficialidade. Por outro lado, tem, efetivamente, uma componente muito teatral e um grande enfoque naquilo que são as interpretações dos atores, bem como uma grande preocupação com o detalhe. Este cuidado é patente numa produção cénica irrepreensível e uma caracterização notável, juntando-se um guarda-roupa vistoso, repleto de pormenores. Não obstante, a principal falha de «Maria, Rainha dos Escoceses» assenta num argumento algo entediante, sem chama suficiente para que o

espectador mantenha o interesse numa história que teria tudo para isso. A montagem também não consegue acrescentar ritmo a uma narrativa que teima em não descolar por completo. Já o elenco está afinadíssimo, com principal enfoque, claro, nas protagonistas, Saoirse Ronan e Margot Robbie, que mostram, uma vez mais, que são já duas intérpretes cimeiras da sua geração. Robbie é magnetizante e impressiona pela sua capacidade de transformação, mas o palco acaba por ser, naturalmente, de Ronan, já muito habituada a filmes de época - o seu primeiro grande papel foi em «Expição» (2007), tornando-se numa das mais jovens atrizes a ser nomeada para um Óscar - e, cada vez mais, a personagens complexos que lhe dão oportunidade para mostrar a sua amplitude interpretativa, como no filme «Lady Bird» (2017). A sua performance é imaculada, conseguindo sempre roubar a cena. «Maria, Rainha dos Escoceses» tem muitos ingredientes para um grande filme: portentosa história e uma dupla de atrizes com interpretações sagazes e certeiras. Contudo, o resultado final acaba por ser um filme sensaborão e com pouca capacidade de agarrar o espectador. **TATIANA HENRIQUES**



TODOS SABEM

TÍTULO ORIGINAL
Todos lo saben
REALIZADOR
Asghar Farhadi
ACTORES
Penélope Cruz
Javier Bardem
Ricardo Darín
ORIGEM
Espanha|França|Itália
DURAÇÃO
132'
ANO
2018



Penélope Cruz, Javier Bardem, Ricardo Darín e Asghar Farhadi, o que significa? Todos sabemos: ver o filme. Os nomes são magnéticos e colocam-nos num estado de ansiedade, pois queremos provar desta solução mágica. Porém, como acontece em certas histórias, a magia nem sempre é suficientemente forte. Depois da sua passagem por França com «O Passado» (2013), o realizador iraniano regressa a terras europeias, desta vez a uma pequena vila espanhola, na qual volta a explorar, a mergulhar nos difíceis laços familiares, nas chagas que se querem esquecidas.

Em «Todos Sabem», Laura (Penélope Cruz) depois de algum tempo fora regressa a Espanha com os filhos, Irene (Carla Campra) e Diego (Iván Chavero), para o casamento da irmã. O marido, Alejandro (Ricardo Darín) fica na Argentina por questões profissionais. Há um ambiente de festa, de felicidade, propício a reencontros agradáveis com conhecidos e amigos, entre os quais está Paco (Javier Bardem), velho amigo e vinhateiro de sucesso. No dia da boda tudo está perfeito, todos são uma grande e unida família que partilha vinho, música e sorrisos, até que chega a noite e Irene é sequestrada.

O sequestro é o mote, mas não o cerne do argumento. Mais uma vez Asghar Farhadi testa as relações, os laços, a família, e fá-lo sublimemente, mesmo numa língua que lhe é estranha. Ao longo do filme vemos a suspeita a crescer nos olhos, nas frases de cada personagem, todos podem ser culpados, pois todos têm motivos. Nós, do outro lado da tela, acompanhamos estas suspeitas, envolvemo-nos e vemos como tudo se quebra. É fascinante verificar que, apesar de sempre presente, a vítima passa para segundo plano, o mais importante é mostrar como cada indivíduo se revela nesta situação extrema. No entanto, há momentos que não são fluidos, ligações entre cenas - ou mesmo na história - que não são inteligíveis. Para além disso o trio de atores hispânicos não estão no seu máximo fulgor. As representações são creíveis, mas não nos cativam. No fim do filme ficamos com um sabor amargo na boca, porque o que vimos nos parece plausível, nos toca, isto é, as ações das personagens, a dor que causam umas às outras, a mesquinhez flagrante de todos da vila. Mas também porque esperávamos mais deste quarteto fantástico. **RITA FONSECA**



MEKTOUB, MY LOVE: CANTO PRIMEIRO

TÍTULO ORIGINAL

Mektoub, My Love: Canto Uno

REALIZADOR

Abdellatif Kechiche

ACTORES

Shaïn Boumedine

Ophélie Bau

Salim Kechiouche

ORIGEM

França|Itália

DURAÇÃO

181'

ANO

2017



Começamos pelas cenas de sexo, como aliás começa este canto primeiro de «Mektoub, My Love». A propósito de «A Vida de Adèle», o filme anterior de Abdellatif Kechiche, um crítico escrevia que, quando o cineasta franco-tunisino decidira abrir os grandes planos que caracterizavam a primeira hora do filme, expandindo as vistas e dando assim a ver mais corpos que rostos (nomeadamente na cena de amor protagonizada pelas atrizes Adèle Exarchopoulos e Léa Seydoux), acabaria por expôr “uma espécie de voyeurismo menor, uma gramática erótica mais convencional”. Para o crítico, esta opção vinha quebrar com a “rigorosa e subjectiva intimidade” até aí conseguida, identificando nela um olhar masculino (“male gaze”, os mesmos termos aplicados por Laura Mulvey nas suas famosas teorias feministas sobre o cinema) e a perda de uma certa elegância.

O que dizer então quando Kechiche nos entrega de bandeja, logo ao início deste Mektoub, dois corpos

despidos num cálido entrelaço adúltero capaz de enrubescer a mais vermelha das bolinhas ao canto do ecrã? Talvez que cada filme é um filme, cada olhar um olhar, e que se mostrar menos pode muitas vezes dar a ver mais, poucas regras existem neste jogo entre visível e invisível que é e sempre será o cinema. Se Kechiche mostra tudo naquele, chamemos-lhe assim, “pecado original”, talvez seja para depois explorar a sensualidade e o desejo além do puramente explícito. Desejo esse que nos parece aqui mais próximo de uma essência animal que social (as diferenças sociais pareciam ditar o fim da relação amorosa no filme anterior além de assombrarem as restantes películas de Kechiche, lembramos,). E desejo esse que o realizador filma com uma luz quase abençoada, como aquela de que falam São João e o Corão, em duas citações que faz conviver na epígrafe do filme.

Onde alguns verão uma câmara manipuladora, outros verão ausência de pudor e liberdade:

provavelmente todas essas dimensões contidas na lente de Kechiche, que apesar de tudo, ou acima de tudo, parece afirmar a sua subjectividade ao girar, à flor da pele, em torno dos corpos dançantes do filme (sobretudo mulheres, em trajas reduzidos mas não tão descobertos como naquela cena inicial) e, pormenor não menos importante, ao sublinhar que atrás da câmara encontra-se um realizador, na penumbra, à procura do que só ele vê. Estamos em 1994, na vila costeira Sète, no sul da França (a mesma de «O Segredo de um Cuscuz»), seguindo as férias de verão de um jovem universitário regressado de Paris. Ele é Amin (Shaïn Boumedine), observador reservado, aprendiz de fotografia, argumentista de filmes, com uma particular afinidade com a sombra, de que necessita para revelar as suas fotografias ou nutrir a sua cinefilia, vendo por exemplo o filme dos anos 20 «Arsenal», do russo Dovzhenko. Vemos um excerto deste filme de guerra a preto e branco em *Mektoub* e podemos dizer que constitui o corte mais

severo com a luz dourada e veranil do filme.

Se passamos tanto tempo à volta de corpos à beira mar filmados como milagres da vida, é verdade também que nos interrogamos sobre o que se passará pela alma de Amin, naquelas férias, e sobre o que de invisível esconde o seu silencioso olhar que desde o começo é o de um voyeur: é através dele que olhamos pelo buraco da fechadura (ou, neste caso, pela frecha de uma janela) e assistimos àquela ardente cena do início do filme. Será Ophélie, a sua amiga de infância hoje tornada mulher voluptuosa, um caso de amor ou um rosto e um corpo que pedem para ser fotografados por motivos que ele próprio ainda não descobriu? Poderão esses dois desejos coexistir? São algumas das perguntas lançadas por Kechiche e que ficam, felizmente, por responder. **AISHA RAHIM**



OS IRMÃOS SISTERS

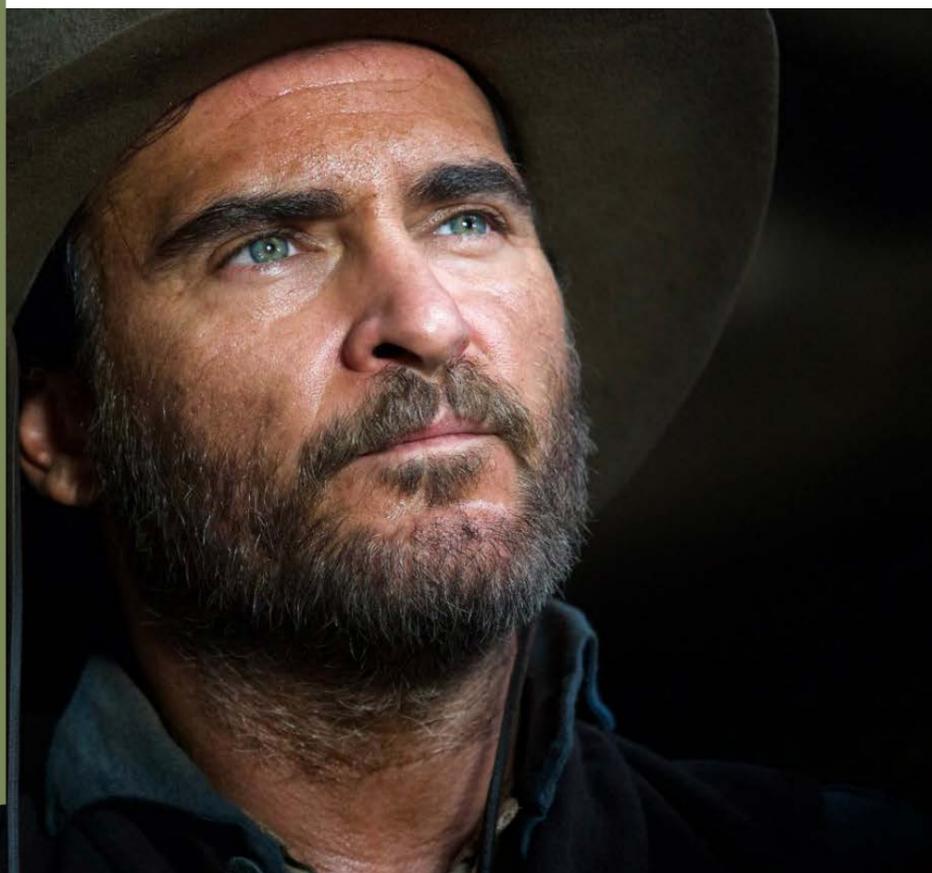
TÍTULO ORIGINAL
The Sisters Brothers

REALIZADOR
Jacques Audiard

ACTORES
John C. Reilly
Joaquín Phoenix
Jake Gyllenhaal

ORIGEM
França|Espanha|EUA

DURAÇÃO
122'
ANO
2018



Este é um filme que parte da curiosidade de um cineasta interessado em descobrir a paisagem humana e física de um território cinematográfico memorável. O francês Jacques Audiard estreia-se na realização de um filme falado em inglês com um *western*.
Numa perspetiva cinéfila é interessante ver alguém tão distante de Hollywood a explorar livremente este género. Audiard parte de um romance de um autor canadiano, Patrick deWitt, para contar um história relativamente simples e genuína: dois caçadores de prémios, os irmãos Eli e Charlie Sister (John C. Reilly e Joaquín Phoenix), são contratados para assassinar um garimpeiro estrangeiro, chamado Hermann Kermit Warm (Riz Ahmed), que procura a proteção de John Morris (Jake Gyllenhal), um fora da lei. Os quatro homens iniciam uma fuga e perseguição que os levará a percorrer 1.500 quilómetros, desde as montanhas florestais do Oregon selvagem até à costa luminosa da Califórnia e à cidade fulgurante de San Francisco – as rodagens, pasme-se, aconteceram em Espanha e na Roménia, comprovando que o imaginário visual do *western* não conhece territórios.
É uma viagem que permite definir momentos marcantes de uma época: o povoamento do

território, a construção de novas cidades e a corrida desenfreada ao ouro.
Os dois pares são figuras carismáticas e surpreendentes: um garimpeiro do médio oriente que é um alquimista, um fora da lei bem educado e erudito, e dois irmãos unidos pela frieza eficaz com que disparam e separados por dilemas morais. As personagens são a essência de um filme que é uma crónica de costumes, de uma época, dos contrastes entre um mundo sem ordem e uma civilização emergente – alguma vez vimos um cowboy fascinado com a descoberta da pasta de dentes? Pois isso acontece aqui sem que pareça desajustado. No elenco, John C. Reilly é o ás de trunfo no papel de um dos irmãos Sister – ele parece ter esperado a vida toda por esta personagem principal de um assassino com uma sensibilidade estranha e que muda a perspetiva sobre a sua condição durante esta longa viagem.
Audiard não pretende rever as convenções do género, o que é uma virtude. Ele interpreta a época abraçando normas contemporâneas que se revelam interessantes. Um *western* contemporâneo pode ser assim: sangrento, mas filosófico e muito divertido.

TIAGO ALVES



A FAVORITA

TÍTULO ORIGINAL

The Favourite

REALIZADOR

Yorgos Lanthimos

ACTORES

Olivia Colman

Emma Stone

Rachel Weisz

ORIGEM

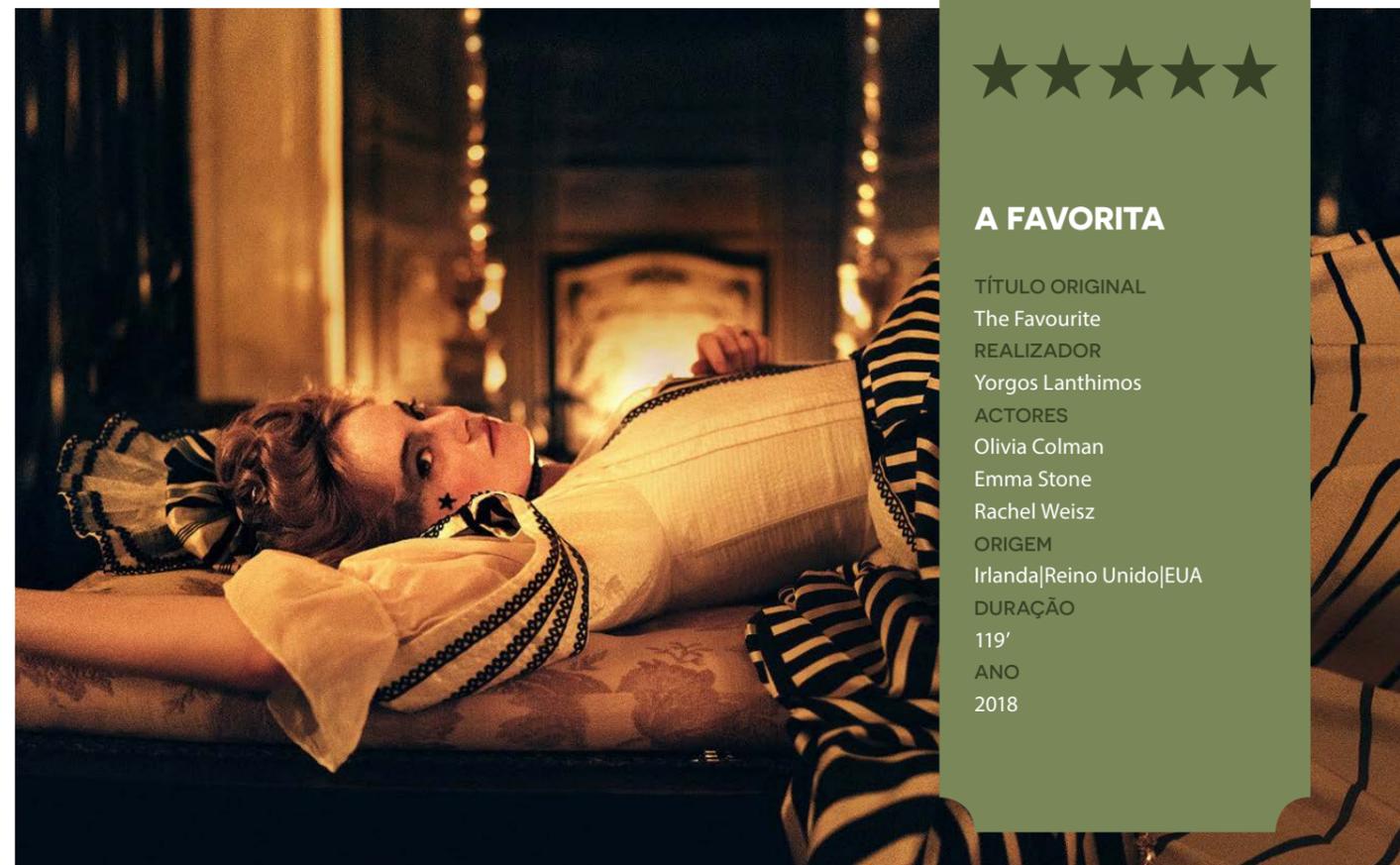
Irlanda|Reino Unido|EUA

DURAÇÃO

119'

ANO

2018



Cruel, violento, perverso. Estes são alguns dos adjectivos que habitualmente caracterizam o cinema de Yorgos Lanthimos. «A Favorita», que em muitos aspectos se demarca da restante obra do realizador grego, não será aqui, contudo, diferente. Mas devemos também acrescentar belo, sensual, exuberante... O filme parece reclamar de nós um discurso apaixonado que reflita uma primeira reacção puramente emocional, assente nos sentidos. Só muito mais tarde, talvez numa segunda visita, é que a razão é chamada a dar o seu contributo para o veredicto final: obra-prima!

Ambientado na Inglaterra do século XVIII, «A Favorita» passa-se quase na totalidade dentro dos aposentos da Rainha Ana (Olivia Colman), uma monarca pouco conhecida, até pelos historiadores. Disse-se dela que era ignorante e medrosa. Constantemente grávida (terá tido 17 crianças; morreram todas) e acometida por terríveis crises de gota que a deixavam imobilizada durante dias, a atenção da Rainha era muito disputada na corte. Dentre todos os que procuravam exercer a sua influência, ninguém como Sarah (Rachel Weisz), duquesa de Marlborough, esteve mais próxima de o conseguir. Isto até que Abigail Hill (Emma Stone) entra em cena.

Inspirado em factos reais, o argumento de «A Favorita»

(da autoria de Deborah Davis e Tony McNamara) não é o típico drama palaciano. Isto é, não faltam intrigas, traições, jogos de sedução e de poder, mas, acima de tudo, está a verdade das personagens a que o filme dá vida. As três protagonistas, Colman, Weisz e Stone, fazem um trabalho absolutamente extraordinário ao driblar as muitas “armadilhas” plantadas por Lanthimos no caminho da verosimilhança. Ele, que pela primeira vez não conta com o seu habitual co-argumentista, Efthymis Filippou, revela uma faceta mais terna que os espectadores não estavam habituados a ver nos seus filmes. É como se de repente a luz natural (mais uma novidade) iluminasse as personagens, mostrando-as na sua totalidade, na sua humanidade.

«A Favorita» é também o filme onde Lanthimos vai mais longe na experimentação formal. A distorção óptica causada pelo uso de uma lente grande-angular (“olho-de-peixe”) ou da câmara-lenta resultam na criação de um universo onírico que se funde com uma distintiva marca documental. O efeito é verdadeiramente estranho. Às vezes absurdo, cómico, mas nunca falso.

Marcando a afirmação internacional de Lanthimos, «A Favorita» lidera a corrida à 91.ª edição dos Oscars com 10 nomeações, incluindo as categorias de Melhor Filme, Melhor Realização, Melhor Argumento e Melhor Atriz.

CATARINA MAIA

CINEMA MAX

FILMES BOX OFFICE MAKING OF GOSSIP

Todo o Cinema
num canal Português



RTP2

QUARTA-FEIRA 22H50

ANTENA 1

DIÁRIO: 10H40 | SEMANAL: QUARTA-FEIRA 00H00
SÁBADO 18H00

ANTENA 3

DIÁRIO: 14H40 | SEMANAL: SÁBADO 10H00



CAFARNAUM

TÍTULO ORIGINAL

Capharnaüm

REALIZADOR

Nadine Labaki

ACTORES

Zain Al Rafeea

Yordanos Shiferaw

Boluwatife Treasure Bankole

ORIGEM

Líbano|EUA|França

DURAÇÃO

126'

ANO

2018

O nome da cidade bíblica onde Jesus chegou a realizar diversos milagres é evocado pela realizadora e atriz libanesa Nadine Labaki para situar e contextualizar a ação de um drama sobre miséria humana. As ruínas de Cafarnaum estão em Israel, e este é um dos locais que Jesus quando sentiu que as pessoas se afastaram do seu ministério.

Lugar de tumulto e desordem, cidade caída em desgraça. As favelas de Beirute são a Cafarnaum moderna onde é filmada esta história de Zain (Zain Al Rafeea), um rapaz de 12 anos que decide processar os pais, acusando-os de negligência por terem gerado uma criança não tendo condições de a sustentar e educar.

Zain vive de biscates de rua e esquemas ilegais que ajudam a sustentar a família e entra em ruptura quando os pais obrigam a irmã de 11 anos a casar-se com um comerciante local. Ele foge de casa e o filme alarga o seu olhar sobre a realidade miserável que o rodeia. Encontra refúgio com uma imigrante ilegal libanesa que faz trabalho doméstico em condições precárias tendo como principal preocupação sustentar a sua bebé. Até que um dia, a mulher não regressa.

Um dia atrás do outro, e a situação de Zain degrada-se, tendo que cuidar de si e da bebé.

A narrativa de «Cafarnaum» combina várias dimensões da miséria humana. Os pobres, os desvalidos, as crianças, os imigrantes, todas as pessoas invisíveis para o Estado. Tudo é mostrado num registo realista denso e explícito, pornográfico e fotogénico, gerando reações diversas do público: desconforto com esta realidade e empatia com os excluídos, ou rejeição com uma visão demasiado maniqueísta do problema.

«Cafarnaum» recebeu os prémios ecuménico e do júri no Festival de Cannes e está nomeado para o Óscar de melhor filme estrangeiro graças a uma dimensão humanista, que é alcançada através de uma perspetiva verdadeira sobre as favelas, e à direção de um ator tão jovem naquelas condições. O pior é a reviravolta que sustenta a ideia inicial do filme, o julgamento final onde os argumentos a favor da criança e contra os pais são expostos de uma forma simplista e pouco inteligente. **TIAGO ALVES**



O CAPITÃO
ROBERT SCHWENTKE



VIÚVAS
STEVE MCQUEEN

TOP10 NUNO ANTUNES

- Blackklansman:O Infiltrado (Spike Lee)
- O Capitão (Robert Schwentke)
- Chama-me Pelo Teu Nome (Luca Guadagnino)
- No Coração da Escuridão (Paul Schrader)
- Homem-Aranha: No Universo Aranha (Bob Persichetti, Peter Ramsey, Rodney Rothman)
- Roma (Alfonso Cuarón)
- Shoplifters (Hirokazu Koreeda)
- Sicário: Guerra de Cartéis (Stefano Sollima)
- Viúvas (Steve McQueen)
- O Workshop (Laurent Cantet)

PAULO BRANCO E O “SENHOR BRANCO”...

NUNO ANTUNES

Contam-se muitas histórias sobre Paulo Branco. Enquanto produtor, distribuidor e exibidor. Algumas são boas, outras más. Como acontece com qualquer empreendedor a sério.

Apesar disso, foi surpreendente a reação da organização do Festival de Cannes em Maio ao processo judicial do “senhor Branco” para tentar impedir a exibição de “O Homem que Matou D. Quixote” na sessão de encerramento.

“Do produtor que mostrou a sua verdadeira face de uma vez por todas” a “toda a nossa profissão sabe que ‘forçar a questão’ tem sido sempre o método preferido do senhor Branco” e que este “gosta de salientar que a sua imagem e a sua credibilidade são essencialmente construídas pelas suas numerosas aparições em Cannes e pela sua proximidade com os grandes autores homenageados pelo Festival. A última parte é verdadeira, o que aumenta a nossa diversão”, o comunicado assinado pelo presidente Pierre Lescure e o delegado-geral Thierry Frémaux destacou-se por uma agressividade pouco diplomática.

O “senhor Branco” resistiu à humilhação pública e até viu reconhecidos na justiça direitos sobre o filme de Terry Gilliam no fim de um processo que descreveu como um “desastre industrial”. Mas não é difícil de acreditar que algumas pessoas ficaram satisfeitas pela organização do maior festival de

cinema do mundo ter colocado às claras o que se conta por cá em tertúlias ou jantares em jeito de anedota... ou rancor.

Apesar deste ruído, eu e muitos outros devemos muito a Paulo Branco enquanto simples espectadores. E foi nisso em que pensei quando, a quatro dias do Natal, ele finalmente anunciou a decisão que já tinha tomado há algum tempo: o fecho dos cinemas Monumental, em Lisboa, a 20 de Fevereiro de 2019.

A seguir, terão lugar algumas sessões ao fim-de-semana, organizadas pela Medeia, até o próprio centro comercial fechar para obras de reestruturação. As salas irão regressar com a reabertura, mas não com Paulo Branco. E muito provavelmente com muito pouco do cinema que ele deu a conhecer.

Existiu um período glorioso para se descobrir de forma regular e consistente outras cinematografias de todo o mundo no King, Monumental, Saldanha Residence, Ávila e Nimas. E isso podia tornar-se uma paixão avassaladora, primeiro com os preços mais baixos nas sessões logo de manhã durante a semana nos anos 90, depois graças à criação do Medeia Card, que permitia aos assinantes ver todos os filmes que quisessem (e tão atacado que ele foi nessa altura).

Ao longo de décadas, Paulo Branco apostou, foi ganhando e perdendo. A partir de 2008, a crise económica (e de espectadores, não vale a pena escondê-lo), forçaram-no a cortar na programação e desistir de quase todas as salas que explorava em Lisboa. A partir de 21 de Fevereiro resta o Nimas, onde promete reforçar a oferta e com “escolhas criteriosas” de realizadores.

“Se fechamos é para fazer melhor, não é para parar”, garantiu.

Digam o que disserem do “senhor Branco”, este Paulo Branco continua a fazer muita falta.

NOTA EDITORIAL: No dossier especial de balanço de 2018 publicado na edição 65 da Metropolis, foi publicado um texto antigo e a sua autoria foi atribuída a Nuno Antunes. Ao visado apresentamos as nossas desculpas e publicamos o texto correto.

METROPOLIS

M